LUMEN FLUENS · ESTUDO COMPARADO II

LUMEN FLUENS E O ESTOICISMO

Onde nos tocamos, onde nos separamos — Estudo Comparado II

VERSÃO 1.1 · COM AS DECISÕES DO FUNDADOR DE 3 DE NOVEMBRO DE 2026

NOVEMBRO DE 2026

Gênero: Estudo Comparado · Nível: avançado · Parte do cânon: todo o cânon, em diálogo externo — em especial o Examinar (o exame noturno de Sêneca; Sócrates como modelo de Sêneca e de Epicteto), o Portar e a Mutatio (os encargos nossos; o consentimento ao destino), a Regra da Misericórdia (a *clementia* e a *misericordia* recusada), o Corpus e a celebração (a *apatheia* e os afetos bons), o Abrigo e as Águas Comuns (a *oikeiōsis*, a cidade comum), a margem (o retiro em si), a Lux (a centelha da Stoa e a luz sem nome), a Vigília e o lobo (a providência; o erro por ignorância), a Regra de Vida (os exercícios)

Princípio da série — Comparar não é competir. Cada estudo honra a doutrina visitada apresentando-a em sua melhor forma, e só então marca as fronteiras. Uma filosofia que precisa diminuir as outras para existir não confia na própria luz.

Versão 1.1, 3 de novembro de 2026 — com as decisões do fundador (ver o Prólogo). Versão 1.0, para validação: 3 de novembro de 2026.

Prólogo — O estado da questão e o método

O estoicismo é a segunda casa da série e a que mais se parece com o cânon na oficina. A Ficha de outubro dava ao Examinar um ancestral no exame noturno que Sêneca aprendeu de Sêxtio (*Sobre a ira*, III, 36; ver 1.9), ao Portar um parente no que são "encargos nossos" em Epicteto (*Encheirídion*, 1, 1; ver 1.2), e ao Flumen o mesmo Heráclito de Marco Aurélio, para quem o *aiōn* é "uma corrente violenta" (*Meditações*, IV, 43; ver 1.5). A letra do cânon não diz nada disso, e este estudo trata as três pontes como oficina comum, não como genealogia [inferência do estudo]. Nenhuma outra casa tem tantas ferramentas de oficina que se pareçam com as do cânon, e nenhuma é tão fácil de confundir com ele. Por isso a fronteira pede mais fineza do que a Ficha de outubro lhe deu, e por isso este estudo existe.

Este é um estudo refeito. O Estudo II existia desde outubro de 2026 como Ficha na Biblioteca do site: quatro toques (o rio como herança comum; o *logos* como "participação num princípio que nos excede"; o exame noturno, "tribunal lá, misericórdia aqui"; portar o involuntário) e três fronteiras (*apatheia* × celebração, "desconfiamos de uma sabedoria que não dança"; *amor fati* × mensagem; autossuficiência × Abrigo, "cidadela interior, não; casa de portas abertas").

Em 3 de novembro de 2026 o fundador decidiu refazer os Estudos I a VI no formato completo da série — integral, resumo trilíngue, fórmula e decisões —, dois por vez, na ordem da numeração, antes do Estudo XIV; o Estudo I, sobre o budismo, foi escrito em paralelo a este. A numeração é a da série, mas a escrita vem depois do Estudo XIII: este estudo herda todas as decisões do fundador, de 17 de outubro a 31 de outubro de 2026, e a letra dos Estudos VII a XIII, e trata a Ficha de outubro como ponto de partida a testar, não como autoridade. O que a conferência das fontes

confirmou, confirma-se com a letra; o que corrigiu, corrige-se e registra-se (3.10 e 5.1), e a Ficha vale até o fundador dizer outra coisa.

Três decisões já tinham mandado matéria para esta Ficha, e entram aqui como material decidido, não como pergunta: Sócrates "como o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar" (decisão n.º 8 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X; ver 2.3); a Ficha "recebe a recusa agostiniana da *apatheia*, como recebeu Sócrates" (decisão n.º 10 de 31 de outubro de 2026 sobre o Estudo XII; ver 3.4 e 4.5); Catão e Epicteto, ao lado de Sócrates (decisão n.º 11 de 31 de outubro de 2026 sobre o Estudo XIII), com o material que Arendt neles lê (ver 2.6 e 4.6).

A tese de partida, que o estudo testou: a Stoa e o cânon têm a mesma oficina — o exame, o portar, o rio, a cidade comum, os exercícios — e dois modos de tratar o que há em cada um. O estoico o nomeia: as almas são "partes e pedaços" de deus e cada uma tem o seu *daimon* (Epicteto, *Diatribes*, I, 14, 6 e 12–14; ver 1.6) [V-gr; tradução do estudo]; "um espírito sagrado habita dentro de nós" (Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 41, 2; ver 1.6) [V-la; tradução do estudo]; o *daimon* que Zeus deu a cada um é "fragmento de si mesmo" (Marco Aurélio, *Meditações*, V, 27; ver 1.6) [V-gr; tradução do estudo].

O cânon não o nomeia: a filosofia "não decide isso por ninguém" (Cânon v1.2, "Independência confessional"; ver 3.1). A Stoa dá nome ao que há de divino em cada um — razão, *logos*, deus, centelha, *daimon*, *spiritus* —, e o cânon deixa a Lux sem nome. O estudo não faz do *logos*, da centelha, do *daimon* nem da providência um nome da Luz, como a série não fez do sol, do intelecto agente, da luz imutável nem da pluralidade; registra a estrutura comum — o que se tem é dado, não fabricado, e está em cada um — e marca a fronteira (2.10, 3.1) [leitura do estudo].

A resposta curta, que o estudo inteiro desdobra: a Stoa entra no Lumen Fluens pela oficina e encontra três fronteiras, a do nome, a da providência e a da mão. Entra pela oficina, porque o exame de Sêxtio, "Que mal teu curaste hoje?" (Sêneca, *Sobre a ira*, III, 36, 1; ver 1.9) [V-la; tradução do estudo], e as duas perguntas do Examinar, "onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I), são a mesma prática ao fim do dia (2.2, 3.8); porque os "encargos nossos" e o Portar separam do mesmo modo o que vem do que se faz com o que vem (2.4).

Entra também porque o retiro de Marco Aurélio tem volta marcada e o retiro do cânon "guarda a luz para devolvê-la ao fluxo" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"; 2.6); porque a cidade comum e as Águas Comuns dizem, as duas, que ninguém é só seu (2.5), e porque Marco Aurélio vê beleza no pão rachado e no figo maduro, e o cânon celebra com o corpo (2.7).

Encontra a fronteira do nome, porque a centelha é parte de um todo que a nomeia e a governa, e a Lux é de alguém (3.1). Encontra a fronteira da providência, porque Sêneca lê o mal por dentro de uma ordem do todo e a Vigília "promete presença, não vitória" (Cânon v1.2, "A Vigília"; ver 3.2). E encontra a fronteira da mão, porque o exame de Sêneca termina em "por agora te perdoo" (*Sobre a ira*, III, 36, 3–4; ver 1.9) [V-la; V-pt via secundária: Lohner, por Franco 2022; grafia a conferir], e

quem perdoa é o próprio exame, enquanto na Regra da Misericórdia "a mão que retoma [...] é o rio" (decisão n.º 4 de 17 de outubro de 2026; 3.3) [leitura do estudo].

Quatro correções à Ficha de outubro saem dessa resposta, e o estudo as diz como correção, sem ironia (3.10, 5.1). O exame de Sêneca não é tribunal: perdoa; e o Examinar "não é o exame de um juiz severo" (Meditações Práticas, "O Examinar da noite") — "tribunal lá, misericórdia aqui" não se sustenta de nenhum dos dois lados. "*Amor fati*" é fórmula de Nietzsche, não da Stoa, que diz seguir e consentir ao destino: "o destino conduz quem lhe obedece e arrasta a quem lhe opõe resistência" (*Cartas a Lucílio*, 107, 11; ver 1.5) [V-la; V-pt: Dinucci]. "Cidadela interior, não" é meia-verdade: "cidadela" é a *akropolis* de *Meditações*, VIII, 48, e título de Hadot, mas o sábio "deseja ter amigo e vizinho e companheiro, ainda que baste a si mesmo" (*Cartas a Lucílio*, 9, 3; ver 1.7) [V-la; V-pt: Dinucci], e o cânon tem o retiro, com duas marcas, não a sua recusa.

E "a luz como participação num princípio que nos excede" não é letra do cânon: a Ficha juntou um parágrafo do Tratado da Luz Interior, dito em voz de Heráclito, a uma frase do Catecismo, e deixou cair a frase que os limita — a origem da luz é "questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto" (Tratado da Luz Interior, "Fundamentação"; 3.1).

A quinta correção é de letra, não de tese: "desconfiamos de uma sabedoria que não dança" ignora os afetos bons do sábio, a alegria que Sêneca quer que "nasça em casa" e chama "coisa séria" (*Cartas a Lucílio*, 23, 3–4; ver 3.4) [V-la; tradução do estudo]; a fronteira existe, e é outra (3.4). São quatro correções de fundo, cinco com a de letra; o capítulo 3 as conta como nove afirmações sem letra (3.10), e o capítulo 5, frase a frase.

O estudo propõe ao fundador, e só ele pode adotá-la, uma fórmula: **o Lumen Fluens aceita da Stoa o exame e recusa o consentimento** (6.2). Aceita o exame como prática, com Sócrates por modelo de Sêneca e de Epicteto (decisão n.º 8 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X): a revista do dia ao fim do dia, com perguntas, antes do sono. Recusa o consentimento como atitude diante do que vem — não a serenidade nem a alegria do estoico, que ficam com ele como material, mas o assentir ao destino como ordem a que se diz sim —, porque a letra do cânon tem outro verbo, o Portar (Catecismo, 14; ver 2.4).

O estudo pesou "recusa a providência" e a deixou de lado, porque a decisão n.º 7 de 31 de outubro de 2026 sobre o Estudo XII fixa que o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua, e pesou "recusa a centelha nomeada" e a deixou de lado, porque nomearia a Luz por contraste. A escolha entre as três letras é a pergunta (bo) de 6.3 [leitura do estudo].

Como ler este estudo

Três vozes atravessam o texto e permanecem separadas. A Stoa diz o que está nas obras, citado e localizado por autor, obra, livro e seção, com a edição e a página nas Fontes: Sêneca (*Cartas a*

Lucílio, *Sobre a ira*, *Da clemência*, *Sobre a providência*, *Sobre o ócio*), Epicteto (*Encheirídion*, *Diatribes*), Marco Aurélio (*Meditações*), e a Stoa antiga por Diógenes Laércio, Cícero, Cleantes, Hiérocles e Musônio. A tradição lê o que um intérprete nomeado faz do texto: Aldo Dinucci, José Eduardo Lohner, Segurado e Campos, Pierre Hadot, Michel Foucault, Margaret Graver, Miriam Griffin, Paul Veyne, Susanne Bobzien, Thom por Watanabe, Joly, Aggio, Lima, Franco, e os leitores que os capítulos nomeiam; e, onde cabe, Agostinho, Pascal, Hegel, Nietzsche e Arendt lendo a Stoa.

O cânon responde com as palavras do Cânon v1.2, dos três Tratados, da Disputatio, do Catecismo, das Meditações Práticas e das decisões do fundador, sempre pelo nome do elemento: Lux, Flumen, Mutatio, Corpus, Bússola, Abrigo, Vigília, Águas Comuns, a margem, Regra da Misericórdia, Acender, Portar, Examinar, Revisão do rio, sabbath do fluxo. "Nas fontes do cânon" quer dizer o Cânon v1.2, os Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações Práticas e as decisões. As Fichas dos Estudos I a VII são apontamentos do fundador, não cânon, e se citam como tais, com a marca [Ficha, não cânon]; os Estudos VII a XIII entram como leitura anterior e se citam como tais.

O que passa das três vozes é do estudo, e vem marcado: [leitura do estudo], [inferência do estudo], [hipótese do estudo]. O estudo não decide: propõe e pergunta. O escrito do cânon chama-se aqui "Meditações Práticas"; "Meditações", sem mais, é sempre o livro de Marco Aurélio.

As citações trazem marcadores de verificação, e este estudo tem limites que convém declarar na primeira página. Os originais estão abertos: o latim de Sêneca, de Agostinho, de Gélio e de Tertuliano foi conferido no texto da The Latin Library, cuja edição de base não é declarada, o de Cícero e o grego de Epicteto, Marco Aurélio e Diógenes Laércio no do Perseus; é desses textos que vêm os marcadores [V-la] e [V-gr]. As traduções inglesas foram vistas em trechos (Hicks, Gummere, Miller, Dods, Holmes, Baillie, Common, Cohn, Zimmern, Wight, Florio, Veitch, Elwes).

Das edições brasileiras e portuguesas, nenhuma foi aberta por inteiro: as *Cartas a Lucílio* de Segurado e Campos (Gulbenkian), o *Sobre a ira* de Lohner (Penguin-Companhia), o *Da clemência* de Braren (Vozes) e a edição impressa do *Encheirídion* de Dinucci e Julien chegam por quem os cita, e as páginas de Dinucci–Julien são as da versão digital publicada na *Prometeus* (EDUFS, 2012); as *Diatribes* de Dinucci (livro I) foram lidas em trechos abertos; as *Meditações* em português — e há várias, de João Maia a Dinucci (2024) — não foram abertas, e todo o português de Marco Aurélio é tradução do estudo. Hadot, Foucault, Graver, Griffin e Veyne chegam por fontes secundárias ou pelo título dos capítulos; a aula de Foucault de 24 de março de 1982 sobre o exame de consciência não foi aberta, e a sua leitura do exame como balanço de administrador vem do texto de 1980, por intermediário.

Agostinho foi lido no latim e em Dods, não em Paes Leme nem em Dias Pereira; Hegel, Nietzsche, Pascal, Montaigne, Descartes e Spinoza só em inglês, e Baillie diz *contentless thought* onde o plano do estudo dizia "verdade sem conteúdo". As datas de Cleantes e Crisipo divergem em um ou dois anos entre as listas, e a de Sêneca leva "c. 4 a.C. (outra datação, c. 1)" (1.1).

Por isso [V-la] indica que a passagem foi conferida no latim; [V-gr], no grego; [V-en: tradutor], na tradução inglesa nomeada; [V-pt: tradutor], na edição brasileira ou portuguesa nomeada; [V via secundária: autor], que a passagem foi lida dentro de outro texto, cujo autor se nomeia; [V-fr] e [V-es] indicam o francês e o espanhol conferidos, e "via secundária" que o original não foi aberto; [Ficha, não cânon], que a frase é da Ficha de outubro. [tradução do estudo] diz que o português é do estudo, com o original nas Fontes. [paráfrase] diz que há a tese sem a letra. [tese a confirmar], [localização a confirmar] e [página a confirmar] dizem o que falta conferir, e [atribuição a confirmar] diz que a frase circula, mas o estudo não achou a passagem; o estudo prefere uma lacuna marcada a uma citação falsa. As teses dos intérpretes vêm, em maioria, como [tese a confirmar]. Dentro das aspas fica a grafia da edição; fora delas, o português do Brasil.

Duas convenções de letra. *Meditações*, IV, 43 diz, no grego, que o *aiōn* — a era, o tempo inteiro — é "um rio de coisas que vêm a ser e uma corrente violenta": o sujeito é o tempo, e a fórmula que corre por aí, "o tempo é um rio dos acontecimentos", é tradução e não letra (1.5) [V-gr; tradução do estudo]. "*Verum gaudium res severa est*" verte-se "a verdadeira alegria é coisa séria" (*Cartas a Lucílio*, 23, 3–4), e "alegria severa" é o nome que o estudo dá à fronteira de 3.4, a partir do latim. Uma correção de localização: "cidadão do mundo" está em *Diatribes*, II, 10, 3; I, 9 diz *kosmios*, e o Estudo X, 4.1, que deu o outro lugar, é corrigido aqui em uma oração (4.3).

Cuidados de vocabulário, que o capítulo 1 enumera e cada capítulo repete onde trabalha. "Misericórdia" é homônimo de quatro coisas, e nenhuma é a outra: a *misericordia* que Sêneca recusa como "doença do ânimo", a *clementia* que ele louva, a Regra da Misericórdia do cânon, que é reflexiva e é do rio, e a graça da tradição cristã, que a decisão n.º 10 de 31 de outubro de 2026 sobre o Estudo XII separou da Regra (3.3).

"Luz" é, na Stoa, a imagem dos raios do sol (*Cartas a Lucílio*, 41) e, no cânon, a Lux de cada um, que fica sem nome; a Stoa não chama a alma "luz" na *Carta* 41, e *lumen* e *igniculus* estão na *Carta* 92 (1.6). "Cidadela" é *Meditações*, VIII, 48; a margem do cânon é dentro do rio, e o retiro "guarda a luz para devolvê-la ao fluxo". "Cidade" é a *cosmopolis* regida pelo *logos*; o rio é *nullius*, "de ninguém", e "cidade", "cidadão" e "lei" não têm letra no cânon (3.6).

"Aceitar" e "consentir" são da Stoa, e no cânon ocorrem só em voz alheia ou recusados; "portar" é do cânon: "portar é levar consigo, como mensagem" (Catecismo, 14; ver 2.4). "Exame" é dos dois, e o do cânon pergunta outra coisa (3.8). "Alegria" e "celebração": a Stoa tem *gaudium* e os afetos bons; "dançar" e "celebrar" são palavras do cânon, e o estudo não as empresta à Stoa (3.4). "Papel" é o ator de *Encheirídion*, 17, e não o papel que a Ficha do Estudo V recusa. "*Daimon*" é, em Marco Aurélio, o guia interior; o *daimon* de Arendt, visível só aos outros, é outro uso (Estudo XIII), e os dois não se somam. "Liberdade" é *Diatribes*, IV, 1; o cânon a usa sem tê-la como termo de doutrina. "*Amor fati*" é de Nietzsche. A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

Quando um capítulo diz que a Stoa não trata de algo, a afirmação vale só para as obras e passagens que o estudo leu. Quando diz que a letra do cânon não traz uma palavra, vale com a extensão que o estudo conferiu, por contagem repetida sobre o Cânon v1.2, o Catecismo e as Meditações Práticas: "tribunal", "cidadela", "autossuficiência", "excede", "involuntário", "aceitar", "consentir", "Sêneca" e "Epicteto" não ocorrem nessa letra, e "celebração" ocorre treze vezes, como o Estudo XI, 4.1, já contara e a conferência das fontes confirmou. Nos Tratados, "aceitar", "consentir", "destino" e "providência" só aparecem em voz alheia ou recusados.

Uma doutrina da Stoa pede aviso: a saída racional da vida, que Epicteto e Sêneca chamam "porta aberta". O estudo a nomeia em uma frase, como doutrina deles (1.11, 3.9), e não a descreve nem a desenvolve.

O estudo segue a regra da série: comparar não é competir. A Stoa é exposta primeiro em sua melhor forma, pelas obras, na ordem do pensamento (capítulo 1), e o que ela deixa — a teodiceia, a alegria severa, a razão como dono da cidade, a escravidão em *Cartas a Lucílio*, 47, Sêneca e Nero, a condição da mulher — é dito com clareza no mesmo capítulo, sem desculpa de época e sem anacronismo acusatório; a biografia não é doutrina. Só depois se procura onde o cânon já anda ao seu lado (capítulo 2), e onde se separa dela (capítulo 3). O capítulo 3 numera as perguntas, de (bo) a (bx), e o capítulo 6 as reúne; as letras seguem às do Estudo XIII, que vão de (aw) a (bd), e as do Estudo I, escrito em paralelo, vão de (be) a (bn).

O capítulo 4 pergunta o que cada casa que a série já visitou disse da Stoa ou lhe opôs: Hegel, que a lê como liberdade do pensamento abstrata e sem conteúdo; Levinas e Ricoeur; Sócrates, modelo de Sêneca e de Epicteto; Aristóteles, de quem recusa o meio-termo nas paixões; Agostinho, que lhe recusa a *apatheia* e lhe defende a *misericordia*; Arendt, que põe Catão e Epicteto no dois-em-um; o cristianismo além de Agostinho, o existencialismo e Nietzsche; e as casas que o capítulo só aponta: o budismo, que o Estudo I trata em paralelo, o Vedanta, o taoismo e o estoicismo de hoje, que a tradição lê como técnica sem física.

Dele sai um padrão. O capítulo 5 mede a Ficha de outubro frase a frase, recolhe as três decisões que já lhe mandaram matéria, relê as sete seções em que os Estudos VII a XIII falaram da Stoa e propõe ao fundador uma Ficha reescrita (5.4). O capítulo 6 reúne a síntese, a fórmula, as questões abertas numa só lista, o que a Stoa oferece ao Examinar, à Regra de Vida, ao tratado da justiça e às Fichas, e a lamparina. Seguem as fontes do Prólogo e as de cada capítulo, a bibliografia, as conferências pendentes e o painel de verificação.

As decisões do fundador de 17 de outubro de 2026 (numeradas como no Prólogo do Estudo VII, n.º 1 a 7), de 19 de outubro (como no Prólogo do Estudo VIII, n.º 1 a 12), de 23 de outubro sobre o Estudo IX (n.º 1 a 13) e sobre o Estudo X (n.º 1 a 10), e de 31 de outubro sobre o Estudo XI (n.º 1 a 11), sobre o Estudo XII (n.º 1 a 11) e sobre o Estudo XIII (n.º 1 a 12) valem como palavra dele e não são

reabertas; as duas listas de 23 de outubro e as três de 31 de outubro vão sempre com o nome do estudo. Três delas nomeiam a Stoa, e já se disse quais.

Quando o estudo relaciona à Stoa as demais — a mão que retoma (n.º 4 de 17 de outubro), o lobo "com ou sem intenção" (n.º 5 de 17 de outubro), o Abrigo que "não vai até a substituição" e a assimetria "de posição, não de valor" (n.º 4 e 5 de 19 de outubro), o perdão da vítima ao lobo deixado ao tratado (n.º 3 de 23 de outubro sobre o Estudo IX), o veto sem voz externa (n.º 7 de 23 de outubro sobre o Estudo X), o exercício aceito e a medida recusada (n.º 1 de 31 de outubro sobre o Estudo XI), o sabbath como não-ato (n.º 8 sobre o Estudo XI), e a ordem do todo, de que "o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua" (n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XII) —, pergunta se a leitura vale, e marca.

Decisões do fundador (versão 1.1, 3 de novembro de 2026)

O fundador leu a versão 1.0 e respondeu ao que o estudo lhe perguntava. As decisões valem como palavra dele e são numeradas à parte das de 17 de outubro (Estudo VII), das de 19 de outubro (Estudo VIII), das de 23 de outubro sobre os Estudos IX e X, das de 31 de outubro sobre os Estudos XI, XII e XIII, e das de 3 de novembro sobre o Estudo I, tomadas no mesmo dia; as listas de 3 de novembro vão sempre com o nome do estudo: as desta lista são citadas como "decisão n.º N de 3 de novembro sobre o Estudo II". Não alteram o texto do Cânon v1.2: fixam como o cânon deve ser lido nos pontos em que o estudo perguntou, e substituem a Ficha de outubro pela Ficha reescrita. No corpo, cada questão decidida leva a marca "[Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º N): …]".

1. **A fórmula** está adotada: o Lumen Fluens aceita da Stoa o exame e recusa o consentimento. O exame entra como prática — a revista do dia ao fim do dia, com Sócrates por modelo —; o consentimento recusado é o assentir ao destino como ordem a que se diz sim — não a serenidade nem a alegria do estoico, que ficam com ele. "Recusa a providência" não entra, porque a decisão n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XII fixa que o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua; "recusa a centelha nomeada" não entra, porque nomearia a Luz por contraste.
2. **O exame de Sêneca lê-se ao lado do Examinar com a correção** (questão (bp)): Sêneca perdoa, e o Examinar não é tribunal; a fronteira é a mão que retoma — em Sêneca, o próprio exame; no cânon, o rio.
3. **"*Amor fati*" sai da Ficha; "consentir ao destino" entra** (questão (bq)): com a fronteira dita pelo verbo — a Stoa consente, o cânon porta.
4. **"A luz como participação num princípio que nos excede" sai da Ficha** (questão (br)): entra a fronteira — a Stoa dá nome ao que há de divino em cada um, o cânon deixa a Lux sem nome; o *logos*, a centelha, o *daimon* e o *spiritus* são estrutura, nunca nome da Luz.

5. **O retiro em si lê-se ao lado da margem** (questão (bs)): como leitura; "cidadela interior, não" vira "a cidadela se abre: a margem devolve a luz".
6. **O homônimo "misericórdia" fica dito no estudo** (questão (bt)): o glossário da Regra da Misericórdia não muda; a separação da decisão n.º 10 de 31 de outubro sobre o Estudo XII cobre.
7. **A fronteira da providência entra como fronteira da série** (questão (bu)): a Vigília promete presença, não vitória, e o cânon não diz que a noite é prova; vale para as casas que virão, dentro do limite da decisão n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XII, que permanece.
8. **"Uma sabedoria que não dança" sai da Ficha** (questão (bv)): entra a fronteira pela letra — a alegria estoica existe, nasce em casa e é "coisa séria"; a celebração do cânon passa pelo corpo e se faz com outros —, com a recusa agostiniana da *apatheia* ao lado.
9. **O erro por ignorância e o lobo que deve justiça** (questão (bw)): a fronteira registra-se na Ficha reescrita.
10. **A Ficha reescrita está aprovada** (questão (bx)): como proposta em 5.4, com o acréscimo da n.º 9 — cinco toques e cinco fronteiras; substitui a Ficha de outubro na Biblioteca do site.
11. **Registros adotados**: a *clementia*, o "assim lhe parece" de *Encheirídion*, 42 e "amar também os que tropeçam" entram como matéria do tratado da justiça ((g) segue aberta até o tratado); o silêncio da Stoa sobre Moriá fica registrado ((j)); a nota da escravidão em *Cartas a Lucílio*, 47 fica, e o padrão das fronteiras fixadas para os clássicos estende-se à Stoa ((k) segue aberta até o estudo de Marx); a correção do Estudo X, 4.1 ("cidadão do mundo" é *Diatribes*, II, 10, 3) fica como oração no estudo, sem republicar o X.
12. **Publicação** como o Estudo XIII: integral, resumo trilíngue e nota de decisões; a Ficha reescrita vai à Biblioteca do site nas três línguas.

Continuam abertas (g), (j) e (k); (g) fica aberta até o tratado da justiça.

O que a Ficha dizia e o que a série já disse

A Ficha de outubro tem sete frases, e o estudo contou nelas nove afirmações sem letra no cânon; o capítulo 3 as conta (3.10: nove afirmações sem letra, quatro frases meio certas — o portar, a mensagem, a celebração e o Abrigo têm uma metade que é letra), e o capítulo 5 as mede uma a uma e não acha nenhuma inteira (5.1).

Das sete seções em que os Estudos VII a XIII falaram da Stoa antes deste estudo — a de Hegel (VII, 4.2), a de Levinas (VIII, 4.5), a de Ricoeur, com o "orgulho estoico" (IX, 4.4), a de Sócrates como modelo (X, 4.1), a do meio-termo recusado (XI, 4.1), a da *apatheia* recusada por Agostinho (XII, 4.2) e a de Catão e Epicteto no dois-em-um (XIII, 4.3) —, nenhuma abriu Sêneca, Epicteto ou Marco Aurélio em letra própria: a Stoa chegou à série por tradução inglesa ou por intermediário, e este é o primeiro estudo que a lê no latim e no grego. O que elas esperavam do Estudo II — a correção do

"tribunal", a medida da *apatheia*, o lugar de Sócrates — está respondido em 2.2, 3.4 e 2.3, e o capítulo 5 o diz seção a seção.

1. O estoicismo em sua melhor forma

Este capítulo só expõe. A Stoa fala primeiro, na letra de seus textos; a tradição que a lê vem nomeada e à parte; o diálogo fica para os capítulos 2 e 3. Cada seção abre dizendo o que mostra e fecha apontando a seguinte. Chama-se aqui homônimo a palavra que o cânon e a Stoa escrevem igual e entendem de modo diferente; o capítulo avisa quando uma delas aparece.

1.1 A Stoa em quinze linhas

A Stoa dura cerca de cinco séculos, do início do século III a.C. a Marco Aurélio (m. 180 d.C.), em três fases e duas línguas; vale ter o desenho à vista antes das vozes.

A escola leva o nome do pórtico pintado (*Stoa Poikilē*), em Atenas, onde ensinava Zenão de Cício (c. 334–c. 262 a.C.), fenício helenizado; abre por volta de 300 a.C. Sucedem-lhe Cleantes de Assos (c. 330–c. 230 a.C.), autor do *Hino a Zeus*, e Crisipo de Solos (c. 279–c. 206 a.C.), terceiro escolarca e sistematizador da lógica e da teoria das paixões. É a Stoa antiga, um sistema de lógica, física e ética em que a ética se apoia na natureza do todo [paráfrase; localização a confirmar]. Dos três quase nada sobrevive por inteiro; a letra chega por Diógenes Laércio (*Vidas*, livro VII), Cícero, Estobeu e von Arnim. A Stoa média, de Panécio de Rodes (c. 185–c. 110 a.C.) e de Posidônio de Apameia (séculos II–I a.C.), leva a doutrina ao mundo romano; Cícero (106–43 a.C.) não é estoico, mas é a fonte latina mais importante da Stoa antiga.

Segue-se a Stoa romana ou imperial. Lúcio Aneu Sêneca nasce em Córdoba, c. 4 a.C. (outra datação, c. 1), e morre em 65 d.C.; foi preceptor de Nero e depois seu conselheiro, e é o único estoico antigo com obra ética extensa e inteira, em latim. Musônio Rufo (século I d.C.) é o mestre de Epicteto. Epicteto (c. 50–c. 135), nascido em Hierápolis, na Frígia, foi escravo em Roma e depois liberto, e ensinou em Nicópolis, no Épiro; não escreveu, e Arriano anotou as *Diatribes* e compôs o *Encheirídion*. Marco Aurélio (121–180), imperador desde 161, escreveu em grego, em campanha, as *Meditações* (*Ta eis heauton*, "para si mesmo"). A divisão em antiga, média e romana é convencional.

Uma advertência vale para o capítulo todo: na introdução de Lohner a *Sobre a ira*, Sêneca está entre os *proficientes* (os que progridem), e não entre os sábios [V via secundária: Franco 2022]. A distinção pesa no que ele diz de si e do perdão (ver 1.9 e 1.10). Das datas passa-se ao ponto de partida da ética (1.2).

1.2 O que depende de nós

A primeira lição de Epicteto divide o mundo em duas partes, e dela decorre quase tudo o que a Stoa diz sobre a liberdade.

“Das coisas existentes, algumas são encargos nossos; outras não. São encargos nossos o juízo, o impulso, o desejo, a repulsa — em suma: tudo quanto seja ação nossa. Não são encargos nossos o corpo, as posses, a reputação, os cargos públicos” (Epicteto, *Encheirídion*, 1, 1) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. A expressão grega é *ta eph' hēmin*, “as coisas sobre nós”. As primeiras são, por natureza, “livres, desobstruídas, sem entraves”; as outras, “débeis, escravas, obstruídas, de outrem” (*Encheirídion*, 1, 2) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. Aldo Dinucci traduz por “encargos nossos” e recusa “sob nosso controle”, porque tais coisas “só estarão realmente sob nosso controle se tivermos uma atitude crítica diante das opiniões” (Dinucci, “Diatribes 1.24 e 1.25”) [V-pt: Dinucci]; na *Introdução ao Manual de Epicteto*, porém, ele próprio escreve “sob nosso controle” [V-pt: Dinucci]. O estudo registra a escolha e não decide entre as duas.

O fundamento está nas *Diatribes*. “Os deuses fizeram depender de nós somente o que há de mais poderoso e soberano de tudo: o uso correto das representações” (Epicteto, *Diatribes*, I, 1, 7), isto é, das impressões que a mente recebe [V-gr; tradução do estudo]. O lugar dessa parte é a *prohairesis* (escolha, faculdade de decidir): “Vais amarrar-me? Amarras a minha perna, mas a *prohairesis* nem Zeus pode vencê-la” (I, 1, 23) [V-gr; tradução do estudo]. E a liberdade: “É livre quem vive como quer, a quem não é possível constranger, impedir nem forçar” (IV, 1, 1) [V-gr; tradução do estudo].

A frase que circula, “não é o que te acontece, mas como reages”, não é do *Encheirídion*, 5 [atribuição a confirmar]. Ali se lê: “As coisas não inquietam os homens, mas as opiniões sobre as coisas” (*Encheirídion*, 5) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. A tese é sobre juízos (*dogmata*), e não sobre reações. Dinucci observa que a interiorização estoica não é a interioridade cristã nem a privacidade moderna: “é-nos interior tudo o que está sob nosso controle e que depende de nossa escolha” (*Introdução ao Manual de Epicteto*) [V-pt: Dinucci]. Por que os juízos perturbam é a doutrina das paixões. Da divisão do mundo passa-se a ela (1.3).

1.3 As paixões e as *eupatheiai*

A Stoa entende a paixão como juízo errado, e por isso pode propor estados afetivos bons para o sábio; a caricatura de uma escola de pedra não resiste à letra.

“Paixão, segundo Zenão, é movimento da alma irracional e contrário à natureza, ou impulso excessivo” (Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 110) [V-gr; V-en: Hicks; tradução do estudo]. “Parece-lhes que as paixões são juízos, como diz Crisipo”, e a piedade (*eleos*) é uma espécie de tristeza (VII, 111) [V-gr; tradução do estudo]. Mas há três estados bons, as *eupatheiai* (afetos bons): a alegria (*chara*, “elevação racional”), a cautela (*eulabeia*) e a vontade (*boulēsis*) (VII, 116) [V-gr; V-en: Hicks]. O sábio “nunca” terá medo, mas terá cautela [V-gr; tradução do estudo].

Sêneca expõe com mais cuidado o que a *apatheia* (ausência de *pathos*, de paixão) não é. A ira é “breve loucura” (*Sobre a ira*, I, 1, 2) [V-la]; mas o abalo anterior ao assentimento (o “sim” da mente a uma impressão) não é paixão: “o primeiro movimento não é voluntário, como uma preparação da

paixão e uma ameaça" (II, 2, 2) [V-la; tradução do estudo]. O sábio vence todo incômodo, mas o sente (*Cartas a Lucílio*, 9, 3) [V-la; tradução do estudo].

Em Gélio, o estoico empalidece no navio em tempestade, e o sábio "não dá o assentimento, mas conserva o estado e o vigor da sua sentença" (*Noites áticas*, XIX, 1, 20) [V-la; tradução do estudo]. E a alegria tem lugar de honra: *verum gaudium res severa est*, "a verdadeira alegria é coisa séria" (*Cartas a Lucílio*, 23, 3–4) [V-la; V-en: Gummere; tradução do estudo]; o *gaudium* é "a elevação do ânimo que confia nos bens que são seus e verdadeiros" (59, 2) [V-la; tradução do estudo]. O que se recusa é a medida: "Os nossos as expulsam, os peripatéticos (os discípulos de Aristóteles) as moderam. Não vejo como possa ser sadia ou útil alguma mediocridade da doença" (116, 1) [V-la; tradução do estudo].

Agostinho leu essa doutrina de fora e lhe recusou a *apatheia*. Registra as *eupatheiai* como Cícero as dava e nota que os estoicos negaram uma quarta, para a aflição, que ele admite quando é segundo Deus (*A cidade de Deus*, XIV, 8) [V-la; tradução do estudo]. Se a *apatheia* é o ânimo em que nenhum afeto toca, "quem não julgaria esse torpor pior que todos os vícios?", e os que a buscam perdem toda a humanidade antes de alcançar a verdadeira tranquilidade (XIV, 9) [V-la; V-en: Dods; tradução do estudo]. Se não tivéssemos afetos de todo, "viveríamos antes não retamente" (XIV, 9, 4) [V-la; tradução do estudo].

A recusa tem duas faces e um prazo: a ausência dos afetos que perturbam contra a razão é boa, mas "nem essa é desta vida" (XIV, 9) [V-la; tradução do estudo]. É a leitura que o Estudo XII, 4.2, registrou e que a decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII mandou à Ficha do Estudo II. No livro IX, porém, Agostinho admite que a diferença entre estoicos e peripatéticos é "disputa de palavras, não exame de coisas" (IX, 4) [V-la; V-en: Dods; tradução do estudo]. Do que se sente passa-se ao único bem (1.4).

1.4 A virtude como único bem

A tese que sustenta a ética estoica é que só a virtude é bem; o resto, por mais que se prefira, não faz o homem melhor nem pior.

Zenão foi o primeiro a definir o fim como "viver em acordo com a natureza" (Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 87) [V-gr; V-en: Hicks]: viver segundo a natureza própria e a do todo, sem fazer nada do que a lei comum proíbe, "que é a reta razão, que atravessa tudo, a mesma que Zeus" (VII, 88) [V-gr; tradução do estudo]. A virtude é essa conformidade da escolha com a razão. Epicteto resume numa diatribe que Dinucci toma por síntese de seu pensamento: "a substância do bem é uma capacidade de escolha de certa qualidade" (*Diatribes*, I, 29, 1) [V-gr; V-pt: Dinucci], e a lei de Deus é: "Se quiseres um bem, toma-o de ti mesmo" (I, 29, 4) [V-gr; V-pt: Dinucci].

A autossuficiência do sábio tem, na letra, a medida exata: ele se basta "para viver feliz", e não para viver (Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 9, 13) [V-la; tradução do estudo]. As coisas externas (saúde, bens, reputação) a Stoa não chama de bens; chama de vantajosas (*commoda*), e a Agostinho essa disputa pareceu, com Cícero, mais de palavras que de coisas (ver 1.3). Hegel, que lê a tese de fora, vê nela a liberdade do pensamento, que se recolhe ao pensar tanto no trono quanto nas cadeias (*Fenomenologia do espírito*, "Estoicismo"; ver 4.1), e a objeção dele é de forma: os termos gerais — verdadeiro e bom, sabedoria e virtude — elevam, mas, por não alcançarem conteúdo, logo cansam [V-en: Baillie; paráfrase]. Do bem passa-se ao mundo que o sustenta (1.5).

1.5 A natureza, o destino e o consentimento

A Stoa pede que se viva segundo a natureza e que se consinta ao destino; a letra insiste em que consentir é ato do juízo, e não resignação.

A natureza é uma ordem em fluxo. "Um rio de coisas que vêm a ser e uma corrente violenta é o *aiōn* (a era; a eternidade ou o tempo): mal cada coisa aparece, já foi arrastada" (Marco Aurélio, *Meditações*, IV, 43; em transliteração, *Potamós tís esti tōn ginomenōn kai rheûma bíaion ho aiōn*) [V-gr; tradução do estudo]. O sujeito é *ho aiōn*, e o predicado, "uma espécie de rio"; a fórmula corrente "o tempo é um rio" é tradução, e não esta letra. Marco Aurélio usa a imagem para desvalorizar o que passa: "neste rio, que valor dar a algo que passa correndo e em que não é possível parar?" (VI, 15) [V-gr; tradução do estudo]. Cita Heráclito pelo nome em IV, 46 e VI, 42; "tudo flui", com essa letra, não está ali. Sêneca cita o mesmo Heráclito: "Ao mesmo rio duas vezes descemos e não descemos" (*Cartas a Lucílio*, 58, 23) [V-la; V-pt: Furlan].

O consentimento tem forma de prece. Epicteto cita, no fim do *Encheirídion*, versos que a tradição atribui a Cleantes: "Conduze-me, Zeus, e tu também, Destino, / Para o posto ao qual um dia fui designado, / Que, diligente, eu vos seguirei — e se, mau me tornando, / Não o quiser, ainda assim vos seguirei" (*Encheirídion*, 53) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. O texto não nomeia Cleantes; a atribuição vem da nota de Dinucci e de Sêneca, que traduz: *ducunt volentem fata, nolentem trahunt*, "o destino conduz quem lhe obedece e arrasta a quem lhe opõe resistência" (*Cartas a Lucílio*, 107, 11) [V-la; V-pt: Dinucci].

Os verbos são *hepesthai* (seguir), *synchōrein* (ceder) e *assentior* (assentir): "não obedeço a deus, assinto; sigo-o de coração, não porque seja preciso" (96, 2) [V-la; tradução do estudo]. A palavra "aceitar" é do português. A prática: "quere que aconteçam como acontecem, e tua vida terá um curso sereno" (*Encheirídion*, 8) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]; o papel é dado por outro: "interpretar belamente o papel que te é dado — mas escolhê-lo, cabe a outro" (17) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien], e a nota de Dinucci identifica o autor com a Divindade.

O problema da liberdade já está na escola. Pelo cilindro de Crisipo, quem o empurrou "lhe deu o princípio do movimento, mas não lhe deu o poder de rolar", e assim a representação imprimirá no

ânimo sua aparência, “mas o nosso assentimento estará em nosso poder” (Cícero, *Sobre o destino*, 43) [V-la; tradução do estudo]. A tradição divide-se entre ler Crisipo como compatibilista (quem concilia a liberdade com o destino), como faz Bobzien, e como determinista (quem a nega); o estudo não decide [tese a confirmar]. Quanto à fórmula *amor fati* (“amor ao destino”), ela é de Nietzsche (*A gaia ciência*, §276; *Ecce Homo*), e não da Stoa (ver 4.7) [V-en: Common; Cohn]. A Stoa diz seguir, ceder, assentir. Do consentimento passa-se a quem se consente (1.6).

1.6 O deus imanente, o *logos*, a centelha e o *daimon*

A Stoa responde que a ordem é divina e está no próprio homem; esta seção diz isso na voz dela, e só nela.

A física estoica tem dois princípios: “o que padece é a substância sem qualidades, a matéria; o que faz é o *logos* nela, deus” (Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 134) [V-gr; tradução do estudo]. O *logos* (razão ordenadora) atravessa o todo: “há um só deus, intelecto, destino e Zeus; e recebe muitos outros nomes” (VII, 135) [V-gr; tradução do estudo]; o cosmos é “vivo, animado e racional” (VII, 139) e, em períodos fixos, consome-se em fogo (*ekpyrōsis*, “conflagração”) e se gera de novo (VII, 137) [V-gr; paráfrase]. No *Hino a Zeus*, o deus junta “o bom com o mau, de modo que se faz um só *logos* de todas as coisas” (Cleantes, vv. 18–21) [V-gr via secundária: Thom, em Watanabe; tradução do estudo]. Dinucci explica o alcance em Epicteto: “o universo inteiro é um ser vivo que percebe o que ocorre em cada uma de suas partes” (nota à *Diatribe* I, 14, 6) [V-pt: Dinucci].

“As nossas almas estão ligadas e unidas a deus, por serem partes e pedaços dele” (Epicteto, *Diatribes*, I, 14, 6: *moria kai aposphasmata*) [V-gr; tradução do estudo]; “és um fragmento de deus; tens em ti uma parte dele [...]. Trazes deus contigo, infeliz, e não o sabes” (II, 8, 11–12) [V-gr; tradução do estudo]. O *daimon* (espírito guardião) está em I, 14, 12–14: deus deu a cada um por guarda o seu *daimon*, “insone e infalível”, e, de portas fechadas e no escuro, “deus está dentro e o vosso *daimon*” [V-gr; tradução do estudo].

Em Sêneca, “deus está perto de ti, está contigo, está dentro de ti” (*Cartas a Lucílio*, 41, 1) [V-la; V-pt: Miotti], e *sacer intra nos spiritus sedet*, “um espírito sagrado habita dentro de nós, observador e guarda de nossos males e bens” (41, 2) [V-la; tradução do estudo]. A imagem da *Carta* 41 é a dos raios do sol, que tocam a terra mas estão onde foram enviados (41, 5) [V-la; tradução do estudo], e a do ânimo que brilha só do bem próprio (41, 6: *nitet*) [V-la; V-pt: Miotti]. Nessa carta não aparecem *lux* nem *lumen*. *Lumen* e *igniculus* aparecem na 92: “uma faísca nada acrescenta à luz do sol [...] não é menor, mas brilha menos” (92, 17–18) [V-la; tradução do estudo]; *scintilla* aparece na 94: “as sementes de todas as coisas honestas despertam por advertência, não de outro modo que a centelha, ajudada por um sopro leve, desdobra seu fogo” (94, 29) [V-la; tradução do estudo]. Nenhum desses nomes é nome da Lux.

Marco Aurélio: vive com os deuses quem faz "tudo o que quer o *daimon*, que Zeus deu a cada um como protetor e guia, fragmento de si mesmo. E este é o intelecto e *logos* de cada um" (*Meditações*, V, 27) [V-gr; tradução do estudo]. A tarefa é "guardar o *daimon* de dentro sem insulto e sem dano" (II, 17) [V-gr; tradução do estudo]. E outra passagem, ao honrar o deus em cada um, tira dele a posse: "a mente de cada um é deus e dali emanou [...] nada é próprio de ninguém" (XII, 26) [V-gr; tradução do estudo]. Razão, deus, centelha, *daimon* e *spiritus* são os nomes que a Stoa dá ao que há de divino em cada um, como parte de um vivente maior que tem governo. Do que a Stoa chama de divino passa-se à cidade que ele governa (1.7).

1.7 A *oikeiōsis* e a cidade comum

A ética estoica começa em si e abre-se em círculos até a humanidade inteira; esta seção mostra a cidade em que ela desemboca e o retiro que a acompanha.

A palavra é *oikeiōsis* (apropriação, afinidade). "Dizem que o primeiro impulso do animal é para se conservar, pois a natureza o torna íntimo de si desde o começo, como diz Crisipo" (Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 85) [V-gr; tradução do estudo]. Hiérocles desenha o movimento: cada pessoa está cercada de círculos concêntricos, a mente, a família, a comunidade local, a pátria, o gênero humano, e a tarefa é puxar os círculos para o centro [paráfrase; V via secundária: *Bryn Mawr Classical Review*]. Cícero, na boca de Catão, dá a versão latina: "um homem, só por ser homem, não deva parecer estranho a outro" (*Dos fins*, III, 63) [V-la; tradução do estudo]; o mundo é "como que uma cidade e comunidade comum de homens e deuses, e cada um de nós é parte desse mundo" (III, 64) [V-la; tradução do estudo].

Marco Aurélio põe o argumento em cadeia: se o intelecto nos é comum, também o *logos*; se isso, a lei; "se isso, somos cidadãos; se isso, partilhamos um governo; se isso, o mundo é como uma cidade" (*Meditações*, IV, 4) [V-gr; tradução do estudo]. "Minha cidade e pátria, como Antonino, é Roma; como homem, o mundo" (VI, 44) [V-gr; tradução do estudo]. "Nascemos para a cooperação, como os pés, as mãos, as pálpebras" (II, 1) [V-gr; tradução do estudo]; o ramo cortado pode voltar, porque "é dom de Zeus, que fundou a comunidade, poder reunir-se de novo ao vizinho" (XI, 8) [V-gr; tradução do estudo].

Epicteto diz "cidadão do mundo" em *Diatribes*, II, 10, 3 (*politēs tou kosmou*): "és cidadão do mundo e parte dele, não das partes servis, mas das principais" [V-gr; tradução do estudo]; em I, 9, 1 e 6 o termo é *kosmios*, "do mundo" [V-gr]. Sêneca fala de "membros de um grande corpo" (*Cartas a Lucílio*, 95, 52) [V-la; tradução do estudo], e diz do sábio: "também deseja ter amigo e vizinho e companheiro, ainda que baste a si mesmo" (9, 3) [V-la; V-pt: Dinucci].

O retiro pertence a essa cidade, com retorno marcado. "Procuram para si retiros — campos, praias, montes [...]. Mas podes, a qualquer hora que queiras, recolher-te em ti mesmo" (Marco Aurélio, *Meditações*, IV, 3) [V-gr; tradução do estudo]. O retiro serve para renovar-se e voltar, "sem desgosto,

àquilo a que voltas": os racionais "nasceram uns para os outros", e "suportar é parte da justiça" [V-gr; tradução do estudo]. A imagem da fortaleza é uma linha, em VIII, 48: "uma acrópole é a mente livre de paixões; nada mais fortificado tem o homem, onde, refugiado, fique daí em diante inexpugnável" [V-gr; tradução do estudo]. O título de Hadot, *La Citadelle intérieure*, que o estudo verte *A cidadela interior*, vem dessa linha [paráfrase; página a confirmar]. Sêneca recomenda o retiro seletivo: "convive com os que te hão de fazer melhor" (*Cartas a Lucílio*, 7, 8) [V-la; tradução do estudo].

O Estudo XIII, 4.3, registrou ainda o Catão de Cícero e a distinção de Epicteto entre o ermo e o só (ver 4.6) [V-en via secundária: Arendt; paráfrase; localização a confirmar], que a decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII mandou à Ficha do Estudo II. Da cidade passa-se ao treino de quem a habita (1.8).

1.8 Os exercícios e o cuidado de si

Hadot e Foucault leram a Stoa como uma prática; esta seção reúne a letra da prática e as duas leituras.

Epicteto chama de *askēsis* (exercício) o treino para desejar e evitar sem fracasso: "não se deve fazer os exercícios com coisas contra a natureza e extravagantes, senão em nada diferiremos dos prestidigitadores" (*Diatribes*, III, 12, 1) [V-gr; tradução do estudo]. O progresso (*prokopē*) mede-se assim: "Onde, então, está o progresso? Se alguém de vós, afastando-se das coisas exteriores, voltou-se para a própria *prohairesis*, para trabalhá-la e exercitá-la" (I, 4, 18) [V-gr; tradução do estudo]. O *Encheirídion*, 33, dá a regra de conduta: "Fixa, a partir de agora, um caráter e um padrão para ti próprio, que guardarás quando estiveres sozinho, ou quando te encontrares com outros" [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien].

Marco Aurélio: "Ao amanhecer, quando custar a levantar, tem à mão: levanto-me para a obra de homem" (*Meditações*, V, 1) [V-gr; tradução do estudo]; prever o dia ("encontrarei o intrometido, o ingrato, o insolente", II, 1); viver o presente, único que se vive (III, 10); ver do alto "os rebanhos sem número" (IX, 30) [V-gr; traduções do estudo]. Sêneca: "só o tempo é nosso" (*Cartas a Lucílio*, 1, 3), e "pensa cada dia como uma vida" (101, 10) [V-la; traduções do estudo].

Hadot escolhe o adjetivo "espiritual" por ser "o único adjetivo que englobaria 'o pensamento, a imaginação, a sensibilidade, assim como a vontade'" (*Exercícios espirituais e filosofia antiga*) [V via secundária: Lima 2021]. Para ele a filosofia antiga é uma maneira de viver, e a sistematização teórica é projeção moderna [paráfrase; V via secundária: Lima 2021]; "não possuímos nenhum tratado sistemático que codificaria um ensino e uma técnica dos exercícios espirituais", e a "visão do alto" é um sobrevoo imaginativo [V via secundária: Lima 2021].

Foucault, em torno da *epimeleia heautou* (cuidado de si), lê o exame de Sêneca como balanço de administrador, e não de réu diante do juiz [V-en via secundária: texto de 1980; a aula de 24/03/1982, tese a confirmar]. A leitura tem contrapeso: Veyne escreve que o estoicismo "tornou-se, para o nosso uso, uma filosofia do eu que se volta ativamente para si mesmo [...]. Nada disso foi em seu tempo, mas as *Cartas* nos permitem vê-lo assim" (*Seneca: The Life of a Stoic*) [V-en via secundária: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*; tradução do estudo]. Do treino passa-se ao exercício do fim do dia (1.9).

1.9 O exame noturno e Sócrates como modelo

O exame do fim do dia é o exercício mais citado da Stoa: o de Sêneca termina em perdão, o de Epicteto em alegria, e os dois olham para Sócrates.

Sêneca o toma de Sêxtio e o pratica: "Que mal teu curaste hoje? A que vício resististe? Em que parte és melhor?" (*Sobre a ira*, III, 36, 1) [V-la; tradução do estudo]. Descreve-se como "vigia de si e censor secreto" (III, 36, 2), e diz: "esquadrinho o dia inteiro e torno a medir atos e palavras; nada escondo de mim" (III, 36, 3) [V-la; tradução do estudo].

E então: *uide ne istud amplius facias, nunc tibi ignosco*, "cuida de não fazer mais isso; por agora te perdoo" (III, 36, 3–4) [V-la; V-pt via secundária: Lohner, por Franco 2022; grafia a conferir], e a lição de que, na admoestação, "o bom se alegra de ser advertido" (III, 36, 4) [V-la; tradução do estudo]. Quem diz "eu te perdoo" é, na tese de Lohner, um proficiente (ver 1.1) [V via secundária: Franco 2022]. O exame serve ao futuro: "o plano do futuro vem do passado" (*Cartas a Lucílio*, 83, 1–2), e, ao deitar, "vivi, e cumpri o curso que a fortuna me deu" (12, 8–9) [V-la; traduções do estudo].

Epicteto cita os versos pitagóricos: "Não deixes o sono descer sobre os olhos cansados antes de rever cada ato do dia: onde errei? que fiz? que dever deixei por cumprir? [...] depois, se fizeste coisas vis, repreende-te; das boas, alegra-te" (*Diatribes*, III, 10, 2–3) [V-gr; tradução do estudo]. Marco Aurélio manda: "Começa por ti e examina-te primeiro" (*Meditações*, X, 37) [V-gr; tradução do estudo].

Sócrates é o modelo comum. Epicteto o mostra examinando-se: "refutava a si mesmo e se examinava" (*Diatribes*, II, 1, 32) [V-gr; tradução do estudo], e fecha o *Encheirídion* com a exortação: "mesmo que não sejas Sócrates, deves viver desejando ser como Sócrates" (51, 3) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. Sêneca: "Se desejas um modelo, toma Sócrates" (*Cartas a Lucílio*, 104, 27–28) [V-en via secundária: Estudo X]. Hadot liga o exame de consciência a Sócrates, como "fundamento de todo exercício espiritual" [V via secundária: Lima 2021]. A decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X manda à Ficha do Estudo II Sócrates, "o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar". Do exame de si passa-se ao que se faz com o outro que falha (1.10).

1.10 A *clementia* e a *misericordia*

Sêneca separa duas palavras que o português costuma juntar: a *misericordia* é paixão e a Stoa a recusa; a *clementia* é virtude e a Stoa a louva.

A *clementia* é "moderação do ânimo no poder de vingar-se" (Sêneca, *Da clemência*, II, 3, 1) [V-la; tradução do estudo]: virtude de quem tem poder, escrita como espelho para Nero ("tenho a severidade escondida, mas a clemência em prontidão", I, 1, 4) [V-la; tradução do estudo]. A *misericordia*, não: *Misericordia est aegritudo animi*, "é uma doença do ânimo à vista das misérias alheias [...]; a doença não cabe no homem sábio" (II, 5, 4) [V-la; tradução do estudo], "vício de ânimo pequeno" (II, 5, 1). O sábio não se compadece, mas socorre (II, 6, 3) [V-la; tradução do estudo]. A letra grega correspondente é Diógenes Laércio, VII, 111: *eleos* é tristeza (ver 1.3).

O perdão (*venia*, "remissão da pena merecida") também tem limite: "quem perdoa confessa que deixou de fazer algo" (II, 7, 1–2) [V-la; tradução do estudo]. O sábio não perdoa, porque não omite o devido, e o *nunc tibi ignosco* de 1.9 é dito de outro lugar, o do proficiente [leitura do estudo]. O fundamento comum é a falibilidade: "somos maus, vivemos entre maus" (*Sobre a ira*, III, 26, 4) [V-la; V-pt via secundária: Lohner, por Franco 2022].

Epicteto dá a razão do ofensor: quem te ofende age pensando que lhe convém; "diz, pois, em cada uma dessas ocasiões: 'Assim lhe parece'", e serás gentil (*Encheirídion*, 42) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. Marco Aurélio diz que "é próprio do homem amar também os que tropeçam", porque erram por ignorância e contra a vontade, e porque não te prejudicaram (*Meditações*, VII, 22) [V-gr; tradução do estudo]; "os homens nasceram uns para os outros: ensina-os, então, ou suporta-os" (VIII, 59) [V-gr; tradução do estudo]. Agostinho defende a *misericordia* contra a Stoa: ela é "compaixão do nosso coração pela miséria alheia, que nos obriga a socorrer, se podemos", e "serve à razão" quando a justiça se conserva (*A cidade de Deus*, IX, 5) [V-la; V-en: Dods; tradução do estudo]; ele tem em vista o louvor de Cícero a César (*Pro Ligario*, 37) [V-la; leitura do estudo]. O Estudo XII, 4.2, não citou esse passo.

"Misericórdia" é um homônimo de quatro usos, cada um na sua voz: a *misericordia* que Sêneca recusa, a *clementia* que ele louva, a Regra da Misericórdia do cânon e a graça da tradição cristã. A *misericordia* que Agostinho defende é a mesma paixão que Sêneca recusa, e para ele serve à razão. A Regra e a graça ficam para o capítulo 3. Do perdão passa-se ao fim da vida (1.11).

1.11 A morte e o que a Stoa deixa em aberto

Esta seção reúne o que a Stoa diz da morte e do mal, e o que ela deixa em aberto; as controvérsias vêm declaradas e não atenuadas.

A morte é mudança: "Isto é morte: uma mudança maior, do que é agora não para o não ser, mas para o agora-não-ser. — Então não serei mais? — Não serás; mas outra coisa, de que o mundo agora

precisa" (Epicteto, *Diatribes*, III, 24, 93–94) [V-gr; tradução do estudo]. Os bens amados foram dados "como o figo, como o cacho de uva, na estação marcada do ano" (III, 24, 86) [V-gr; tradução do estudo]. Marco Aurélio: "quantos Crisipos, quantos Sócrates, quantos Epictetos já tragou o *aiōn*" (*Meditações*, VII, 19) [V-gr; tradução do estudo]. A Stoa tem ainda a doutrina da saída racional da vida, a "porta aberta" (Epicteto, *Diatribes*, I, 24, 20; Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 70, 14–15), que o estudo só nomeia [V-gr; V-la].

A teodiceia (a justificação de deus diante do mal) é o centro do problema. Epicteto vê as dificuldades como prova dada por deus, e a figura é Héracles: as feras, "surgidas, foram úteis para mostrar e exercitar Héracles" (*Diatribes*, I, 6, 32–36) [V-gr; tradução do estudo]; "do mesmo modo que um alvo não é fixado para não ser atingido, assim também a natureza do mal não existe no cosmos" (*Encheirídion*, 27) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. Sêneca defende, em *Sobre a providência*, que "nada de mau pode acontecer ao homem bom" (2, 1) [V-la; tradução do estudo]. Marco Aurélio, porém, deixa o dilema aberto: "ou providência ou átomos" (*Meditações*, IV, 3) [V-gr; tradução do estudo], e o que vem de fora acontece "ou por acaso ou por providência", sem culpar nenhum dos dois (XII, 24) [V-gr; tradução do estudo]; a letra dele não é teodiceia uniforme.

A alegria é "severa" (ver 1.3). A razão é o dono: a felicidade está "na concordância do *daimon* de cada um com a vontade do governante do todo" (Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 88) [V-gr; V-en: Hicks; tradução do estudo]. Hegel reprova, em 1.4, o universal sem conteúdo, o verdadeiro e o bom em geral; o estudo não decide se isso alcança o dono [leitura do estudo].

Duas controvérsias pedem declaração. A escravidão: Sêneca escreve "'São escravos.' Antes, homens" (*Cartas a Lucílio*, 47, 1) [V-la; V-pt via secundária: Murachco], e que o escravo nasceu das mesmas sementes, goza do mesmo céu, respira, vive e morre como o senhor (47, 10) [V-la; tradução do estudo]; Joly mostra que a Stoa mantém o escravo como instrumento da ordem social [V-pt via secundária: resumo do artigo]. Epicteto, escravo e liberto, não discute a instituição nos textos aqui reunidos. Musônio Rufo afirma que as mulheres receberam dos deuses "a mesma razão que os homens" e devem filosofar (fr. III) [V-pt: Dinucci, em Aggio]; Aggio lê o texto como defesa da igualdade natural que, no entanto, reforça a submissão da mulher ao homem [V-pt: Aggio; paráfrase].

Sêneca e Nero: Tácito registra a acusação de Suílio, "com que sabedoria, com que preceitos de filósofos ele reunira em quatro anos de amizade régia trezentos milhões de sestércios?" (*Anais*, XIII, 42) [V-la; tradução do estudo], o pedido de retiro (XIV, 53–56) e a morte (XV, 60–64). A riqueza e o poder dele dividem os intérpretes (Griffin; Veyne) [V via secundária: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*]. A biografia não é doutrina, e o estudo não atenua nem acusa. Do que a Stoa deixa em aberto passa-se ao que o capítulo deixa ao leitor (1.12).

1.12 O que um leitor do Lumen Fluens deve levar daqui

O que se leva do capítulo é uma imagem exata da Stoa, com as correções que a letra impõe às frases que circulam sobre ela.

A Stoa é uma prática apoiada numa doutrina, e a prática só se entende com a física e a teologia que a sustentam. O que depende de nós é o juízo, a escolha (*prohairesis*). A *apatheia* não é insensibilidade: Sêneca diz que o sábio sente, e a escola tem as *eupatheiai*, entre elas a alegria, que é "coisa séria". O exame de Sêneca termina em perdão e o de Epicteto, em alegria; Sócrates está por trás dos dois. A *misericordia* é paixão recusada, a *clementia* é virtude louvada, e é preciso saber qual das duas, ou uma terceira, alguém tem em mente.

O rio de Marco Aurélio é o *aiōn* e serve à perda do que passa; consentir ao destino é seguir e assentir, e *amor fati* é de Nietzsche. A cidade comum tem lei e governo, o retiro tem retorno, e "cidadela" é uma linha de Marco Aurélio (VIII, 48) e o título de um livro de Hadot. Razão, *logos*, deus, centelha, *daimon* e *spiritus* são os nomes que a Stoa dá ao que há de divino em cada um; o cânon deixa a Lux sem nome, e o estudo não faz de nenhum deles nome dela.

O que fica em aberto a Stoa deixa em aberto: a teodiceia, a escravidão, as mulheres, Sêneca e Nero, o destino e a liberdade. Afora essa cautela sobre a Lux, nenhuma frase deste capítulo aproxima a Stoa do cânon ou a separa dele. O diálogo vem no capítulo 2, onde ela é posta ao lado do cânon, e no capítulo 3, onde se marcam as fronteiras.

2. Onde nos tocamos

Este capítulo reúne os dez lugares em que a Stoa e o cânon trabalham na mesma oficina. Aproxima; quem separa é o capítulo 3. Em cada lugar falam três vozes, nesta ordem: a Stoa diz, a tradição lê, o cânon responde; o que passa disso vem marcado. Onde a Ficha de outubro dizia uma coisa e a letra diz outra, o texto o diz sem ironia: "a Ficha dizia…; a letra diz…".

2.1 O rio de Heráclito e o Flumen

Os dois falam de um rio, e é aqui que a letra mais pede cuidado.

Marco Aurélio faz do *aiōn* (a era, o tempo) "uma corrente violenta", uma espécie de rio (*Meditações*, IV, 43; ver 1.5). A Ficha dizia "o tempo é um rio dos acontecimentos" [Ficha, não cânon]; a letra diz que o sujeito é *ho aiōn*, que a fórmula "*ho chronos potamos tōn ginomenōn*" não existe e que "tudo flui" não aparece com essa letra em Marco Aurélio. O rio volta para medir o que passa: "neste rio, que valor dar a algo que passa correndo e em que não é possível parar?" (*Meditações*, VI, 15) [V-gr; tradução do estudo]. Heráclito é nomeado em IV, 46 e VI, 42. Sêneca cita a sentença do rio: "ao mesmo rio duas vezes descemos e não descemos" (Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 58, 23) [V-la; V-pt: Furlan].

A letra do cânon é outra. "Cada pessoa carrega uma luz interior atemporal, e vive imersa num rio — o fluxo do tempo, das gerações, das civilizações" (Cânon v1.2, "Origem"). "Ninguém começa do zero. Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", II). E o rio age: "O rio não pune a folha que parou numa margem: ele a retoma" (Catecismo, 48). Heráclito não está na doutrina; está entre as vozes dos Tratados (Cânon v1.2, Parte III, "A trilha dos escritos"). A letra nunca diz que o Flumen vem dele nem de Marco Aurélio. "Ambos bebemos de Heráclito" é frase da Ficha; o "mesmo avô" é leitura do Estudo VII, 2.2, que a recebeu de Hegel.

A mesma fonte leva a duas direções: em Marco Aurélio o rio mede o que se perde; no cânon, o que se recebe, o que se deixa e o que retoma [hipótese do estudo]. O único aviso de herança que o estudo achou entre as passagens do rio é de IV, 46, onde Marco Aurélio lembra um dito de Heráclito: "não se deve agir como filhos dos pais, isto é, simplesmente como recebemos" [V-gr; tradução do estudo]. Do rio que corre passa-se ao exame que fecha o dia (2.2).

2.2 O exame noturno e o Examinar

Este é o ponto mais citado da Ficha, e o que a letra mais corrige.

Sêneca atribui o hábito a Sêxtio e o termina em perdão: "por agora te perdoo" (*Sobre a ira*, III, 36, 3–4; ver 1.9). Epicteto traz os versos pitagóricos e os termina em alegria: das ações boas, "alegra-te"

(*Diatribes*, III, 10, 2–3; ver 1.9). A tradição lê o exame de Sêneca como balanço de administrador, e não de réu (Foucault, *A hermenêutica do sujeito*, aula de 24/03/1982) [tese a confirmar; texto de 1980, via secundária], e o liga ao exame socrático (Hadot; ver 1.8).

O cânon diz, no Examinar: "Exame diário ao fim do dia, em duas perguntas: onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou? Cinco minutos bastam" (Cânon VI.2, "Os Quatro Pilares", I), e, para encerrar, "a gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível" (Catecismo, 43). A própria letra nega o tribunal: "Não é o exame de um juiz severo, contando pontos negativos" (Meditações Práticas, "O Examinar da noite"). A Ficha dizia "tribunal lá, misericórdia aqui" [Ficha, não cânon]; a letra diz que Sêneca perdoa, que o Examinar recusa o juiz e que "tribunal" não ocorre no cânon. "Ancestral" também é da Ficha, que dizia "ancestral do nosso Examinar": Sêneca não está nos escritos, e "ancestrais" é palavra só do Flumen. O que há é uma oficina comum, não uma genealogia [inferência do estudo].

A Regra da Misericórdia liga-se ao Examinar só pelo recomeço: "quem deixou passar o exame de uma noite volta a fazê-lo na seguinte" (Catecismo, 47). A decisão n.º 4 de 17/10/2026 fixa que a mão que retoma, nela, é o rio, e não o Abrigo; o estudo lê que em Sêneca quem diz "te perdoo" é o próprio examinando, que se fala em segunda pessoa [leitura do estudo]. O dois-em-um de Arendt, o diálogo de cada um consigo, cabe na letra do Examinar como leitura, sem receber o nome de pensar (decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (bp)) se a Ficha reescrita adota esta correção. Do exame passa-se ao modelo que os dois estoicos tomam (2.3).

2.3 Sócrates como modelo

Este ponto já está decidido: a decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X diz que "Sócrates entra na Ficha do Estudo II, como o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar".

Sêneca (*Cartas a Lucílio*, 104, 27–28) e Epicteto (*Diatribes*, II, 1, 32; *Encheirídion*, 51, 3) tomam Sócrates por modelo do exame de si (ver 1.9). O que 1.9 não traz são as últimas linhas do manual, que também são de Sócrates: "Ânito e Meleto podem me matar, mas não podem me causar dano" (Epicteto, *Encheirídion*, 53, 4) [V-pt: Dinucci–Julien]. A tradição lê o mesmo: para Hadot, o exame de consciência socrático é o fundamento de todo exercício espiritual [paráfrase; V via secundária: Lima, 2021].

O cânon fala por silêncio e por decisão. A letra do Examinar não nomeia interlocutor (Estudo X, 2.3), e a decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X faz do veto da Bússola "a própria Luz na pessoa, sem voz externa" e deixa o sinal de Sócrates "em Platão". Sócrates entra na Ficha como modelo, não como letra do cânon, e como modelo de Sêneca e de Epicteto, não como ancestral do Examinar posto no lugar de Sêneca [leitura do estudo]. O Portar é "levar a luz acesa através do fluxo, sem deixar que a correnteza a apague [...]" (Meditações Práticas, "O Portar do dia"). Que o

Sócrates a quem os acusadores não podem causar dano seja o modelo desse Portar é leitura deste estudo, que a decisão n.º 8 torna possível sem a fixar [leitura do estudo]. De quem exerce o que depende de si passa-se ao que depende de nós (2.4).

2.4 O que depende de nós e o Portar

Uma divisão da vida e um verbo se aproximam.

Epicteto abre o *Encheirídion* com a divisão entre o que é e o que não é "encargo nosso" (*ta eph' hēmin*; ver 1.2): o juízo, o impulso, o desejo e a repulsa de um lado; o corpo, as posses, a reputação e os cargos públicos do outro (*Encheirídion*, 1, 1) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. Dinucci recusa "sob nosso controle" e prefere "encargos nossos"; o estudo registra e não decide. A consequência é querer o que acontece: "quere que aconteçam como acontecem" (*Encheirídion*, 8) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien].

O Pilar III diz: "A mudança não é acidente a suportar, mas mensagem a carregar. Quem resiste ao fluxo é arrastado; quem o porta, navega" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", III). E o Catecismo distingue por escrito: "Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz" (Catecismo, 14). A Ficha dizia "portar o involuntário" [Ficha, não cânon]; a letra diz que "involuntário" não ocorre, e que o mais próximo é "mudança inesperada" (Cânon v1.2, "Regra de Vida", "Ritmo diário") e "uma mudança que você não pediu", diante da qual se pergunta, "antes de reagir": "que mensagem carrego através disto?" (Meditações Práticas, "O Portar do dia"). A Mutatio, no feminino (decisão n.º 7 de 17/10/2026), é a mudança como vocação, e se treina pequena "de propósito" (Catecismo, 16).

A forma é comum: nos dois lados a vida se divide entre o que chega e o que se faz com o que chega, e entre as duas partes se põe uma pausa, uma pergunta ou um exame do juízo [inferência do estudo]. Se a mudança é mensagem, e não só ocasião de domar o juízo, é fronteira de direção; os versos que Epicteto cita e que Dinucci e Sêneca dão a Cleantes, e o *amor fati*, que é de Nietzsche e não da Stoa (ver 4.7), pertencem ao capítulo 3. Do indivíduo diante do que chega passa-se à cidade em que ele chega (2.5).

2.5 A cidade comum e as Águas Comuns

Nos dois lados, ninguém é só seu.

Marco Aurélio encadeia o intelecto comum, o *logos*, a lei e a cidade: "o mundo é como uma cidade" (*Meditações*, IV, 4); sua pátria, "como homem, o mundo" (VI, 44); e Epicteto diz "és cidadão do mundo e parte dele" (*Diatribes*, II, 10, 3; ver 1.7). O Estudo X, 4.1, leu "cidadão do mundo" em *Diatribes*, I, 9, 1; a letra ali é *kosmios* ("do mundo, ordenado"; ver 4.3). Sêneca propõe abraçar em espírito "duas repúblicas" (*Sobre o ócio*, 4, 1) [V-la; localização a confirmar], a grande, dos deuses e dos homens, e a em que se nasce [paráfrase]. A *oikeiōsis* abre os círculos de Hiérocles do eu até o

gênero humano (ver 1.7). Em Cícero, que cita Ênio, quem mostra o caminho a quem erra "acende uma luz a partir da própria luz", sem que a sua brilhe menos (*Dos deveres*, I, 51) [V-la; tradução do estudo].

As Águas Comuns dizem: "Ninguém navega um rio privado. Além do que devo a mim e do que devo a quem chega até mim, devo ao rio o próprio fluxo: manter as águas passáveis" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"). É "o terceiro devido — o nós, ao lado do eu e do tu" (Tratado das Águas Comuns, "Definição"). "A luz é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"). A luz de Cícero e de Ênio é deles, não do cânon, e "cidade" e "cosmopolita" não ocorrem em nenhum escrito; o estudo não escreve "o rio é a cidade comum". Escreve que, nos dois, ninguém é só seu e se deve algo a todos [leitura do estudo]. A fronteira cabe em uma frase: a cidade estoica tem lei e *logos* comuns que a regem, e o rio é, no lema do cânon, "de ninguém" (ver 3.6). Do que se deve à cidade passa-se ao lugar onde cada um se recolhe (2.6).

2.6 O retiro em si e a margem

A Ficha negou este ponto com três palavras, "cidadela interior, não" [Ficha, não cânon]; a letra dos dois lados pede outra leitura.

Marco Aurélio dá ao retiro uma volta marcada: "recolher-te em ti mesmo" para voltar "àquilo a que voltas" (*Meditações*, IV, 3; ver 1.7). A palavra "cidadela" é *akropolis*, e está em VIII, 48: a mente livre de paixões [V-gr; tradução do estudo]. *A cidadela interior*, título que o estudo verte de *La Citadelle intérieure*, é de Hadot [paráfrase; página a confirmar]. E o sábio de Sêneca "deseja ter amigo" (*Cartas a Lucílio*, 9, 3; ver 1.7). A Ficha dizia "autossuficiência" contra "casa de portas abertas"; a letra do estoico já inclui o amigo.

As Águas Comuns também falam do retiro: "Retirar-se não é represar: quem atraca não desvia o rio — guarda a lamparina do vento. [...] A margem também é rio; o silêncio à beira d'água também é presença. Distinguem-se o retiro e o abuso por duas marcas: o retiro é discreto, e guarda a luz para devolvê-la ao fluxo" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"). "Retiro" ocorre 11 vezes na letra (15 com as flexões de "retirar"); "cidadela", nenhuma. Lida como recusa do recolhimento, a Ficha contradiz a letra. Duas decisões completam: a margem é "estar consigo" (decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII), e Catão e Epicteto entram na Ficha (decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). O Estudo XIII, 4.3, registrou o Catão de Cícero e a distinção de Epicteto entre *erēmos* (o ermo) e *monos* (o só) (*Diatribes*, III, 13; ver 4.6) [V-en via secundária: Estudo XIII; paráfrase].

A marca que o retiro de Marco Aurélio e o da margem partilham é o retorno: refaz-se para voltar [hipótese do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (bs)) se a Ficha reescrita troca "cidadela interior, não" por esta leitura. Do retiro que devolve a luz passa-se à alegria (2.7).

2.7 A alegria do figo maduro e a celebração

A Ficha disse este ponto em forma de desconfiança: "uma sabedoria que não dança" [Ficha, não cânon].

Marco Aurélio olha o pão que racha no forno e os figos maduros que ficam entreabertos: o que sobrevém ao que nasce "tem algo de gracioso e atraente" (*Meditações*, III, 2) [V-gr; tradução do estudo]. Epicteto manda chamar a multidão de "festa e assembleia festiva" (*Diatribes*, I, 12, 21) [V-gr; tradução do estudo]. A alegria é afeto do sábio, uma das três *eupatheiai* ("afetos bons"; Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 116; ver 1.3). E Sêneca: *verum gaudium res severa est*, "a verdadeira alegria é coisa séria" (*Cartas a Lucílio*, 23, 3–4) [V-la; tradução do estudo].

O Pilar IV tem: "Um momento diário de celebração física plena — dançar, caminhar com atenção, cozinhar sem pressa" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", IV); "O templo também dança" (Meditações Práticas, "A celebração maior"). A "alegria" ocorre uma vez, para dizer que "ninguém volta com alegria para algo que só lembra fracasso" (Meditações Práticas, "A Regra da Misericórdia"); "festa" não ocorre. A Ficha dizia "desconfiamos de uma sabedoria que não dança"; a letra diz que a Stoa tem *eupatheiai*, que o sábio de Sêneca vence todo incômodo e "o sente" (*Cartas a Lucílio*, 9, 3; ver 1.3), e que "desconfiamos" e "*apatheia*" são palavras da Ficha, não do cânon. Os dois põem a alegria no ordinário: o pão, o figo, a refeição, a caminhada [leitura do estudo].

A decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII manda à Ficha "a recusa agostiniana da *apatheia*". Agostinho a recusa como insensibilidade: sem afetos, "viveríamos antes não retamente" (*A cidade de Deus*, XIV, 9, 4; ver 1.3 e o Estudo XII, 4.2). Quanto pesa a seriedade dessa alegria ao lado da dança é do capítulo 3; o estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (bv)) se a Ficha reescrita troca "uma sabedoria que não dança" por uma fronteira dita pela letra, com a recusa agostiniana ao lado. Do corpo que celebra passa-se ao outro que erra (2.8).

2.8 "Amar até os que erram" e "há uma luz devida ao outro"

Há aqui um gesto mais do que uma doutrina: não fechar o rosto a quem erra.

Marco Aurélio escreve que é próprio do homem "amar também os que tropeçam" (*Meditações*, VII, 22; ver 1.10), e dá o caminho: lembrar que são parentes, que erram por ignorância e que não prejudicaram o princípio diretor (*hēgemonikon*, a parte da alma que governa e julga) de quem sofreu o dano. Sêneca chama o homem de "coisa sagrada para o homem" (*Cartas a Lucílio*, 95, 33) [V-la; tradução do estudo]. Mas recusa a *misericordia*, "doença do ânimo", e o sábio "socorrerá" (*Da clemência*, II, 5, 4 e II, 6, 3; ver 1.10). O amor que Marco Aurélio pede e o socorro que Sêneca admite são ação sem aquela paixão.

A dívida do cânon é outra: "Não se vela: resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro" (Catecismo, 36). A frase vem do lobo, o mal que alguém inflige, "com intenção ou sem ela"

(Catecismo, 35). O Abrigo é "Sê casa para o outro" (Cânon v1.2, "O Abrigo"), e o fundamento não é a necessidade de quem ajuda: "o olhar do outro não a cria, mas pode ser o primeiro a vê-la" (Catecismo, 31). A decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII fixa que "nenhuma pessoa está fora da Lux". Cada casa funda o gesto em algo do outro que o erro não apaga: em Marco Aurélio, o parentesco e o princípio diretor de quem sofreu o dano, que não piorou; no cânon, uma luz devida. O "outro" do Catecismo, 36, é a dívida de luz; o de Marco Aurélio é o parente que erra por ignorância; as duas coisas não se somam [leitura do estudo].

"Misericórdia" tem aqui quatro usos, cada um na sua voz: a *misericordia* que Sêneca recusa, a *clementia* que ele louva, a Regra da Misericórdia do cânon, reflexiva, e a graça da tradição cristã (decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII). O erro por ignorância e o lobo que deve justiça são fronteira do capítulo 3; o estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (bw) e a herdada (g), a justiça devida ao lobo) se a Ficha registra essa fronteira. Do gesto para com o outro passa-se ao gesto de cada dia (2.9).

2.9 Os exercícios e a Regra de Vida

As duas casas são escolas de prática, e cada uma organiza o seu dia.

A tradição lê a Stoa como escola de prática: Hadot não acha nela "nenhum tratado sistemático" dos exercícios, Foucault a lê pelo "cuidado de si", e Veyne tempera a leitura (ver 1.8). O estudo não decide entre elas. A letra do dia — levantar-se para a "obra de homem", prever o intrometido, pensar cada dia como "uma vida" — está em 1.8 (Marco Aurélio, *Meditações*, V, 1 e II, 1; Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 101, 10). O que 1.8 não traz é o exercício contra o hábito: Epicteto pede "opor um hábito contrário" (*Diatribes*, III, 12, 6) [V-gr; tradução do estudo].

A Regra de Vida dá o ritmo: "Ao despertar, antes de qualquer tela: um minuto de silêncio [...] Definir a única coisa que hoje não pode ficar sem luz" (Cânon v1.2, "Regra de Vida", "Ritmo diário"); "Acender não é criar algo novo em você; é parar de fingir que não existe" (Meditações Práticas, "O Acender da manhã"). O dia é Acender, Portar, Examinar, e a regra tem um limite dito: "a regra serve à vida, não o contrário" (Cânon v1.2, "Regra de Vida", "Ritmo de estação"). "Regra" é homônimo: o *Encheirídion*, 33, fala de caráter; a Regra de Vida, de ritmos.

O Acender e as manhãs de Marco Aurélio abrem o dia com um gesto antes do mundo; "cada dia como uma vida" e o dia do cânon, de um Acender ao Examinar, tratam o dia como unidade. A premeditação dos males (*praemeditatio malorum*) [paráfrase; localização a confirmar] não tem par na letra, pois "premeditar", "prever" e "pior" não ocorrem; a Mutatio treina o Portar pela mudança pequena, "para que, quando a mudança grande chegar sem pedir licença, você já saiba portar" (Meditações Práticas, "A mudança deliberada da semana"). A Revisão do rio, que olha três meses para trás, lembra a visão do alto de Marco Aurélio (*Meditações*, IX, 30), mas o cânon só diz "de cima" para negá-lo à Vigília: "a Vigília não lê a noite de cima nem do fim" (Tratado da Vigília,

"Fundamentação") [ocorrência única nas Meditações Práticas, a conferir]. São aproximações de oficina, não de doutrina [hipótese do estudo].

A decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI aceita "o exercício" e recusa "a medida", e a n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI admite "um hábito que revela a luz, e nenhum hábito a forma"; o exercício que mede progresso é fronteira do capítulo 3. Da prática passa-se ao ponto que sustenta os outros nove (2.10).

2.10 A centelha e "a luz não se acende — ela se revela"

Este é o ponto mais delicado: a Stoa dá nome ao que há de divino em cada um, e o cânon deixa a Lux sem nome.

Epicteto chama as almas "partes e pedaços" de deus (*apospasma*, "fragmento arrancado") e põe em cada um por guarda o seu *daimon* (o gênio ou guia interior) (*Diatribes*, I, 14, 6 e 12–14). Sêneca fala de um espírito sagrado, *sacer intra nos spiritus sedet*, "um espírito sagrado habita dentro de nós" (*Cartas a Lucílio*, 41, 2), e de uma centelha que "um sopro leve" desdobra em fogo, quando a advertência desperta as sementes do bem (94, 29). Marco Aurélio fala do *daimon* que Zeus deu a cada um, "fragmento de si mesmo" (*Meditações*, V, 27). A tradição lê essa centelha como fragmento de um vivente, o universo (Dinucci, *As Diatribes de Epicteto, livro I*, nota 471; ver 1.6).

O cânon diz da luz: "O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância. A luz não se acende — ela se revela" (Cânon VI.2, "Os Quatro Pilares", I). "Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar — inclusive ao olhar de quem a possui" (Tratado da Luz Interior, "Definição"). A estrutura é tripla: a luz é dada, não fabricada; está em cada um; e o que a desperta vem de fora sem ser posto de fora, na advertência que acorda a centelha de Sêneca e no Abrigo que "pode revelar uma luz que estava escondida" (Catecismo, 31) [leitura do estudo].

A Ficha dizia "a luz como participação num princípio que nos excede" [Ficha, não cânon]; a letra diz que "excede" não ocorre, e que a única frase sobre participação da luz num princípio é do Tratado, a propósito do *logos* (princípio racional) de Heráclito: "participação nesse princípio comum", seguida da frase que a limita: a origem é "questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto" (Tratado da Luz Interior, "Fundamentação"). A Ficha guardou a primeira e deixou cair a que a limita [leitura do estudo].

O sol, o intelecto agente, a luz imutável e a pluralidade já foram tomados como estrutura, nunca como nome da Lux (decisões n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII; n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). O estudo dá ao *logos*, à centelha, ao *daimon* e ao *spiritus* o mesmo trato. O "quem" de Arendt (decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII) é outro uso, e não se confunde com o *daimon* de Marco Aurélio, que é voz da Stoa [leitura do estudo]. A fronteira cabe em uma frase: a Stoa dá nome ao que há de

divino em cada um, e o cânon deixa a Lux sem nome. A letra é esta: “A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” (Cânon VI.2, “Independência confessional”). O capítulo 3 a mede; o estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (br)) se a Ficha reescrita retira “participação num princípio que nos excede” e diz a fronteira pela Lux sem nome.

Em todos os dez lugares a oficina é comum; o nome que a Stoa dá ao que há de divino em cada um, e que o cânon não dá à Lux, é o assunto do capítulo seguinte (3.1).

3. Onde nos separamos

O capítulo anterior pôs lado a lado o que a Stoa e o cânon têm em comum; este diz onde as duas casas se afastam, pela letra de cada uma e sem fazer de nenhuma a adversária da outra. A Stoa fala na voz dela, a tradição lê por intérpretes nomeados, o cânon responde pela letra dos escritos, e o que passa disso vem marcado como do estudo. Onde a Ficha de outubro dizia uma coisa e a letra diz outra, o texto escreve "a Ficha dizia…; a letra diz…", sem ironia. As decisões do fundador valem como palavra dele e não se reabrem; as perguntas são do estudo, e só o fundador decide.

3.1 A centelha nomeada e a Lux sem nome

Esta é a fronteira central do estudo, e as outras dependem dela: a Stoa dá nome ao que há de divino em cada um (razão, *logos*, centelha, *daimon*), e o cânon deixa a Lux sem nome.

Epicteto chama as almas "partes e pedaços" de deus (*Diatribes*, I, 14, 6) e dá a cada uma um *daimon* (espírito guardião) (I, 14, 12–14); Sêneca fala de um "espírito sagrado" que habita em nós (*Cartas a Lucílio*, 41, 2) e de uma "centelha" (94, 29); Marco Aurélio, do *daimon* como "fragmento" de Zeus (*Meditações*, V, 27) (ver 1.6). A imagem de luz da *Carta* 41 são os raios do sol; *lux* e *lumen* não aparecem nela, e *lumen* e *igniculus* estão na *Carta* 92, 17–18: nenhum é nome da Lux.

A tradição lê esse nome com seriedade. Dinucci mostra, na nota 471 a *Diatribes*, I, 14, 6, que para os estoicos o universo é um vivente que percebe cada uma de suas partes (ver 1.6) [V-pt: Dinucci; paráfrase]. A centelha não é metáfora: é fragmento de um vivente.

A letra do cânon traz a estrutura, sem o nome. O Pilar I diz: "O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância. A luz não se acende — ela se revela" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I). O Tratado da Luz Interior acrescenta que "revelar supõe presença anterior a qualquer olhar — inclusive ao olhar de quem a possui" (Tratado da Luz Interior, "Definição"). Que a luz seja dada, e não fabricada, e que esteja em cada um, a Stoa diz e o cânon diz; é a estrutura comum que o capítulo 2 registrou (ver 2.10) [leitura do estudo].

A separação está no que vem depois. A Independência confessional não nomeia a origem: "A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê" (Cânon v1.2, "Independência confessional"). O cânon não é teísta nem ateu; o deus de Epicteto, de Sêneca e de Marco Aurélio, material, imanente e racional, é a voz da Stoa e fica como material.

A Ficha de outubro escreveu, sobre o *logos*: "a luz como participação num princípio que nos excede" [Ficha, não cânon]. "Excede" não ocorre em arquivo algum do cânon. "Participação" ocorre no Tratado da Luz Interior, e o sujeito ali é Heráclito: para o efésio "há um princípio racional comum que atravessa todas as coisas em fluxo", e "a luz interior do Pilar I é participação nesse princípio

comum: não é posse privada e isolada, mas ponto de contato entre a pessoa e algo maior que a atravessa" (Tratado da Luz Interior, "Fundamentação"). A frase seguinte da mesma seção a limita: "O ponto comum entre Agostinho, Tomás, Heráclito e o personalismo não é a origem que cada um atribui à luz — questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto, respeitando a independência confessional — mas a estrutura" (Tratado da Luz Interior, "Fundamentação").

A Ficha reuniu o parágrafo de Heráclito com o Catecismo, 17 ("o que vai além de nós", dito da transcendência que passa pela matéria, não da luz) e deixou cair a frase que as limita [leitura do estudo]. A Ficha nomeou o que o cânon cala.

A série já recusou quatro vezes, por decisão do fundador, que uma estrutura vire nome da Luz: o sol, porque "o Bem não é nome da Luz" (n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X); o intelecto agente, "estrutura, nunca nome da Luz" (n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI); a luz imutável de Agostinho, "estrutura, e nunca nome da Luz" (n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII); a pluralidade, que "entra como estrutura, não como palavra da letra" (n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). Sobre o Estudo X, a n.º 7 de 23/10/2026 fixou ainda que o sinal de Sócrates fica em Platão. A série não decidiu o *logos*; por analogia, o estudo propõe que o *logos*, a centelha, o *daimon* e o *spiritus* sejam tomados como estrutura, nunca como nome da Lux [hipótese do estudo].

A diferença que fica é de pertencimento. O "fazer parte" estoico não é o "pertencimento" da retomada (decisão n.º 4 de 17/10/2026): a centelha é parte de um todo que a nomeia e a governa (a mente de cada um "é deus e dali emanou", *Meditações*, XII, 26; ver 1.6); a Lux é de alguém, e a Bússola o diz em primeira pessoa: "eu sem a minha luz sou uma mentira" (Cânon VI.2, "A Bússola"). O nome que cada leitor dá à luz é dele, pela Independência confessional; o estudo não o dá [leitura do estudo].

Questão aberta (br): a frase da Ficha, "a luz como participação num princípio que nos excede", não é letra do cânon; é a Ficha reunindo um parágrafo do Tratado da Luz Interior, dito em voz de Heráclito, com uma frase do Catecismo, e retirando a que as limita. O estudo pergunta ao fundador se a Ficha reescrita retira a frase e diz no lugar a fronteira (a centelha nomeada × a Lux sem nome), e se o *logos*, como o sol, o intelecto agente e a luz imutável, entra como estrutura e nunca como nome da Lux.

Do que a Stoa nomeia em cada um passa-se ao que ela diz da noite (3.2).

3.2 A providência e a Vigília que não promete vitória

Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio leem o mal à luz de uma ordem do todo; a Vigília não lê a noite de cima nem do fim, e é aí que as duas casas se separam.

Sêneca defende, em *Sobre a providência*, que "nada de mau pode acontecer" ao bom (2, 1; ver 1.11) e diz do destino: "não sirvo a deus, assinto" (5, 6) [V-la; tradução do estudo]. Epicteto lê a dificuldade

como prova dada por deus e põe na boca do bom a súplica "Traze agora, ó Zeus, a circunstância que quiseres" (*Diatribes*, I, 6, 37) [V-gr; tradução do estudo]. A letra não é uniforme: Marco Aurélio deixa o dilema aberto, "ou providência ou átomos" (*Meditações*, IV, 3; ver 1.11), e a tradição discute o alcance da ordem: Thom lê os versos de Cleantes como restauração da ordem, e não como teodiceia estrita [V via secundária: Watanabe; paráfrase].

A Vigília diz o que o cânon promete: "A Vigília promete presença, não vitória: ninguém ficará sem luz dentro da noite" (Cânon VI.2, "A Vigília"). À pergunta "o que há no fundo da noite?", a resposta é "uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer" (Tratado da Vigília, "Objeção provável e resposta breve"; decisão n.º 2 de 17/10/2026). A decisão n.º 1 de 17/10/2026 fixou a fórmula que o Estudo VII deixou: o Lumen Fluens "aceita a dialética como método de crescimento doutrinal e a recusa como teodiceia".

O Tratado da Vigília, diante de Boécio, diz o mesmo em outra voz: "O Lumen Fluens honra o gesto e não adota a providência, porque a Vigília não lê a noite de cima nem do fim" (Tratado da Vigília, "Fundamentação"). A Disputatio diz: "A tempestade é real, a correnteza é real, o dano é real" (Disputatio, "Respondeo"). O cânon não diz que a noite é prova, nem que a adversidade instrui: "providência" e "destino" só ocorrem nele em voz alheia ou recusados, e "prova" ocorre uma vez, com outro sentido. A decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII registra que "o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua". A fronteira é de leitura, não de acusação: a Stoa lê o mal por dentro de um todo ordenado, e a Vigília fica com quem está na noite, passe ela ou não [leitura do estudo].

A segunda fronteira é a do verbo. Epicteto manda querer "que aconteçam como acontecem" (*Encheirídion*, 8) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien], e cita a prece de Cleantes (atribuição de Dinucci e de Sêneca; ver 1.5), que diz *hepsomai*, "seguirei", e *synkechōrēken*, "cedeu", "consentiu" (*Encheirídion*, 53) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. O cânon tem outro verbo: "Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz" (Catecismo, 14). "Aceitar" e "consentir" só ocorrem em voz alheia ou, nos Tratados, para dizer o que a Vigília não faz: "quem se recusa a apagar não consentiu em nada" (Tratado da Vigília, "Objeção provável e resposta breve"). *Assentir* e *portar* não se traduzem um pelo outro [leitura do estudo].

Questão aberta (bu): a fronteira com a teodiceia, já dita diante de Hegel no Estudo VII (a Vigília "promete presença, não vitória"), recebe aqui letra estoica: a providência, o mal como prova, o *logos* que ordena o mal. O estudo pergunta ao fundador se essa fronteira entra como fronteira da série, ao lado das que a série já registrou, ou se fica só deste estudo.

Do mal passa-se a quem o sofre e à palavra que as duas casas usam em sentidos diferentes (3.3).

3.3 A *misericordia* recusada, a *clementia* e a Regra da Misericórdia

"Misericórdia" tem aqui quatro usos, cada um na sua voz: a *misericordia* que Sêneca recusa, a *clementia* que ele louva, a Regra da Misericórdia do cânon e a graça da tradição cristã; a fronteira passa por não confundir nenhum.

A *misericordia* é paixão. Diógenes Laércio dá a letra grega: *eleos* é tristeza (*lypē*) "por quem sofre indignamente" (*Vidas*, VII, 111) [V-gr; V-en: Hicks, conferência a fazer; tradução do estudo]. Sêneca a diz "doença do ânimo" e manda o sábio socorrer sem compadecer-se (*Da clemência*, II, 5, 4 e 6, 3; ver 1.10). A *clementia* é outra coisa: "moderação do ânimo no poder de vingar-se" (II, 3, 1; ver 1.10), virtude de quem tem poder sobre outro, hierárquica por definição. E o exame noturno, o de Sêxtio que Sêneca pratica, termina em perdão: *nunc tibi ignosco*, "por agora te perdoo" (*Sobre a ira*, III, 36, 3–4; ver 1.9). O sábio não perdoa, porque não omite o devido (*Da clemência*, II, 7, 1–2; ver 1.10); quem diz *nunc tibi ignosco* é um proficiente a si mesmo [tese de Lohner, via Franco 2022]. A tensão está na letra, e a leitura que a concilia é do estudo [leitura do estudo].

A tradição acrescenta duas vozes. Foucault lê o exame de Sêneca como balanço de administrador, e não de réu, e a correção à Ficha encontra apoio nessa leitura [V-en via secundária: texto de 1980; aula de 24/03/1982, tese a confirmar]. Agostinho defende a *misericordia*, que os estoicos costumam censurar, como movimento que "serve à razão" e anda com a justiça (*A cidade de Deus*, IX, 5; ver 1.10), e não é a paixão que Sêneca recusa. O Estudo XII, 4.2, já mediu a recusa agostiniana da *apatheia* (ver 3.4).

A Regra da Misericórdia diz: "Falhar na regra não apaga a luz. Recomeça-se no dia seguinte, sem drama. O rio não pune a folha que parou numa margem: ele a retoma" (Cânon VI.2, "A Regra da Misericórdia"). Quem retoma não é o Abrigo nem outra pessoa: "A mão que retoma, na Regra da Misericórdia, é o rio — o Flumen —, não o Abrigo. A retomada é pertencimento, e não depende de outra pessoa" (decisão n.º 4 de 17/10/2026). O estudo lê que, em Sêneca, quem diz "te perdoo" é o próprio examinando [leitura do estudo]. O endereço da Regra é reflexivo: "falar a quem falhou consigo mesmo, para que não desista da própria luz por causa do próprio erro. Isso é diferente de decidir o que se deve ao mal cometido contra outrem" (Disputatio, "Respondeo"). O perdão da vítima ao lobo fica para o tratado da justiça (decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX), e "perdão", "clemência" e "compaixão" não têm letra no cânon.

A decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII separou em duas a linha "Misericórdia e graça" da Ficha do Estudo III: "a mão que retoma, que é do rio, e a graça, que é toque do cristianismo". A Regra não é, portanto, a *misericordia* recusada (não é compaixão pelo outro), não é a *clementia* (não é a brandura de quem tem poder) e não é a graça [leitura do estudo]. Em estrutura, está mais perto do *nunc tibi ignosco*, o perdão de si diante da falha, do que das outras três, e dele se separa em quem estende a mão: em Sêneca, o próprio exame, a razão que julga e absolve; no cânon, o rio [hipótese do estudo].

Daí a segunda correção à Ficha. A Ficha dizia: "O exame noturno (Sêneca, De Ira III.36): ancestral do nosso Examinar — tribunal lá, misericórdia aqui" [Ficha, não cânon]. A letra diz que o exame de Sêneca perdoa e que o Examinar não é tribunal: "Não é o exame de um juiz severo, contando pontos negativos" (Meditações Práticas, "O Examinar da noite"). A Regra da Misericórdia não é o outro polo do Examinar; liga-se a ele só pelo recomeço: "quem deixou passar o exame de uma noite volta a fazê-lo na seguinte" (Catecismo, 47). O que separa as duas casas está nas perguntas (ver 3.8) e na mão: em Sêneca, o próprio exame; no cânon, o rio [leitura do estudo].

Questão aberta (bp): o exame noturno de Sêneca ao lado do Examinar. A Ficha dizia "tribunal lá, misericórdia aqui"; o estudo mostra que Sêneca perdoa e que o Examinar não é tribunal. O estudo pergunta ao fundador se a Ficha reescrita adota a correção e diz a fronteira pela mão que retoma (em Sêneca, o próprio exame; no cânon, o rio).

Questão aberta (bt): o estudo pergunta ao fundador se quer uma nota no glossário da Regra da Misericórdia (não é a *misericordia* que a Stoa recusa, nem a *clementia*, nem a graça) ou se basta este estudo, com a separação já decidida (n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII).

Da mão que retoma passa-se ao afeto, à alegria da Stoa e à celebração do cânon (3.4).

3.4 A alegria severa e a dança

A Ficha dizia: "Apatheia vs. celebração: desconfiamos de uma sabedoria que não dança" [Ficha, não cânon]. A letra da Stoa desfaz a caricatura, e a fronteira que sobra é outra.

A *apatheia* (ausência de *pathos*, de paixão) não é ausência de afeto, e a letra da Stoa desfaz a caricatura (ver 1.3 e 2.7). O que fica novo é Sêneca querendo que a alegria "nasça em casa" (*Cartas a Lucílio*, 23, 3–4) [V-la; tradução do estudo], e o sábio "cheio de alegria" (59, 14) [V-la; tradução do estudo]; e Epicteto perguntando: "Que outra coisa posso eu, velho e coxo, senão cantar a deus?" (*Diatribes*, I, 16, 20) [V-gr; tradução do estudo]. A Stoa tem alegria, e a chama "coisa séria" (23, 3–4; ver 2.7).

A tradição confirma e separa. Graver lê as *eupatheiai* (afetos bons) como emoções do sábio, feitas de juízos verdadeiros (*Stoicism and Emotion*) [paráfrase; tese a confirmar]. Agostinho registra que os estoicos admitiram três afetos bons e negaram a quarta, a aflição, que ele admite quando é segundo Deus (*A cidade de Deus*, XIV, 8; 2 Coríntios 7) [V-la; paráfrase]. Quanto à *apatheia*, a recusa dele tem duas faces: rejeita a insensibilidade e admite como livramento dos afetos contra a razão uma *apatheia* que tem prazo (XIV, 9; ver 1.3 e o Estudo XII, 4.2). A decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII faz a Ficha do Estudo II receber essa recusa, "como recebeu Sócrates", como material.

Em *A cidade de Deus*, IX, 4, 3, Agostinho chama a diferença entre estoicos e peripatéticos de "disputa de palavras" (ver 1.3), o que enfraquece o contraste limpo da Ficha. A razão de Agostinho é

moral e teológica: o peregrino, o cidadão da cidade de Deus a caminho, ama e por isso sente. Entre as duas casas ele entra como leitura, e não como árbitro [leitura do estudo].

O Pilar IV prescreve "um momento diário de celebração física plena — dançar, caminhar com atenção, cozinhar sem pressa" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", IV), e a celebração maior da semana é, "idealmente com outros: a luz é para todo o mundo ver, não para consumo próprio" (Cânon v1.2, "Regra de Vida", "Ritmo semanal"). "Trata-se de lembrar, com o corpo, que você não é só o que produz. O templo também dança" (Meditações Práticas, "A celebração maior"). Pela contagem do estudo, "*apatheia*", "paixão", "afeto" e "emoção" não ocorrem no Cânon, no Catecismo nem nas Meditações Práticas, e "alegria" ocorre uma vez, como o que falta a quem volta à prática carregado de culpa (Meditações Práticas, "A Regra da Misericórdia").

A fronteira, dita pela letra, não é alegria × ausência de alegria. É de que lugar a alegria nasce e com quem ela se faz: a do sábio nasce em casa, severa e guardada pela razão; a do cânon passa pelo corpo, pelo ritmo, pela mesa, e se faz de preferência com outros [leitura do estudo]. A fronteira se diz sem emprestar palavras: Marco Aurélio vê beleza no pão rachado e no figo maduro (*Meditações*, III, 2; ver 2.7), e a alegria do sábio, o *gaudium*, recusa a medida da paixão (*Cartas a Lucílio*, 116, 1; ver 1.3). "Dançar" e "celebrar" são palavras do cânon, e "festa" é palavra de Epicteto; "desconfiamos" é voz da Ficha, não do cânon.

Questão aberta (bv): a Ficha reescrita troca "uma sabedoria que não dança" por uma fronteira dita pela letra (a alegria estoica existe e é severa; a celebração do cânon inclui o corpo), com Agostinho ao lado (n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII)? O estudo pergunta ao fundador.

Da alegria que nasce em casa passa-se ao que se deve ao outro (3.5).

3.5 O sábio que não precisa e o Abrigo que deve

A fronteira não passa pela solidão nem pela cidadela, e sim pelo motivo com que se abre a mão: necessidade ou dívida.

O sábio de Sêneca "deseja ter amigo e vizinho e companheiro, ainda que baste a si mesmo" (*Cartas a Lucílio*, 9, 3; ver 1.7) e se contenta consigo "para viver feliz" (9, 13; ver 1.4); o mesmo Sêneca escreve que "ninguém tem força bastante para emergir por si; é preciso que alguém estenda a mão" (52, 2) [V-la; tradução do estudo]. A *oikeiōsis* (afinidade, apropriação) corre de dentro para fora (ver 1.7); quem mostra o caminho a quem erra "acende uma luz" da própria luz (Ênio, citado por Cícero, *Dos deveres*, I, 51; ver 2.5); o retiro de Marco Aurélio tem "volta marcada" (*Meditações*, IV, 3; ver 1.7). A mente livre de paixões é a *akropolis* de *Meditações*, VIII, 48; *La Citadelle intérieure* é o título de Hadot (ver 1.7).

A tradição disputa a medida. Hegel lê a liberdade estoica como retirada para o pensar (Estudo VII, 4.2), e o Estudo XII, 4.2, registrou que Agostinho aprova "muito mais" a vida social do sábio (*A*

cidade de Deus, XIX, 5), o que apoia, do lado da Stoa, a "casa de portas abertas" da Ficha [leitura do estudo].

O Abrigo diz: "A Bússola protege a minha luz; o Abrigo a oferece. Uma filosofia que só protege a própria luz vira lamparina de museu" (Cânon v1.2, "O Abrigo"). O fundamento do Abrigo é a dívida: "uma luz devida ao outro" (Catecismo, 36; ver 2.8), e o olhar do outro "não a cria, mas pode ser o primeiro a vê-la" (Catecismo, 31). A decisão n.º 5 de 19/10/2026 diz que as Águas Comuns são assimétricas no Abrigo e recíprocas no rio, e que a assimetria é "de posição, não de valor"; o Abrigo "não vai até a substituição" (n.º 4 de 19/10/2026), e a amizade fica nas Águas Comuns, porque "o Abrigo não pede retorno em ponto algum" (n.º 5 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI). O retiro tem a letra de duas marcas: ele "guarda a luz para devolvê-la" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"; ver 2.6).

A Ficha dizia: "Autossuficiência vs. Abrigo: cidadela interior, não; casa de portas abertas" [Ficha, não cânon]. "Autossuficiência", "cidadela" e "portas abertas" não ocorrem no cânon, que tem o retiro (11 vezes; 15 com as flexões de "retirar"), com a marca de devolver a luz, a mesma que o retiro de Marco Aurélio carrega (ver 2.6). Lida como recusa do recolhimento, a Ficha contradiz a letra. A fronteira real é a lamparina de museu e o "individual" como fechamento, e é fina: o sábio ajuda sem precisar do outro para a própria luz; o Abrigo é casa para quem chega porque lhe é devida uma luz. A direção também difere: na *oikeiōsis* a ajuda vai de dentro para fora; no Abrigo, parte de quem chega até mim. E a *Carta a Lucílio* 52 impede a caricatura do sábio fechado [leitura do estudo].

Questão aberta (bs): o retiro em si (*Meditações*, IV, 3) ao lado da margem. O estudo pergunta ao fundador se é leitura aceitável, e se "cidadela interior, não" vira, na Ficha reescrita, "a cidadela se abre: a margem devolve a luz".

Do retiro e do Abrigo passa-se à cidade que a razão governa e ao rio que ninguém governa (3.6).

3.6 A razão como dono da cidade e o rio *nullius*

Os dois dizem que ninguém é só seu; a Stoa diz também quem governa o todo, e o rio é "de todos e de ninguém".

A cidade comum estoica tem lei, razão e governante (ver 1.7): o mundo, dizem os estoicos por Catão, é "governado pela vontade dos deuses" (Cícero, *Dos fins*, III, 64) [V-la; tradução do estudo], e Marco Aurélio e Epicteto o fazem uma cidade de que se é cidadão (*Meditações*, IV, 4; *Diatribes*, II, 10, 3).

O lema do cânon é *Flumen omnium, nullius*, "O rio, de todos e de ninguém" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"). O Tratado explica o nome: "o cânon diz águas comuns, e não comunidade, sociedade ou coletivo, palavras que dariam ao rio um dono" (Tratado das Águas Comuns, "Definição"). Na Fundamentação, "o rio do cânon é o fluxo, mais largo e mais humilde que o espaço público, e não é programa político"; e a redação pedida pela decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII diz que

Arendt separa o político do social, e que "o nome 'Águas Comuns' foi escolhido por outra razão, a de não dar ao rio um dono, e a distinção dela fica registrada aqui, junto a essa razão, sem que o rio seja nem um nem outro" (Tratado das Águas Comuns, "Fundamentação").

"Cidade", "cidadão", "cosmopolita" e "lei" não têm letra no cânon. O estudo lê: o argumento do Tratado contra um nós que tem dono é o argumento contra a cidade regida por um *logos* [hipótese do estudo].

A escravidão e a condição da mulher são controvérsias que esta fronteira não atenua (ver 1.11: Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 47; Musônio Rufo; Joly e Aggio). O cânon fixa a fronteira de outro lugar: "A fronteira do escravo por natureza e da mulher é fronteira da série" (decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI), e "nenhuma pessoa está fora da Lux" (n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII). As duas fixam o padrão de método para os clássicos seguintes; este estudo só o segue, e não tira delas nada sobre a Stoa.

Questão aberta (k): o mal estrutural, a escravidão em Sêneca (*Cartas a Lucílio*, 47). O estudo registra a matéria e não a fecha; pergunta ao fundador se a nota fica e se o padrão das duas fronteiras (n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII) se estende à Stoa.

Da cidade que a razão governa passa-se a quem nela erra (3.7).

3.7 O erro por ignorância e o lobo que deve justiça

A Stoa desculpa o ofensor pelo erro, e o cânon define o lobo pelo ato e lhe deve justiça.

Marco Aurélio escreve que o mau que os homens fazem lhes vem "por ignorância dos bens e males" (*Meditações*, II, 1) [V-gr; tradução do estudo], que "amar também os que tropeçam" é próprio do homem, porque erram por ignorância (VII, 22; ver 1.10), e que a maldade particular "não prejudica o outro" (VIII, 55) [V-gr; tradução do estudo]. Epicteto diz "Assim lhe parece" (*Encheirídion*, 42; ver 1.10), e daí a mansidão para com quem insulta. Dinucci anota que, para os estoicos, "todo erro é fruto de uma falsa opinião" (nota 34 ao *Encheirídion*, 27) [V-pt: Dinucci].

A Vigília define o lobo pelo ato: "O lobo é o mal que alguém inflige — diante dele não se vela: resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro" (Cânon VI.2, "A Vigília"). "O lobo é o mal que alguém inflige, e é lobo quem o inflige, com ou sem intenção; a irreflexão não é noite" (Tratado da Vigília, "Definição"; decisão n.º 5 de 17/10/2026). "A fronteira entre noite e lobo passa pelo ato, não pela pessoa" (decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX), e a irreflexão é "figura do lobo 'sem intenção'" (n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). "Ignorância" não ocorre na letra.

A fronteira, pela leitura do estudo: a Stoa chega à mansidão porque o ofensor não prejudicou o princípio diretor (*hēgemonikon*, a parte da alma que governa e julga) de quem sofre; o cânon sustenta uma justiça devida ao outro, que a letra ainda não formulou. Os dois "outros" não se

somam: o do Catecismo, 36, é a dívida de luz; o de Marco Aurélio, o parente que erra por ignorância. A justiça ao ofensor não é argumento estoico [leitura do estudo].

Questão aberta (g): a justiça devida ao lobo, e o modo de distingui-la da vingança, fica aberta até o tratado da justiça ("deve-se justiça", Catecismo, 36). O estudo pergunta ao fundador se a *clementia* e o *Encheirídion*, 42 entram como matéria desse tratado.

Questão aberta (bw): o erro por ignorância (*Meditações*, II, 1; *Encheirídion*, 42) e o lobo que deve justiça (Catecismo, 36): o estudo declara a fronteira e pergunta ao fundador se ela se registra na Ficha.

Do erro que se desculpa passa-se ao exame que mede (3.8).

3.8 O progresso e a revelação

As perguntas do exame medem coisas diferentes: em Sêneca, o que melhorou; no cânon, onde a luz se escondeu e onde brilhou.

Sêxtio, no relato de Sêneca, perguntava o que melhorou (*Sobre a ira*, III, 36, 1; ver 1.9). Epicteto termina o exame em alegria (*Diatribes*, III, 10, 2–3; ver 1.9) e põe o progresso (*prokopē*) em "voltar-se para a própria *prohairesis*" (a faculdade de escolha), para torná-la "conforme à natureza" (I, 4, 18; ver 1.8) [V-gr; tradução do estudo].

O Examinar pergunta: "onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I). "O exame diário não acende a luz nem a produz: revela onde ela ficou coberta e onde apareceu sem obstáculo" (Tratado da Luz Interior, "Objeção provável e resposta breve"). "Esforça-se a partir da luz, não para merecê-la" (Tratado da Luz Interior, "O problema que responde"). "Progresso" não ocorre na letra do cânon, e "melhor" não ocorre na letra do Examinar; ocorre em outros lugares do cânon, com outro uso. A decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI admite "um hábito que revela a luz, e nenhum hábito a forma", e a n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X, que "A Lux admite graus de visão, nunca de valor". O Examinar fecha com a gratidão a alguém do passado (Cânon v1.2, "Regra de Vida", "Ritmo diário"); a gratidão é o fecho, não uma terceira pergunta.

O balanço estoico mede degraus de caráter, e a fronteira está em *prokopē* × revelação: "a luz não se acende — ela se revela" (ver 3.1). A decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI aceitou de Aristóteles o exercício e recusou a medida; o estudo lê que o exercício estoico que treina caberia do mesmo modo, e que o que o cânon não adota é a medida do valor [leitura do estudo].

Do exame passa-se à saída da vida, que a Stoa nomeia e o estudo só aponta (3.9).

3.9 A Vigília que fica

A Stoa tem a saída racional da vida, a "porta aberta" (Epicteto, *Diatribes*, I, 24, 20; Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 70, 14–15); este estudo só a nomeia.

O Tratado da Vigília define o vigiar por si, sem referência à Stoa: "Quem vela para que a noite passe, espera; para que signifique, interpreta; vela quem fica, passe a noite ou não" (Tratado da Vigília, "Objeção provável e resposta breve"). O estudo não liga a definição à saída da vida [leitura do estudo].

Do que a Vigília guarda passa-se ao que a Ficha dizia (3.10).

3.10 A Ficha corrigida

As sete frases da Ficha de outubro (quatro toques e três fronteiras) trazem nove afirmações sem letra no cânon; o estudo as diz como correção, sem reabrir nada, e o capítulo 5 mede cada frase.

Primeira: "participação num princípio que nos excede" é a Ficha, não o cânon (3.1). Segunda: "tribunal lá, misericórdia aqui" não se sustenta, porque Sêneca perdoa e o Examinar não é tribunal (3.3). Terceira: "portar o involuntário": "involuntário" não ocorre; a letra mais próxima é "uma mudança que você não pediu" (Meditações Práticas, "O Portar do dia"), e Dinucci traduz *ta eph' hēmin* por "encargos nossos", recusando "controle" (ver 1.2). Quarta: "aceitar é o começo do gesto": "aceitar" só ocorre em voz alheia (3.2), e *amor fati* é de Nietzsche, para quem o necessário "deve ser amado" (ver 4.7); a Stoa diz seguir e consentir. Quinta: "cidadela interior, não; casa de portas abertas", meia-verdade (3.5).

Sexta: "ancestral do nosso Examinar": Sêneca não ocorre no cânon, e "ancestrais" é só do Flumen; a decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X pôs Sócrates ao lado, "como o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar". Sétima: "herança comum": "herança" só ocorre no Tratado da Luz Interior, sobre Agostinho; a letra tem "herdeiros" e "ancestrais". Oitava: "ambos bebemos de Heráclito": a letra põe Heráclito entre as vozes dos Tratados, sem a Stoa; a Stoa como herdeira de Heráclito é leitura de Hegel (Estudo VII, 2.2). Nona: "desconfiamos de uma sabedoria que não dança" (3.4). As nove afirmações cabem em sete frases porque o primeiro e o terceiro toques carregam duas cada; nenhuma é letra, e quatro das sete frases têm uma metade que é letra (portar, mensagem, celebração, Abrigo) [leitura do estudo].

Questão aberta (bo): a fórmula. O estudo pesou três letras — "aceita da Stoa o exame e recusa a providência", "aceita da Stoa o portar e recusa a centelha nomeada", "aceita da Stoa o exame e recusa o consentimento" — e propõe a terceira no capítulo 6 (6.2), com as razões; o fundador adota uma, emenda ou recusa as três. A forma das fórmulas anteriores é "aceita de X o A e recusa o B", em que B é o que graduaria a pessoa, condicionaria a luz ou justificaria o mal [leitura do estudo].

Questão aberta (bq): "*amor fati*" sai da Ficha, por ser de Nietzsche, e entra "consentir ao destino" (Cleantes; *ducunt volentem fata*, "o destino conduz quem lhe obedece")? O estudo pergunta ao fundador.

Questão aberta (j): a Bússola vetaria o monte Moriá, onde Abraão recebe a ordem de sacrificar o filho? O estudo não achou na Stoa matéria que alcance a questão; pergunta ao fundador se o silêncio fica registrado.

Questão aberta (bx): a Ficha reescrita. O estudo propõe a nova letra no capítulo 5, com Sócrates, Catão, Epicteto e a recusa agostiniana da *apatheia* já decididos; pergunta ao fundador se aprova, emenda ou mantém a Ficha de outubro ao lado do estudo.

Da Ficha corrigida passa-se às casas que já falaram da Stoa (capítulo 4).

4. O estoicismo diante das casas da série

Este capítulo põe a Stoa diante das casas que a série visitou e das que ainda visitará; em cada uma, a tradição lê (o que a casa disse da Stoa), a Stoa diz (o que a sua letra afirma) e o cânon responde. Os Estudos VII a XIII tocaram a Stoa pela Ficha de outubro e a deixaram como estava. Três decisões do fundador mandaram matéria à Ficha do Estudo II e entram aqui como material decidido: a n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X ("Sócrates entra na Ficha do Estudo II, como o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar"), a n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII (a Ficha "recebe a recusa agostiniana da *apatheia*", a ausência de paixão) e a n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII ("Catão e Epicteto entram na Ficha do Estudo II, ao lado de Sócrates"). O que cada estudo já disse é citado pelo número e pela seção, e não refeito.

4.1 Hegel

Hegel conheceu a Stoa por dentro, e o Estudo VII lhe deu a seção mais longa da série sobre o estoicismo (Estudo VII, 4.2); o que segue a cita, sem refazê-la.

A tradição lê, na *Fenomenologia*, uma consciência cuja essência é ser livre "no trono e nas cadeias" e que se retira "do movimento da existência, da atividade eficaz como do sofrimento passivo, para a essencialidade simples do pensamento". A objeção é de forma: essa liberdade "carece do preenchimento concreto da vida" e responde à pergunta pelo bom e pelo verdadeiro com o "pensamento abstrato, sem conteúdo" (Hegel, *Fenomenologia do Espírito*, "Liberdade da autoconsciência: estoicismo", §§197–201; em Baillie, *contentless thought*; o alemão não foi aberto) [V-en: Baillie; tradução do estudo]. O §199 não nomeia ninguém, e as *Lições sobre a História da Filosofia* levam Sêneca, Epicteto e Antonino "a um rumo retórico e parenético" (isto é, exortativo), mas reconhecem "a grandeza desse princípio" e fazem dos estoicos herdeiros de Heráclito (Estudo VII, 4.2 e 3.4) [V via secundária: Estudo VII, 4.2]. Daí o "mesmo avô" do Estudo VII (2.2), que é leitura de Hegel e não letra do cânon.

Epicteto diz o gesto que Hegel descreve: amarram-lhe a perna, e a *prohairesis* (a faculdade de escolha) ninguém a vence, "nem Zeus" (*Diatribes*, I, 1, 23; ver 1.2) [V-gr; tradução do estudo]. A interiorização estoica, nota Dinucci, não é a interioridade cristã nem a privacidade moderna: é interior "tudo o que está sob nosso controle e que depende de nossa escolha" (Dinucci, *Introdução ao Manual de Epicteto*) [V-pt: Dinucci]. O mesmo Dinucci prefere "encargos nossos" a "controle" para *ta eph' hēmin* (ver 1.2), e o estudo registra e não decide.

O Estudo VII leu por Hegel o "cidadela interior, não" da Ficha [Ficha, não cânon] como liberdade só pensada, "conceito sem vida", e anotou que a Vigília não subscreve a consolação de Hegel, em que "o negativo se converte em afirmativo" (Estudo VII, 4.2) [leitura do estudo]; o que isso faz à Ficha é dos capítulos 3 e 5. A letra do cânon sobre o retiro é outra: "o retiro é discreto, e guarda a

luz para devolvê-la ao fluxo" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"). O de Marco Aurélio tem volta marcada, "àquilo a que voltas" (*Meditações*, IV, 3; ver 1.7) [V-gr; tradução do estudo], o que a descrição hegeliana da retirada não registra [leitura do estudo].

Da Stoa que Hegel mede e nomeia passa-se à casa em que ela nem é nomeada (4.2).

4.2 Levinas e Ricoeur

Levinas e Ricoeur não fazem da Stoa uma casa: o primeiro a cala, o segundo a usa como figura.

A tradição lê, em Levinas, nada. Nos dois volumes percorridos por inteiro, o Estudo VIII não achou estoico, estoicismo, Epicteto, Marco Aurélio nem Sêneca, e achou epicuristas (Levinas, *Totalidade e Infinito*) [V-en via secundária: Estudo VIII, 4.5]; nenhum intérprete nomeado o põe com os estoicos. O silêncio não é aprovação nem censura. A única vizinhança é "nenhum rosto pode ser abordado de mãos vazias e com a casa fechada" (Levinas, *Totalidade e Infinito*) [V-pt via secundária: Estudo VIII, 4.5], posta ao lado da cidadela da Ficha como [inferência do estudo]. A Stoa não tem por lema a casa fechada: o sábio de Sêneca "deseja ter amigo" (*Cartas a Lucílio*, 9, 3; ver 1.7) [V-la; V-pt: Dinucci].

O Examinar tem o que Levinas não disse: as duas perguntas e o fecho em gratidão (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I; "Regra de Vida"). E o cânon adotou dele um princípio, pela decisão n.º 8 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII: justificar a dor do próximo é a fonte de toda imoralidade.

Em Ricoeur a Stoa é adjetivo de caráter: "o orgulho estoico da inflexível constância a si", a "rigidez estoica da simples fidelidade" (Ricoeur, *O si-mesmo como um outro*) e, no mal, "qualquer explicação de tipo estoico ou leibniziano vem a se chocar contra o sofrimento dos inocentes" (Ricoeur, *Finitude e culpabilidade*) [V-es via secundária: Estudo IX, 4.4]. A Stoa responde, em Sêneca, que o sábio não é inflexível por não sentir: "mas o sente" (*Cartas a Lucílio*, 9, 3; ver 1.3) [V-la; tradução do estudo]. Que a "explicação de tipo estoico" seja o tratado *Sobre a providência* ("nada de mau pode acontecer", 2, 1; ver 1.11) [V-la; tradução do estudo] é [hipótese do estudo]: Ricoeur não o nomeia. A Vigília não se chama "consolo, quando consolar é explicar" (Tratado da Vigília, "Definição"), e a decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX diz que o sentido do sofrimento "não se ensina, só se acha".

Do uso que Ricoeur faz da Stoa passa-se ao modelo que a própria Stoa escolheu (4.3).

4.3 Platão e Sócrates

A casa de Platão não recebeu a Stoa; recebeu o homem a quem a Stoa se volta, e o Estudo X, em 4.1, fez disso a seção "Sócrates como modelo da Stoa".

O Estudo X reuniu quatro passos de leitores antigos de Sócrates, e não de uma doutrina de Platão. Sêneca diz que Platão, Aristóteles e a multidão dos sábios "tiraram mais proveito do caráter que

das palavras de Sócrates" (*Cartas a Lucílio*, 6, 6) e aconselha: "Se desejas um modelo, toma Sócrates" (104, 27–28; ver 1.9) [V-en via secundária: Estudo X, 4.1]. Epicteto diz que Sócrates nunca se dizia ateniense ou coríntio, mas "cidadão do mundo": assim o Estudo X leu *Diatribes*, I, 9, 1 [V-en via secundária: Estudo X, 4.1], mas ali o grego traz *kosmios* ("ordenado, do mundo"), e o *politēs tou kosmou*, "cidadão do mundo", está em II, 10, 3 [V-gr]. Dinucci diz que o estoicismo "surge na confluência do pensamento de Heráclito, de Sócrates e dos cínicos" (*Introdução ao Manual de Epicteto*) [V-pt: Dinucci].

A Stoa dá a Sócrates o exame ("se examinava", *Diatribes*, II, 1, 32), o dano que lhe não podem fazer ("não podem me causar dano", *Encheirídion*, 53, 4) e o modelo ("desejando ser como Sócrates", *Encheirídion*, 51, 3; ver 1.9 e 2.3) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. O exame e o portar da decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X têm aí a letra, o primeiro em *Diatribes*, II, 1, 32, e o segundo em *Encheirídion*, 53, 4 [leitura do estudo].

A letra do Examinar "não traz interlocutor, refutação nem Sócrates" (Estudo X, 4.1), e "cidade" e "cidadão" não ocorrem no cânon: os nomes dele para o outro são casa e águas (Cânon VI.2, "O Abrigo"; "As Águas Comuns"). Segundo o Estudo X, Platão deu à série o sol e o Bem [leitura do estudo]; a decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X os fez estrutura: "O sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz". Nas passagens percorridas da Stoa não há sol; a ausência é do recorte, e o sol segue estrutura [leitura do estudo]. A Stoa traz o *logos* (a razão que ordena o todo) e o deus, na voz dela, e o estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (br)) se vale para o *logos* o que vale para o sol.

Do modelo que a Stoa tomou passa-se à casa com que ela discutiu (4.4).

4.4 Aristóteles

A discussão da Stoa com a casa de Aristóteles cai sobre a medida das paixões, e o Estudo XI, em 4.1, a registrou como a recusa do meio-termo.

O Estudo XI lê em Aristóteles uma virtude de caráter que é disposição ligada à escolha, numa mediania "relativa a nós" (*Ética a Nicômaco*, II, 6) [V-gr; V-pt via secundária: Estudo XI, 4.1], necessária e não suficiente (I, 8). A Stoa diz o contrário das paixões: Sêneca separa os estoicos, que as expulsam, dos peripatéticos (os discípulos de Aristóteles), que "as moderam" (*Cartas a Lucílio*, 116, 1; ver 1.3) [V-la; tradução do estudo]. Na *Carta a Lucílio* 85 ele discute se os impedimentos prejudicam a virtude, e o Estudo XI lê ali e na *Ética a Nicômaco*, I, 8, a mesma disputa sobre se a virtude basta [leitura do estudo].

A decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI diz que o Lumen Fluens "aceita de Aristóteles o exercício e recusa a medida", e a medida recusada é a que "gradua pessoas", não a mediania. São duas recusas de medida que não se confundem, a da Stoa, sobre as paixões, e a do cânon, sobre as

pessoas; a letra cala sobre ambas [leitura do estudo]. “Meio-termo”, “mediania”, “paixão”, “ira” e “prazer” não ocorrem no cânon, e “celebração” ocorre treze vezes (contagem do Estudo XI, 4.1).

No hábito, a *askēsis* (exercício) de Epicteto manda “opor um hábito contrário” ao que desvia (*Diatribes*, III, 12, 6; ver 2.9) [V-gr; tradução do estudo]. A decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI admite “um hábito que revela a luz, e nenhum hábito a forma”, e a n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI faz das Virtudes dos Pilares hábitos “sem que o valor da pessoa dependa delas”. A prática do cânon treina sem dar valor, e este estudo a leva em conta ao tratar do exercício estoico [leitura do estudo]. A Ficha fica como está.

Da disputa que Sêneca toma por real passa-se a Agostinho, que a chama disputa de palavras (4.5).

4.5 Agostinho

Agostinho lê a Stoa como leitor, e não como herdeiro (Estudo XII, 4.2); entram aqui a cena de onde ele parte, o que o Estudo XII não citou e a recusa que a Ficha recebeu.

A cena é de Gélio: num mar violento, entre Cassiópe e Brindisi, o filósofo estoico que Gélio conhecera em Atenas empalidece na tempestade e, em terra, tira da bagagem o quinto livro das *Diatribes* de Epicteto (Aulo Gélio, *Noites áticas*, XIX, 1, 1 e 14) [V-la; paráfrase]. A doutrina, na letra de Gélio, é que “o ânimo do sábio também se move, se contrai e empalidece por um instante [...] por movimentos rápidos e irrefletidos” (XIX, 1, 17), e que o sábio “não dá o assentimento” (XIX, 1, 20; ver 1.3) [V-la; tradução do estudo]. O lugar da doutrina no corpus conservado de Epicteto é [localização a confirmar].

A tradição lê, em Agostinho, quatro passos. Em *A cidade de Deus*, IX, 4, a mente de sentença fixa, “não consentindo e antes resistindo, exerce o reino da virtude” [V-la; tradução do estudo]. “Consentir” é palavra de Agostinho sobre o sábio estoico e não ocorre no cânon; “resistir” ocorre na letra, com sentido próprio: é o gesto diante do lobo (Catecismo, 36). O estudo não os aproxima. Em IX, 5, ligado à cena de Gélio, Agostinho diz quanto mais honroso seria que aquele estoico se perturbasse “pela misericórdia de livrar um homem” do que “pelo medo do naufrágio” (ver 1.10) [V-la; V-en: Dods; tradução do estudo]. “Misericórdia” tem aqui quatro usos, cada um na sua voz: a *misericordia* que Sêneca recusa, a *clementia* que ele louva, a Regra da Misericórdia do cânon e a graça da tradição cristã (ver 3.3).

Em XIV, 8, Agostinho registra os afetos bons que os estoicos admitem (vontade, alegria e cautela) e a aflição, para a qual admitem nenhum (ver 1.3) [V-la; tradução do estudo]. Em XIV, 9, além do que o Estudo XII citou, a recusa tem duas faces e um prazo: a *apatheia* tomada por insensibilidade é “pior que todos os vícios” (o torpor), e a tomada por livramento dos afetos que perturbam contra a razão é boa, mas “nem essa é desta vida” (ver 1.3 e o Estudo XII, 4.2) [V-la; V-en: Dods; tradução do estudo].

Os pais latinos acrescentam a lenda. Tertuliano chama Sêneca "tantas vezes dos nossos", *Seneca saepe noster* (*Sobre a alma*, XX, 1) [V-la; V-en: Holmes]; Jerônimo o põe no catálogo pelas cartas de Paulo a Sêneca e de Sêneca a Paulo, "lidas por muitos" (*Sobre os homens ilustres*, 12) [V-en; tradução do estudo], correspondência apócrifa [paráfrase].

A decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII manda a recusa agostiniana da *apatheia* à Ficha como matéria, e a letra do cânon diz: "O templo também dança" (Meditações Práticas, "A celebração maior"). O Estudo XII viu que Agostinho fica do lado da Ficha, com uma diferença de coisa: a frase da Ficha é estética e prática, a dele moral e teológica (Estudo XII, 4.2). E Agostinho enfraquece o contraste limpo ao dizer que a diferença com os peripatéticos é verbal (IX, 4; ver 1.3) e ao registrar a alegria entre os afetos bons que os estoicos admitem (XIV, 8). À dança a letra do cânon dá outra razão que a do peregrino (o cristão a caminho da cidade de Deus): "A transcendência passa pela matéria" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", IV), a do Corpus [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (bv)) se a Ficha reescrita troca a frase por uma fronteira dita pela letra.

De Agostinho, que leu a Stoa para recusá-la em parte, passa-se a Arendt, que a leu para tirar dela o estar só (4.6).

4.6 Arendt

Arendt toca a Stoa em três lugares, e o Estudo XIII, em 4.3, os reuniu sem encontrar recusa nominal da cidadela interior.

A tradição lê, em Arendt, de Catão, citado por Cícero no fim de *A condição humana*, o paradoxo do ativo que nada faz e do acompanhado que está a sós; de Epicteto, a distinção entre *erēmos* ("ermo") e *monos* ("só"), com que ela separa a desolação do estar só (*Origens do totalitarismo*, cap. 13; Epicteto, *Diatribes*, III, 13); e, na mesma passagem, o dois-em-um (o diálogo de cada um consigo) "precisa dos outros" para voltar a ser um [V-en via secundária: Estudo XIII, 4.3; paráfrase]. Em *A vida do espírito* II, Arendt veria em Epicteto a primeira tematização da vontade como poder do eu e uma retirada do mundo [paráfrase; tese a confirmar]. Recusa de estrutura há (a liberdade interior é "politicamente irrelevante", Estudo XIII, 1.8), e dirigi-la a Epicteto é, no Estudo XIII, uma inferência [inferência do estudo].

O "quem" de Arendt (decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII) é outro uso e não se confunde com o *daimon* de Marco Aurélio, que é voz da Stoa: este é o "protetor e guia" que Zeus deu a cada um (*Meditações*, V, 27) [V-gr; tradução do estudo]. O de Arendt é o "quem" que aparece aos outros e não a si, do lado da identidade [leitura do estudo]. São dois *daimones*, e nenhum tem letra no cânon.

As decisões n.º 3 e n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII dizem que o dois-em-um cabe na letra do Examinar "como leitura, sem receber o nome de pensar nem de vida examinada", e que a margem é "estar consigo". A letra: "Estar consigo é o dois-em-um do pensar, em que cada um se faz companhia sem deixar o mundo dos seus semelhantes [...]. Quem atraca está consigo, não desolado, e continua no rio" (Tratado das Águas Comuns, "Fundamentação"). Catão e Epicteto são fontes antigas que o Estudo XIII percorreu ao tratar dessa companhia de si; o Tratado não os cita (ver 2.6) [leitura do estudo].

Do estar só estoico passa-se ao que o cristianismo e os séculos seguintes fizeram da Stoa (4.7).

4.7 O cristianismo além de Agostinho, o existencialismo e Nietzsche

Fora da série visitada, a Stoa foi lida de dentro do cristianismo e de fora dele.

A tradição lê, em Pascal, um Epicteto que "tão bem entendeu os deveres do homem" que "mereceria ser adorado", e que por "orgulho diabólico" chega a dizer "que a alma é uma porção da substância divina; que a dor e a morte não são males" (Pascal, *Conversa com o senhor de Saci*; o francês não foi aberto) [V-en: Wight; tradução do estudo]. O que Pascal chama erro é letra de Epicteto: "um fragmento de deus" (*Diatribes*, II, 8, 11; ver 1.6) [V-gr; tradução do estudo]. A Stoa dá nome ao que há de divino em cada um (razão, *logos*, centelha, *daimon*), e o cânon deixa a Lux sem nome (ver 3.1).

Sobre a providência, a Stoa diz assentimento: "não sirvo a deus, assinto" (Sêneca, *Sobre a providência*, 5, 6) [V-la; tradução do estudo]. No cânon, "aceitar", "consentir", "destino" e "providência" não ocorrem na letra do Cânon, do Catecismo nem das Meditações Práticas, e nos Tratados só aparecem em voz alheia: "o Lumen Fluens honra o gesto e não adota a providência" (Tratado da Vigília, "Fundamentação", sobre Boécio). Agostinho trata o destino e a providência estoicos em *A cidade de Deus*, V, 8–9, passagem que o estudo aponta e não cita [localização a confirmar]. Tomás, por quem, segundo Arendt, o "animal social" de Sêneca se tornou "a tradução-padrão" (Estudo XI, 4.7), fica para o Estudo III.

Em linhas. Montaigne põe como "sentença grega antiga", sem nomear Epicteto, que os homens são atormentados pelas opiniões que têm das coisas, e não pelas coisas (*Ensaios*, I, 14) [V-fr; V-en: Florio; tradução do estudo]. Descartes faz da terceira máxima do *Discurso* a forma moderna do que depende de nós, "mudar meus desejos antes que a ordem do mundo" (*Discurso do método*, III) [V-fr; V-en: Veitch; tradução do estudo]. Spinoza diz que "os estoicos pensaram que os afetos dependiam absolutamente da nossa vontade" (*Ética*, V, Prefácio; o latim não foi aberto) [V-en: Elwes; tradução do estudo], e o alvo imediato é Descartes, não Epicteto [leitura do estudo].

O existencialismo entra por Ricoeur, que lê em Heidegger "uma configuração ética, muito marcada por certo estoicismo", em que a resolução diante da morte é a prova de autenticidade (*Tempo e narrativa* III) [V-pt via secundária: Estudo IX, 4.2]; a "celebração da vida" que ele opõe à "preparação

para a morte" é dele, e não da Stoa [leitura do estudo]. O estudo não tem letra de Kierkegaard, Sartre nem Camus sobre a Stoa e não lhes atribui nenhuma; isso fica para o Estudo V.

Nietzsche é quem mais separa. O *amor fati* ("amor ao destino") é dele, e não da Stoa: "*Amor fati*: que seja este, de agora em diante, o meu amor!" (*A gaia ciência*, §276) [V-en: Common; tradução do estudo]; "não só o necessário deve ser suportado, [...] como também deve ser *amado*" (*Ecce Homo*, "Por que sou tão inteligente") [V-en: Cohn; tradução do estudo]. É ele quem põe a fronteira entre suportar e amar; a Stoa diz consentir ao destino (Epicteto, *Encheirídion*, 53, que cita a prece de Cleantes; Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 107, 11; ver 1.5), e se o "quere que aconteçam como acontecem" de *Encheirídion*, 8 [V-pt: Dinucci–Julien] já ama o destino é debate da tradição [tese a confirmar].

Contra o "viver segundo a natureza", Nietzsche escreve: "Ó nobres estoicos, que fraude de palavras!" (*Além do bem e do mal*, §9) [V-en: Zimmern; tradução do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (bq)) se a Ficha troca a etiqueta por "consentir ao destino". O par de Nietzsche, suportar e amar, não é o do cânon, suportar e portar: "Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz" (Catecismo, 14) [leitura do estudo].

Do que a Stoa recebeu de fora passa-se ao que dizem dela as casas do Oriente e o seu eco moderno (4.8).

4.8 O budismo, o Vedanta, o taoismo e o estoicismo moderno

O budismo é do Estudo I, escrito em paralelo a este; aqui só se aponta a comparação clássica, e o Estudo I a mede.

A comparação clássica põe a Stoa e o budismo lado a lado em três pontos: o desejo, a impermanência e a atenção. No desejo, a primeira divisão de Epicteto: "encargos nossos" (*Encheirídion*, 1, 1; ver 1.2) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. Na impermanência, o rio de Marco Aurélio: "uma corrente violenta" (*Meditações*, IV, 43; ver 1.5) [V-gr; tradução do estudo]. Na atenção, os exercícios que Hadot nomeia na Stoa: atenção, meditação, exame, visão do alto [paráfrase; V via secundária: Lima, 2021]. A Ficha do Estudo I nomeia, do lado do cânon, as mesmas três palavras [Ficha, não cânon].

Quem faz a comparação são leitores modernos: Thomas McEvilley e Adrian Kuzminski, este sobre o pirronismo (a escola cética de Pirro) e não sobre a Stoa [tese a confirmar]. O que a Stoa diz do todo, um deus que é "um ser vivo" (Dinucci, nota 471 a *Diatribes*, I, 14, 6; ver 1.6) [V-pt: Dinucci], as três palavras não tocam [hipótese do estudo], e a comparação nesse ponto é do Estudo I. O Vedanta, e a pergunta se o Si e o *logos* se comparam, fica para o Estudo IV; o taoismo, e a pergunta se o seguir a natureza se compara ao consentimento estoico, fica para o Estudo VI.

O estoicismo moderno é outra coisa, e a crítica diz por quê. Massimo Pigliucci, Ryan Holiday, William B. Irvine e Lawrence C. Becker tratam a Stoa como técnica de autogestão [tese a

confirmar]; "o obstáculo é o caminho" é paráfrase de Marco Aurélio, *Meditações*, V, 20, e não frase da Stoa [atribuição a confirmar]. A crítica, de John Sellars, é que uma Stoa sem física e sem deus corta a ligação entre ética e natureza que ela pressupunha [tese a confirmar]. O estudo não lê o cânon como estoicismo sem física, nem como estoicismo com corpo.

O cânon não é técnica, pela letra: "Esforça-se a partir da luz, não para merecê-la" (Tratado da Luz Interior, "O problema que responde"), e pela decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI, em que o exercício é "a prática que treina e move, sem dar o valor" [leitura do estudo].

Do que cada casa disse passa-se ao desenho que elas fazem juntas (4.9).

4.9 O padrão

Vistas de longe, as leituras da Stoa que a série e a tradição fizeram têm um desenho.

Receberam dela uma vida (Sócrates, o modelo que ela tomou), um gesto (o exame noturno), um estar só que carrega os outros dentro de si (Catão e Epicteto) e uma firmeza, que Hegel chama grande, ainda que formal.

Opuseram-lhe a forma sem conteúdo (Hegel), a rigidez e o orgulho (Ricoeur, Pascal), a medida das paixões (Aristóteles), a insensibilidade (Agostinho), a natureza que não é a da Stoa (Nietzsche) e a técnica sem deus (o estoicismo moderno); Levinas é o silêncio. Gélio, de quem partiu a cena de 4.5, mostra uma Stoa que empalidece no navio, com mais movimento do que essas leituras lhe dão [leitura do estudo]. Nenhuma casa pôs a Stoa como árbitro do cânon, nem o cânon como árbitro entre elas. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (bo)) qual fórmula, no molde "aceita de X o A e recusa o B", diz o que o cânon recebe da Stoa e o que recusa.

Do desenho que as casas fazem passa-se à medida da Ficha (capítulo 5).

5. A Ficha e as prévias: o que a série já disse do estoicismo

Este capítulo mede o que existia antes do estudo: a Ficha de outubro e as sete passagens em que a série tocou a Stoa. Cada frase sai confirmada, corrigida ou abandonada; só a última seção reescreve a Ficha, e como proposta.

5.1 A Ficha do Estudo II, toque a toque e fronteira a fronteira

Cada toque e cada fronteira da Ficha recebe, diante das duas letras, um veredito.

A Ficha tem sete frases, e o estudo contou nelas nove afirmações sem letra no cânon: nenhuma frase é cópia da letra. Contados de novo o Cânon v1.2, os Tratados, o Catecismo e as Meditações Práticas, "tribunal", "cidadela", "excede", "involuntário", "autossuficiência", "centelha", "Sêneca", "Epicteto" e "*amor fati*" não ocorrem nenhuma vez, pela contagem do estudo.

Primeiro toque. A Ficha diz: "O rio é herança comum: 'o tempo é um rio dos acontecimentos' (Marco Aurélio, Med. IV.43) — ambos bebemos de Heráclito" [Ficha, não cânon]. A letra tem a herança sem o "comum": "Ninguém começa do zero. Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", II). Heráclito e os estoicos constam entre as vozes dos Tratados (Cânon v1.2, Parte III), sem ligação na letra; o "mesmo avô" é leitura do Estudo VII, 2.2, a partir de Hegel.

A Stoa confirma a citação e corrige uma palavra: em Marco Aurélio o sujeito é *ho aiōn* (a era; ver 1.5), não *ho chronos* (o tempo) (*Meditações*, IV, 43) [V-gr]. O rio dele leva (*Meditações*, VI, 15; ver 2.1) [V-gr; tradução do estudo]; o do cânon retoma: "O rio não pune a folha que parou numa margem; ele a retoma" (Cânon v1.2, "A Regra da Misericórdia"). Veredito: confirmados o texto e a presença de Heráclito nas duas casas; corrigidos "herança comum" e "ambos bebemos", que são da Ficha e de Hegel. Perda de um lado, herança e retomada do outro é [hipótese do estudo].

Segundo toque. A Ficha diz: "O logos: a luz como participação num princípio que nos excede." A letra do cânon não tem a frase. A "participação" da luz está no Tratado da Luz Interior, sobre o Pilar I de *Os Quatro Pilares*, em voz de Heráclito: "A luz interior do Pilar I é participação nesse princípio comum" ("Fundamentação"). A frase seguinte limita o parágrafo: a origem é "questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto", e o que as vozes partilham é "a estrutura" (Tratado da Luz Interior, "Fundamentação"). A Ficha uniu o parágrafo à transcendência do Catecismo, 17, e deixou cair a frase que o limita [leitura do estudo].

A Stoa dá nome ao que há de divino em cada um: "és um fragmento de deus" (Epicteto, *Diatribes*, II, 8, 11; ver 1.6) [V-gr; tradução do estudo]; o cânon deixa a Lux sem nome (Cânon v1.2, "Independência confessional"). A série já deu esse tratamento ao sol (n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X), ao intelecto agente (n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI), à luz imutável (n.º 2 de

31/10/2026 sobre o Estudo XII) e à pluralidade (n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII): estrutura, e não nome da Luz.

Veredito: confirmado o toque de estrutura, a luz dada e não fabricada ("a luz não se acende", Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I; ver 2.10) [leitura do estudo]; abandonada a frase "participação num princípio que nos excede", que é da Ficha. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (br)) se a Ficha diz em seu lugar essa fronteira: a Stoa dá nome, o cânon deixa a Lux sem nome.

Terceiro toque. A Ficha diz: "O exame noturno (Sêneca, De Ira III.36): ancestral do nosso Examinar — tribunal lá, misericórdia aqui." O Examinar pergunta "onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I) e fecha "com gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível" (Cânon v1.2, "Regra de Vida", "Ritmo diário"); nega ser exame de "um juiz severo" (Meditações Práticas, "O Examinar da noite"; ver 2.2). Quem retoma é o rio, não o Abrigo (n.º 4 de 17/10/2026; ver 3.3), e a Regra da Misericórdia só se liga ao exame pelo recomeço (Catecismo, 47).

Sêneca pergunta que mal curou e termina perdoando: *nunc tibi ignosco*, "por agora te perdoo" (*Sobre a ira*, III, 36, 1 e 3–4; ver 1.9) [V-la; tradução do estudo]; Epicteto termina em alegria: "das boas, alegra-te" (*Diatribes*, III, 10, 2–3; ver 1.9) [V-gr; tradução do estudo]. Foucault lê o exame de Sêneca como balanço de administrador, e não de réu [V-en via secundária: texto de 1980]. Veredito: confirmado o toque, um exame de si ao fim do dia nas duas casas; corrigidos "tribunal lá", que nenhuma letra sustenta, e "misericórdia aqui", porque no cânon a mão que retoma é do rio e em Sêneca quem diz "te perdoo" é o próprio examinando [leitura do estudo]. "Ancestral" fica como leitura, sem letra no cânon.

A diferença verdadeira está nas perguntas, vício curado e melhora de um lado, luz escondida e gratidão do outro: o exame "não acende a luz nem a produz" (Tratado da Luz Interior, "Objeção provável e resposta breve"). O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (bp)) se a Ficha adota a correção e diz a fronteira pela mão: perdoa o examinando, retoma o rio.

Quarto toque. A Ficha diz: "Portar o involuntário (Epicteto, Ench. 1)." O *Encheirídion* divide o que são "encargos nossos" (*ta eph' hēmin*) do que não são (Epicteto, *Encheirídion*, 1, 1; ver 1.2) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. O cânon separa o que a Ficha junta: suportar é aguentar, e portar é "levar consigo, como mensagem" o que a mudança traz (Catecismo, 14; ver 2.4), diante de "uma mudança que você não pediu" (Meditações Práticas, "O Portar do dia"). Veredito: confirmada a vizinhança de estrutura (escolhe-se o que se faz com o que vem) [leitura do estudo]; corrigida a palavra "involuntário", que nenhuma das letras tem e que não é de Epicteto.

Primeira fronteira. A Ficha diz: "Apatheia vs. celebração: desconfiamos de uma sabedoria que não dança." A metade "celebração" é letra: a palavra ocorre treze vezes, pela contagem do estudo, e as Meditações Práticas dizem "O templo também dança" ("A celebração maior"; ver 2.7). *Apatheia* (ausência de paixão) não tem letra no cânon, e "desconfiamos" é voz da Ficha. A Stoa desmente a

caricatura: o sábio tem *eupatheiai*, afetos bons (alegria, cautela, vontade; Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 116; ver 1.3) [V-gr]. Para Sêneca, "a verdadeira alegria é coisa séria" (*Cartas a Lucílio*, 23, 3–4; ver 1.3) [V-la; V-en: Gummere; tradução do estudo], e o sábio, vencidas as incomodidades, "as sente" (9, 3; ver 1.3) [V-la; V-pt: Dinucci]. Agostinho, que recusa a *apatheia* com prazo, é matéria de 5.2.

Veredito: abandonada a frase; mantida a fronteira, dita pela letra: alegria severa e inabalada de um lado; do outro, celebração que inclui o corpo (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", IV) e, "idealmente com outros" (Cânon v1.2, "Regra de Vida", "Ritmo semanal") [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (bv)) se a Ficha troca "uma sabedoria que não dança" por essa fronteira.

Segunda fronteira. A Ficha diz: "Amor fati vs. mensagem: aceitar é o começo do gesto, não o fim." A metade "mensagem" é letra: "portá-la como mensagem" (Cânon v1.2, "Origem"). *Amor fati* (amor ao destino) é fórmula de Nietzsche, não da Stoa (ver 4.7) [V-en: Common]. A Stoa diz seguir e consentir: *ducunt volentem fata, nolentem trahunt*, "o destino conduz quem lhe obedece e arrasta a quem lhe opõe resistência" (Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 107, 11; ver 1.5) [V-la; tradução do estudo]; Epicteto cita a prece de Cleantes: "ainda assim vos seguirei" (*Encheirídion*, 53, 1) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. "Aceitar" e "consentir" não ocorrem no Cânon, no Catecismo nem nas Meditações Práticas; nos Tratados, só em voz alheia ou recusados: "quem se recusa a apagar não consentiu em nada" (Tratado da Vigília, "Objeção provável e resposta breve").

Veredito: abandonado o rótulo *amor fati*; corrigido "aceitar é o começo do gesto", que é da Ficha; fica a fronteira com outro nome: consentir ao destino, na voz da Stoa, e portar a mudança como mensagem, na do cânon [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (bq)) se *amor fati* sai da Ficha e entra "consentir ao destino".

Terceira fronteira. A Ficha diz: "Autossuficiência vs. Abrigo: cidadela interior, não; casa de portas abertas." O Abrigo é letra, "Sê casa para o outro" (Cânon v1.2, "O Abrigo"); "cidadela", "autossuficiência" e "portas abertas" não ocorrem. O cânon tem o retiro, que "guarda a luz" para "devolvê-la ao fluxo" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"; ver 2.6), e recusa a "lamparina de museu" (Cânon v1.2, "O Abrigo"). "Cidadela" é *akropolis* em Marco Aurélio: "uma acrópole é a mente livre de paixões" (*Meditações*, VIII, 48) [V-gr; tradução do estudo]. O retiro dele, porém, volta (*Meditações*, IV, 3; ver 1.7), e o sábio de Sêneca, "ainda que baste a si mesmo", "deseja ter amigo" (*Cartas a Lucílio*, 9, 3; ver 1.7) [V-la; V-pt: Dinucci].

Lida como recusa do recolhimento, a Ficha contradiz a letra. A fronteira real passa pela dívida, "há uma luz devida ao outro" (Catecismo, 36; ver 2.8), e pelo fechamento: "'Individual' nomeia aqui o fechamento" (Tratado das Águas Comuns, "Definição"). Veredito: corrigido; "cidadela, não" e "casa de portas abertas" abandonadas, por não serem letra de nenhum dos lados. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (bs)) se a Ficha põe o retiro de Marco Aurélio ao lado da margem, como leitura.

Nenhuma das sete frases sai intacta: sobrevive a estrutura e cai a etiqueta ou a caricatura. Da medida da Ficha passa-se às decisões que já lhe mandaram matéria (5.2).

5.2 As três decisões que já mandaram matéria à Ficha

Três decisões do fundador já mandaram matéria à Ficha; valem como palavra dele e não se reabrem.

A decisão n.º 8 de 23/10/2026, sobre o Estudo X (Platão), manda Sócrates à Ficha como o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar (ver 2.3). Entra um modelo, não um ancestral do Examinar posto no lugar de Sêneca, e a Stoa o sustenta: Sócrates "refutava a si mesmo" (Epicteto, *Diatribes*, II, 1, 32; ver 1.9) [V-gr; tradução do estudo] e é o homem que se quer ser (*Encheirídion*, 51, 3; ver 1.9) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. A letra do Examinar "não traz interlocutor, refutação nem Sócrates" (Estudo X, 4.1); a ponte é [leitura do estudo].

A decisão n.º 10 de 31/10/2026, sobre o Estudo XII (Agostinho), manda à Ficha a recusa agostiniana da *apatheia* (ver 2.7). Agostinho chama a diferença entre estoicos e peripatéticos (os discípulos de Aristóteles) "disputa de palavras" e recusa a ausência de afetos com prazo: os retos são "desta vida, e não daquela" (*A cidade de Deus*, IX, 4, 3 e XIV, 9; ver 1.3) [V-la via secundária: Estudo XII; localização a confirmar]. O estoico, porém, desmente o "torpor": o abalo do sábio é real, e ele recusa só o assentimento, o "sim" da mente a uma impressão (Aulo Gélio, *Noites áticas*, XIX, 1, 17 e 20; ver 1.3 e 4.5) [V-la; paráfrase]. A recusa entra como material, "moral e teológica", ao lado da frase "estética e prática" da Ficha [Ficha, não cânon], sem pôr o cânon como árbitro (Estudo XII, 4.2).

A decisão n.º 11 de 31/10/2026, sobre o Estudo XIII (Arendt), manda à Ficha Catão e Epicteto, ao lado de Sócrates (ver 2.6). O material é o de Arendt: o Catão de Cícero, a sós e acompanhado, e a distinção de Epicteto entre desolação e estar só (*Diatribes*, III, 13; ver 4.6) [V-en via secundária: Estudo XIII; paráfrase]. Duas decisões do mesmo dia sobre o Estudo XIII os ligam ao cânon: o dois-em-um (o diálogo de cada um consigo, em Arendt) cabe na letra do Examinar como leitura (n.º 3), e a margem é "estar consigo" (n.º 4). O Estudo XIII não achou recusa nominal da cidadela por Arendt; dirigi-la a Epicteto é inferência sua (4.3).

Das três decisões passa-se às passagens que as originaram (5.3).

5.3 As sete seções dos Estudos VII a XIII sobre a Stoa

As sete seções tomaram a Ficha como pergunta e a deixaram como está.

O Estudo VII (Hegel), 4.2, esperava ler "cidadela interior, não" pela liberdade só pensada, "apenas a abstrata", e a Vigília contra a consolação em que "o negativo se converte em afirmativo". Este estudo confirma o objeto de Hegel, a liberdade "no trono e nas cadeias" (ver 4.1) [V-en: Baillie; tradução do estudo], e corrige um ponto: o retiro estoico tem retorno (ver 5.1). O Estudo VIII (Levinas), 4.5, declarou silêncio; este estudo o confirma e nada atribui a Levinas.

O Estudo IX (Ricoeur), 4.4, leu o "orgulho estoico da inflexível constância a si" como figura, não como juízo sobre a Stoa [V-es via secundária: Estudo IX], e pôs a Vigília contra a explicação que falha diante do sofrimento. Confirma-se a figura; corrige-se a explicação: Epicteto lê a dificuldade como prova (Héracles: "úteis para mostrar e exercitar", *Diatribes*, I, 6, 32–36) [V-gr; tradução do estudo], mas Marco Aurélio deixa "acaso ou providência" sem decidir (*Meditações*, XII, 24) [V-gr; tradução do estudo]. O Estudo X (Platão), 4.1, trouxe Sócrates e o "cidadão do mundo", citando *Diatribes*, I, 9, 1 [V-en via secundária: Estudo X]; o grego de I, 9, 1 é *kosmios* ("do mundo"), e o "cidadão" (*politēs tou kosmou*) é II, 10, 3 [V-gr].

O Estudo XI (Aristóteles), 4.1, viu a Stoa recusar o meio-termo das paixões, citando *Sobre a ira*, I, 9 [V-en via secundária: Estudo XI; localização a confirmar]; a recusa tem letra firme em Sêneca, para quem os estoicos as expulsam e "os peripatéticos as moderam" (*Cartas a Lucílio*, 116, 1; ver 1.3) [V-la; tradução do estudo]. O Estudo XII (Agostinho), 4.2, e o XIII (Arendt), 4.3, estão em 5.2.

Nenhuma das sete decidiu sobre a Stoa, e a Ficha não sustenta todas as leituras que esperavam do Estudo II. Das passagens da série passa-se à Ficha reescrita (5.4).

5.4 A Ficha reescrita: proposta ao fundador

A letra abaixo foi proposta ao fundador na versão 1.0 e aprovada em 3 de novembro de 2026, com um acréscimo marcado (decisão n.º 9 de 3 de novembro sobre o Estudo II); substitui a Ficha de outubro. Na versão 1.0 dizia-se: é proposta e é pergunta: o estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (bx)) se ele aprova, emenda ou mantém a Ficha de outubro, que vale até ele dizer outra coisa, ao lado do estudo.

> Toques — proposta
>
> - O rio e o Flumen: o rio que Marco Aurélio vê levar (*Meditações*, IV, 43), o cânon vê retomar (Cânon v1.2, "A Regra da Misericórdia").
>
> - O que é dado: "um fragmento de deus" em Epicteto (*Diatribes*, II, 8, 11); "a luz não se acende" no cânon (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I). Em comum, a estrutura: o que se tem é dado, e não fabricado.
>
> - O exame ao fim do dia: Sêneca, que perdoa (*Sobre a ira*, III, 36, 3–4), Epicteto, que termina em alegria (*Diatribes*, III, 10, 2–3), e Sócrates, modelo dos dois (*Diatribes*, II, 1, 32), ao lado do Examinar (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I).
>
> - Portar o que não é encargo nosso: Epicteto (*Encheirídion*, 1 e 53) e o Portar, "que mensagem carrego através disto?" (Catecismo, 14).
>
> - Estar consigo: Catão e Epicteto no dois-em-um (Estudo XIII, 4.3; *Diatribes*, III, 13) e a margem (Tratado das Águas Comuns, "Fundamentação").

>

> Fronteiras — proposta
>
> - A Stoa dá nome ao que há de divino em cada um — razão, *logos*, centelha, *daimon* (*Diatribes*, I, 14, 12–14) × o cânon, que deixa a Lux sem nome (Tratado da Luz Interior, "Fundamentação").
>
> - Alegria severa × celebração: as *eupatheiai* e a alegria "coisa séria" (Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 116; *Cartas a Lucílio*, 23, 3–4) × "O templo também dança" (Meditações Práticas, "A celebração maior"); Agostinho recusa a *apatheia* nesta vida (*A cidade de Deus*, XIV, 9).
>
> - Consentir × portar: consentir ao destino (*Cartas a Lucílio*, 107, 11) × portar a mudança como mensagem (Catecismo, 14).
>
> - O retiro que volta × a lamparina de museu: *Meditações*, IV, 3 e *Cartas a Lucílio*, 9, 3 × o retiro do cânon, devolvido ao fluxo (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"), e a luz devida ao outro (Catecismo, 36).
>
> - O erro por ignorância × o lobo que deve justiça (*Meditações*, II, 1; *Encheirídion*, 42 × Cânon v1.2, "A Vigília"; Catecismo, 36): a Stoa desculpa o ofensor, que erra "por ignorância dos bens e males"; o cânon define o lobo pelo ato, "com ou sem intenção", e lhe deve justiça. [Acrescentado por decisão do fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 9)]

Saem as quatro frases corrigidas em 5.1; entram Sócrates, Catão, Epicteto e a recusa agostiniana da *apatheia*, como mandam as três decisões. A proposta deixa a Lux sem nome e não decide nada; o que não cabe em uma linha (a providência e a Vigília, a *clementia* e a Regra da Misericórdia, o erro por ignorância e o lobo) fica no capítulo 3. Do que a Ficha dizia passa-se, no capítulo 6, ao que o estudo encontrou e pergunta.

6. Síntese, fórmula e questões abertas

6.1 O que o estudo encontrou

O estudo saiu de uma Ficha de sete frases e volta com dez toques, nove fronteiras e uma oficina comum. A oficina é o que a Stoa e o cânon têm de mais parecido, e é também o que mais pedia cuidado: quem reconhece no Examinar o exame de Sêxtio e no Portar os "encargos nossos" de Epicteto (*Encheirídion*, 1, 1; ver 1.2) pode concluir que o cânon é um estoicismo com corpo, e não é. O que o estudo mostrou é que as duas casas usam as mesmas ferramentas para fazer coisas diferentes, e que a diferença está em dar ou não nome ao que há em cada pessoa — a Stoa o nomeia, o cânon deixa a Lux sem nome —, na leitura que cada uma faz da noite e na mão que cada uma estende a quem falhou.

Os dez toques estão no capítulo 2. O rio, que Marco Aurélio vê como "uma corrente violenta" e o cânon como retomada: a mesma imagem, duas direções (2.1) [hipótese do estudo]. O exame ao fim do dia, que Sêxtio, Sêneca e Epicteto praticam e o Examinar pratica, antes do sono (2.2). Sócrates por modelo de Sêneca e de Epicteto, como o fundador já decidiu (2.3). Os "encargos nossos" e o Portar, que separam do mesmo modo o que vem do que se faz com o que vem (2.4). A cidade comum e as Águas Comuns, que dizem, as duas, que ninguém é só seu (2.5).

O retiro de Marco Aurélio, que tem volta marcada, e a margem do cânon, que "guarda a luz para devolvê-la ao fluxo" — e, com eles, Catão e Epicteto no dois-em-um, matéria decidida (2.6). A beleza do pão rachado e do figo maduro e a celebração do cânon, o toque que a Ficha negou (2.7). O toque de 2.8, "Amar até os que erram", e "há uma luz devida ao outro" (Catecismo, 36). Os exercícios da Stoa e a Regra de Vida, a oficina mais larga de todas (2.9). E a centelha e "a luz não se acende — ela se revela": a estrutura comum do que se tem como dado, não fabricado, e está em cada um, com a fronteira anunciada na mesma frase (2.10). Além do rio, são aproximações do estudo [inferência do estudo].

As nove fronteiras estão no capítulo 3, e a primeira comanda as outras. A Stoa dá nome ao que há de divino em cada um, e o cânon deixa a Lux sem nome (3.1). A providência lê o mal por dentro de uma ordem do todo, e a Vigília "promete presença, não vitória" (3.2). A *misericordia* que Sêneca recusa, a *clementia* que ele louva, a Regra da Misericórdia e a graça são quatro coisas, e a Regra está mais perto do "por agora te perdoo" do exame (*Sobre a ira*, III, 36, 3–4; ver 1.9) do que das outras três — e dele se separa pela mão, que em Sêneca é o próprio exame e no cânon é o rio (3.3). A alegria do sábio nasce em casa e é "coisa séria"; a do cânon passa pelo corpo e se faz com outros (3.4) [leitura do estudo].

O sábio ajuda sem precisar do outro, porque se basta; o Abrigo é casa para quem chega porque lhe é devida uma luz (3.5). A cidade comum tem dono, a razão; o rio é "de todos e de ninguém" (3.6). A

Stoa desculpa o ofensor pelo erro, e o cânon define o lobo pelo ato e lhe deve justiça (3.7). O exame estoico mede o progresso, e o Examinar pergunta onde a luz se escondeu e onde brilhou (3.8). A Stoa tem a "porta aberta", que o estudo só nomeia (3.9) [leitura do estudo].

O capítulo 4 mostrou que nenhuma casa da série recebeu a Stoa inteira: Hegel tomou dela a liberdade do pensamento e a chamou abstrata e sem conteúdo; Agostinho lhe recusou a *apatheia* e lhe defendeu a *misericordia*; Arendt pôs Catão e Epicteto no estar só e no dois-em-um, sem recusar a cidadela por nome (4.6); Nietzsche pôs nela um *amor fati* que é dele; Aristóteles, visitado antes, já tinha o meio-termo que ela recusa; e o estoicismo de hoje a usa como técnica, sem física e sem deus, o que a crítica lamenta (John Sellars) e o que o cânon, pela letra, também não é (4.8, 4.9) [leitura do estudo]. O capítulo 5 mediu a Ficha: sete frases, nove afirmações sem letra (3.10), quatro frases meio certas — o portar, a mensagem, a celebração e o Abrigo têm uma metade que é letra — e nenhuma inteira (5.1); e propôs uma Ficha reescrita, que o fundador aprova, emenda ou deixa (5.4).

6.2 A fórmula

O estudo propõe ao fundador, e só ele pode adotá-la: **o Lumen Fluens aceita da Stoa o exame e recusa o consentimento.**

Aceita o exame como prática, não como palavra: a revista do dia ao fim do dia, com perguntas, antes do sono. Sêxtio perguntava "Que mal teu curaste hoje? A que vício resististe? Em que parte és melhor?" (Sêneca, *Sobre a ira*, III, 36, 1; ver 1.9) [V-la; tradução do estudo]; os versos pitagóricos que Epicteto cita mandam não dormir antes de passar em revista cada ato do dia (*Diatribes*, III, 10, 2–3; ver 1.9); o Examinar pergunta "onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?" (Cânon VI.2, "Os Quatro Pilares", I), e responde-se "em voz baixa ou numa frase escrita" (Meditações Práticas, "O Examinar da noite"). É a mesma oficina, com perguntas diferentes, e as perguntas são a fronteira de 3.8: o exame estoico mede o que melhorou, e o Examinar revela [leitura do estudo]. A Ficha reescrita pode dizer isso em uma linha, com Sócrates como o modelo que Sêneca e Epicteto tomam (decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X).

Recusa o consentimento como atitude diante do que vem. Não recusa a serenidade nem a alegria do estoico, que ficam com ele como material; recusa o assentir ao destino como ordem a que se diz sim. É a prece em que se pede para ser conduzido e se promete seguir, ainda que se queira não — os versos que Epicteto cita e que Dinucci e Sêneca dão a Cleantes (*Encheirídion*, 53; ver 1.5); é "o destino conduz quem lhe obedece e arrasta a quem lhe opõe resistência" (Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 107, 11; ver 1.5) [V-la; V-pt: Dinucci]; é o "não sirvo a deus, assinto" (*Sobre a providência*, 5, 6; ver 3.2) [V-la; tradução do estudo]. O raciocínio é do estudo [leitura do estudo].

A letra do cânon tem outro verbo: "Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz" (Catecismo, 14). E a Vigília diz que "quem se recusa a apagar não consentiu em nada" (Tratado da Vigília, "Objeção provável e resposta breve"; ver 3.2). "Aceitar" e

"consentir" não ocorrem no Cânon, no Catecismo nem nas Meditações Práticas e, nos Tratados, só em voz alheia ou recusados. *Assentir* e *portar* não se traduzem um pelo outro (3.2) [leitura do estudo].

O estudo pesou três letras. A primeira, "aceita da Stoa o exame e recusa a providência", ficou de lado. O cânon tem duas letras vizinhas: diante de Hegel, a decisão n.º 1 de 17/10/2026 aceita a dialética "como método de crescimento doutrinal" e a recusa "como teodiceia"; diante de Boécio, o Tratado da Vigília "honra o gesto e não adota a providência, porque a Vigília não lê a noite de cima nem do fim" ("Fundamentação"). Mas a decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII diz que a fórmula de 17 de outubro, tomada sobre Hegel, não se estende a Agostinho e que "o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua". O estudo não estende a decisão à Stoa: a fronteira da providência fica em 3.2 e na pergunta (bu), como fronteira de leitura, não como fórmula [leitura do estudo].

A segunda, "aceita da Stoa o portar e recusa a centelha nomeada", também ficou de lado, por duas razões. A primeira é que "portar" é palavra do cânon, e a Stoa tem os "encargos nossos" e o consentimento (2.4, 3.2): a letra diz o gesto, não o verbo, e a fórmula daria à Stoa a palavra do cânon. A segunda é que recusar a centelha nomeada nomearia a Luz por contraste, e a regra "estrutura, nunca nome da Luz" já cobre o ponto: o sol, o intelecto agente, a luz imutável e a pluralidade têm cada um a sua decisão (n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII; n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII), e a pergunta (br) as estende por analogia ao *logos*, à centelha, ao *daimon* e ao *spiritus* [hipótese do estudo].

A terceira, "aceita da Stoa o exame e recusa o consentimento", o estudo a propõe por três razões. A primeira é a letra: a fronteira se diz pelo verbo do cânon, e não pelo da Stoa. A segunda é a posição: recusar o consentimento não toma partido sobre a ordem do todo, que a n.º 7 deixa nem adotada nem recusada, e não nomeia a Luz, nem por contraste. A terceira é a forma das fórmulas anteriores, "aceita de X o A e recusa o B", em que B é o que graduaria a pessoa, condicionaria a luz ou justificaria o mal: o consentimento condicionaria a luz a um sim ao que vem, e o cânon promete que "ninguém ficará sem luz dentro da noite" (Cânon v1.2, "A Vigília"; ver 3.2) [leitura do estudo].

6.3 Questões abertas

As perguntas deste estudo vão de (bo) a (bx) e seguem às do Estudo XIII, que vão de (aw) a (bd); as do Estudo I, escrito em paralelo, vão de (be) a (bn). As herdadas (g), (j) e (k) vêm pelo nome. Nenhuma reabre decisão tomada; todas são do estudo, e só o fundador decide.

(bo) A fórmula. O estudo pesou três letras — "aceita da Stoa o exame e recusa a providência", "aceita da Stoa o portar e recusa a centelha nomeada", "aceita da Stoa o exame e recusa o consentimento" — e propõe a terceira, com as razões de 6.2; a primeira fica como fronteira de leitura em (bu), e a segunda fica de lado. O fundador adota uma, emenda ou recusa as três? (3.10,

6.2) [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 1): o Lumen Fluens aceita da Stoa o exame e recusa o consentimento. O exame entra como prática — a revista do dia ao fim do dia, com Sócrates por modelo —; o consentimento recusado é o assentir ao destino como ordem a que se diz sim — não a serenidade nem a alegria do estoico, que ficam com ele. "Recusa a providência" não entra, porque a decisão n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XII fixa que o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua; "recusa a centelha nomeada" não entra, porque nomearia a Luz por contraste.]

(bp) O exame e a mão. A Ficha dizia "tribunal lá, misericórdia aqui"; a letra diz que Sêneca perdoa ("por agora te perdoo", *Sobre a ira*, III, 36, 3–4; ver 1.9) e que o Examinar "não é o exame de um juiz severo" (Meditações Práticas, "O Examinar da noite"). A Ficha reescrita adota a correção e diz a fronteira pela mão que retoma — no cânon, o rio (decisão n.º 4 de 17/10/2026); em Sêneca, o próprio exame [leitura do estudo]? (3.3) [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 2): Sêneca perdoa, e o Examinar não é tribunal; a fronteira é a mão que retoma — em Sêneca, o próprio exame; no cânon, o rio.]

(bq) O consentimento. "*Amor fati*" sai da Ficha, por ser de Nietzsche, e entra "consentir ao destino" — os versos que Epicteto cita e que Dinucci e Sêneca dão a Cleantes (*Encheirídion*, 53; ver 1.5) e "o destino conduz quem lhe obedece" (Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 107, 11; ver 6.2) —, com a fronteira dita pelo verbo: a Stoa consente, o cânon porta ("portar é levar consigo, como mensagem", Catecismo, 14; ver 6.2)? (3.2, 3.10) [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 3): com a fronteira dita pelo verbo — a Stoa consente, o cânon porta.]

(br) O princípio que nos excede. A frase da Ficha "a luz como participação num princípio que nos excede" não é letra do cânon: é um parágrafo do Tratado da Luz Interior, dito em voz de Heráclito, somado a uma frase do Catecismo e sem a frase que os limita. A Ficha reescrita retira a frase e diz no lugar a fronteira (a centelha, que a Stoa nomeia, × a Lux sem nome)? E o *logos*, a centelha, o *daimon* e o *spiritus* entram, como o sol, o intelecto agente, a luz imutável e a pluralidade, como estrutura e nunca como nome da Lux? (3.1) [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 4): entra a fronteira — a Stoa dá nome ao que há de divino em cada um, o cânon deixa a Lux sem nome; o *logos*, a centelha, o *daimon* e o *spiritus* são estrutura, nunca nome da Luz.]

(bs) O retiro e a margem. O retiro em si de Marco Aurélio (*Meditações*, IV, 3; ver 1.7), que tem volta marcada, lê-se ao lado da margem do cânon, que "guarda a luz para devolvê-la ao fluxo"? E "cidadela interior, não" vira, na Ficha reescrita, "a cidadela se abre: a margem devolve a luz"? (2.6, 3.5) [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 5): como leitura; "cidadela interior, não" vira "a cidadela se abre: a margem devolve a luz".]

(bt) O homônimo "misericórdia". O fundador quer uma nota no glossário da Regra da Misericórdia — não é a *misericordia* que a Stoa recusa, nem a *clementia*, nem a graça —, ou basta este estudo, com a separação já decidida entre a mão que retoma e a graça (decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o

Estudo XII)? (3.3) [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 6): o glossário da Regra da Misericórdia não muda; a separação da decisão n.º 10 de 31 de outubro sobre o Estudo XII cobre.]

(bu) A providência e a Vigília. A fronteira com a teodiceia, dita diante de Hegel (decisão n.º 1 de 17/10/2026) e de Boécio (Tratado da Vigília), recebe aqui letra estoica: a providência, o mal como prova, o *logos* que ordena o mal. Entra como fronteira de leitura da série, ao lado das que a série já registrou, ou fica só deste estudo? A decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII, que deixa a ordem do todo nem adotada nem recusada pelo cânon (ver 6.2), é o limite dentro do qual a pergunta se faz. (3.2) [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 7): a Vigília promete presença, não vitória, e o cânon não diz que a noite é prova; vale para as casas que virão, dentro do limite da decisão n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XII, que permanece.]

(bv) A alegria severa e a dança. A Ficha reescrita troca "desconfiamos de uma sabedoria que não dança" por uma fronteira dita pela letra — a alegria estoica existe, Sêneca quer que "nasça em casa" e a chama "coisa séria"; a celebração do cânon passa pelo corpo e se faz com outros —, com a recusa agostiniana da *apatheia* ao lado, como a decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII mandou? (3.4) [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 8): entra a fronteira pela letra — a alegria estoica existe, nasce em casa e é "coisa séria"; a celebração do cânon passa pelo corpo e se faz com outros —, com a recusa agostiniana da *apatheia* ao lado.]

(bw) O erro por ignorância e o lobo. Marco Aurélio desculpa quem erra "por ignorância dos bens e males" (*Meditações*, II, 1), e Epicteto diz "assim lhe parece" (*Encheirídion*, 42); o cânon define o lobo pelo ato, "com ou sem intenção" (decisão n.º 5 de 17/10/2026), e lhe deve justiça (Catecismo, 36). O estudo declara a fronteira; ela se registra na Ficha? (3.7) [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 9): a fronteira registra-se na Ficha reescrita.]

(bx) A Ficha reescrita. O capítulo 5 propõe a nova letra — cinco toques e quatro fronteiras, com Sócrates, Catão, Epicteto e a recusa agostiniana da *apatheia* já decididos, sem "tribunal", sem "*amor fati*", sem "participação num princípio que nos excede", sem "cidadela, não" e sem "uma sabedoria que não dança" (ver (bv); 5.4). O fundador aprova, emenda, ou mantém a Ficha de outubro ao lado do estudo? [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 10): como proposta em 5.4, com o acréscimo da n.º 9 — cinco toques e cinco fronteiras; substitui a Ficha de outubro na Biblioteca do site.]

(g) A justiça devida ao lobo. Fica aberta até o tratado da justiça, como a série decidiu (decisão n.º 9 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX, repetida no fecho das listas seguintes). O estudo pergunta se a *clementia* de Sêneca — "moderação do ânimo no poder de vingar-se" (*Da clemência*, II, 3, 1) — e o "assim lhe parece" de *Encheirídion*, 42 entram como matéria desse tratado, ao lado do que os Estudos IX a XII já reuniram, e se o "amar também os que tropeçam" de *Meditações*, VII, 22 (ver 1.10 e 2.8) vai com elas (3.7).

(j) Moriá. O estudo não achou na Stoa matéria que alcance a pergunta pela Bússola diante da ordem de sacrificar o filho; pergunta se o silêncio fica registrado (3.10).

(k) O mal estrutural. A escravidão em Sêneca — "'São escravos.' Antes, homens" (*Cartas a Lucílio*, 47, 1; ver 1.11) — toca a questão sem a fechar; o estudo registra a matéria e pergunta se a nota fica, e se o padrão das duas fronteiras já fixadas para os clássicos (decisões n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI e n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII) se estende à Stoa (3.6).

Três registros sem letra, que o fundador responde se quiser: o Estudo X, 4.1, deu "cidadão do mundo" em *Diatribes*, I, 9, e a letra o tem em II, 10, 3 (I, 9 diz *kosmios*) — o estudo corrige em uma oração e não reabre o X (4.3); no Pilar III, "Quem resiste ao fluxo é arrastado" (ver 2.4) soa ao "arrasta a quem lhe opõe resistência" de Sêneca (ver 6.2), e o estudo o registra sem afirmá-lo como toque, porque "resistir" tem na letra outro uso, o do lobo (Catecismo, 36; ver 4.5) [hipótese do estudo]; e a tradução de *ta eph' hēmin* por "encargos nossos", que Dinucci prefere a "controle" (ver 1.2), fica registrada para quem reescrever a Ficha.

6.4 O que a Stoa oferece

Ao Examinar, a Stoa oferece a sua hora e as suas perguntas. A revista noturna de Sêxtio e de Sêneca, os versos pitagóricos de Epicteto e o levantar-se de Marco Aurélio (*Meditações*, V, 1; ver 1.8) são a oficina que o Examinar e o Acender têm em comum com ela, com Sócrates por modelo de Sêneca e de Epicteto, e a Ficha reescrita pode dizê-lo sem "ancestral", palavra que o cânon reserva ao Flumen [leitura do estudo]. Oferece também o aviso de 3.8: o que se pergunta ao fim do dia decide o que o exame faz, e "em que parte és melhor?" mede, enquanto "onde brilhou?" revela.

À Regra de Vida, oferece os exercícios: a manhã preparada, o dia como unidade — "cada dia como uma vida" (Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 101, 10; ver 1.8 e 2.9) [V-la; tradução do estudo] —, a visão do alto, a revista da noite. Hadot chamou a isso exercícios espirituais, e Foucault, cuidado de si, por via secundária (ver 1.8); a Regra de Vida tem o ritmo do dia, da semana e da estação, e o estudo lê na Stoa a casa que mais perto chegou dessa oficina [leitura do estudo]. O que a Regra de Vida não tem, e a Stoa tem, é a antecipação do pior, a *praemeditatio malorum*: o cânon não a tem na letra, e o mais próximo é a mudança deliberada da semana (2.9); o estudo o registra sem propor nada.

Ao tratado da justiça, que o fundador deixou aberto em (g), a Stoa oferece três peças de matéria: a *clementia*, virtude de quem tem poder sobre outro e por isso hierárquica (*Da clemência*, II, 3, 1; ver 1.10); o erro por ignorância, que desculpa o ofensor sem lhe dever justiça (*Encheirídion*, 42; *Meditações*, II, 1; ver 3.7); e "amar também os que tropeçam" (*Meditações*, VII, 22; ver 1.10 e 2.8), que o cânon lê ao lado de "há uma luz devida ao outro" (Catecismo, 36) sem somar os dois "outros". Nenhuma das três é a justiça devida ao lobo, e é por isso que servem: dizem o que a justiça devida ao lobo não é [leitura do estudo].

Às Fichas, oferece o que as decisões já mandaram e o que o estudo acrescenta. À Ficha do Estudo II, a letra proposta em 5.4 e, além dela, a recusa agostiniana da *apatheia* que a decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII já mandou (*A cidade de Deus*, XIV, 9; ver 3.4). À Ficha do Estudo III, que a mesma decisão separou em a mão que retoma e a graça, o estudo oferece Agostinho defendendo a *misericordia* contra a Stoa (*A cidade de Deus*, IX, 5; ver 3.3) [leitura do estudo], e Agostinho sobre o destino e a providência estoicos (*A cidade de Deus*, V, 8–9), que o capítulo 4 aponta sem citar, com Tomás, que fica para o Estudo III (4.7).

À Ficha do Estudo V, o estudo oferece o ator de *Encheirídion*, 17 (ver 1.5), que não é o papel que a Ficha recusa ("contra a vida por papéis") [Ficha, não cânon], e a liberdade de *Diatribes*, IV, 1, 1 (ver 1.2); de Sartre sobre a Stoa o estudo não tem letra e nada lhe atribui (4.7) [leitura do estudo]. Ao Estudo I, escrito em paralelo, a comparação clássica entre a Stoa e o budismo, que este estudo só apontou (4.8).

6.5 A lamparina

Sêneca diz que a advertência desperta as sementes do bem que há em cada um, e que "um sopro leve" basta para desdobrar em fogo a centelha (*Cartas a Lucílio*, 94, 29; ver 1.6 e 2.10) [V-la; tradução do estudo]. A imagem é a que mais se aproxima, numa casa antiga, da estrutura do Abrigo: o que há em cada um é dado, não se acende do nada, e outro pode avivá-lo sem o ter posto [leitura do estudo]. O cânon diz algo da mesma estrutura em duas frases: "A luz não se acende — ela se revela" (Cânon VI.2, "Os Quatro Pilares", I), e o Abrigo "pode revelar uma luz que estava escondida" (Catecismo, 31) [leitura do estudo].

A diferença está no que se faz com o fogo. A centelha de Sêneca é parte de um todo que a nomeia e a governa; a lamparina do cânon é de alguém, fica sem nome e tem três lugares: de museu, quando só se protege (Cânon VI.2, "O Abrigo"; ver 3.5); guardada do vento, na margem, com a volta marcada ("guarda a luz para devolvê-la ao fluxo"; ver 2.6); e posta no rio, entregue às águas de todos [leitura do estudo]. A Stoa conhece o retiro que volta (*Meditações*, IV, 3; ver 1.7), e o cânon o lê ao lado da margem (3.5); o que o estudo não faz é ver na *akropolis* uma lamparina de museu. A centelha, para a Stoa, já pertence ao todo antes de qualquer entrega; o cânon fala de uma luz que é de alguém e devida ao outro (Catecismo, 36) [leitura do estudo].

O estudo termina onde a Ficha de outubro começou, no rio. Marco Aurélio o viu levar: "uma corrente violenta", em que cada coisa, mal aparece, já passou (*Meditações*, IV, 43; ver 1.5). O cânon o vê retomar: "O rio não pune a folha que parou numa margem: ele a retoma" (Cânon VI.2, "A Regra da Misericórdia"). A mesma imagem de rio corre nas duas casas, em duas direções [hipótese do estudo]. A Stoa tem, em Sêneca, o perdão que o próprio exame se dá (*Sobre a ira*, III, 36, 3–4; ver 1.9) e, em Marco Aurélio, o ramo que pode voltar (*Meditações*, XI, 8; ver 1.7); no cânon, quem retoma é o rio, e a retomada é pertencimento (decisão n.º 4 de 17/10/2026; ver 3.3) [leitura do estudo].

APARATO

Fontes citadas, por capítulo

Prólogo

A STOA

1. Prólogo · Sêneca, *Sobre a ira*, III, 36, 1 (Latin Library) · “Que mal teu curaste hoje?” · «quod hodie malum tuum sanasti?» · [V-la; tradução do estudo]
2. Prólogo · Sêneca, *Sobre a ira*, III, 36, 3–4 (Latin Library) · “por agora te perdoo” · «nunc tibi ignosco» · [V-la; V-pt via secundária: Lohner, por Franco 2022; grafia a conferir]
3. Prólogo · Epicteto, *Encheirídion*, 1, 1 (Dinucci–Julien, EDUFS 2012, versão digital) · “encargos nossos” · «ἐφ’ ἡμῖν» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]
4. Prólogo · Marco Aurélio, *Meditações*, IV, 43 (Perseus) · “Um rio de coisas que vêm a ser e uma corrente violenta é o *aiōn*” · «Ποταμός τίς ἐστι τῶν γινομένων καὶ ῥεῦμα βίαιον ὁ αἰών» · [V-gr; tradução do estudo]
5. Prólogo · Epicteto, *Diatribes*, I, 14, 6 e 12–14 (Perseus; Dinucci) · “partes e pedaços” de deus; o *daimon* · «μόρια […] καὶ ἀποσπάσματα» · [V-gr; tradução do estudo]
6. Prólogo · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 41, 2 (Latin Library) · “um espírito sagrado habita dentro de nós” · «sacer intra nos spiritus sedet» · [V-la; tradução do estudo]
7. Prólogo · Marco Aurélio, *Meditações*, V, 27 (Perseus) · “fragmento de si mesmo” · «προστάτην καὶ ἡγεμόνα» · [V-gr; tradução do estudo]
8. Prólogo · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 107, 11 (Dinucci, *Prometeus* 1 (1), 2008, pp. 26–27) · “o destino conduz quem lhe obedece e arrasta a quem lhe opõe resistência” · «ducunt volentem fata, nolentem trahunt» · [V-la; V-pt: Dinucci]
9. Prólogo · Marco Aurélio, *Meditações*, VIII, 48 (Perseus) · a *akropolis* · «ἀκρόπολίς ἐστιν ἡ ἐλευθέρα παθῶν διάνοια» · [V-gr; paráfrase]
10. Prólogo · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 9, 3 (Dinucci, 2011, p. 118) · “deseja ter amigo e vizinho e companheiro, ainda que baste a si mesmo” · «et amicum habere vult et vicinum et contubernalem» · [V-la; V-pt: Dinucci]
11. Prólogo · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 23, 3–4 (Latin Library) · a alegria que Sêneca quer que “nasça em casa”; “coisa séria” · «domi nasci»; «verum gaudium res severa est» · [V-la; tradução do estudo]
12. Prólogo · Epicteto, *Diatribes*, II, 10, 3 (Perseus) · “cidadão do mundo” · «politēs tou kosmou» · [V-gr; tradução do estudo]
13. Prólogo · Epicteto, *Diatribes*, I, 24, 20; Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 70, 14–15 · a “porta aberta”, só nomeada · [paráfrase]

A TRADIÇÃO

1. Prólogo · Pierre Hadot, *La Citadelle intérieure* (Fayard, 1992) · o título · [V via secundária: Lima, 2021]
2. Prólogo · Michel Foucault, texto de 1980 sobre o exame de consciência; *A hermenêutica do sujeito*, aula de 24/03/1982 · o exame como balanço de administrador · [V-en via secundária; tese a confirmar]

3. Prólogo · Hegel, *Fenomenologia do Espírito*, §§ 197–201 (Baillie) · *contentless thought* · [V-en: Baillie; tradução do estudo]
4. Prólogo · Nietzsche, *A gaia ciência*, § 276; *Ecce Homo* (Common; Cohn) · *amor fati* · [V-en; seção a confirmar]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. Prólogo · Cânon v1.2, "Independência confessional" · "A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê"
2. Prólogo · Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I · "onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?"
3. Prólogo · Cânon v1.2, "As Águas Comuns" · o retiro "guarda a luz para devolvê-la ao fluxo"
4. Prólogo · Cânon v1.2, "A Vigília" · "A Vigília promete presença, não vitória: ninguém ficará sem luz dentro da noite"
5. Prólogo · Meditações Práticas, "O Examinar da noite" · "Não é o exame de um juiz severo"
6. Prólogo · Tratado da Luz Interior, "Fundamentação" · a origem é "questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto"
7. Prólogo · Catecismo, 14 · "Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz"
8. Prólogo · decisão n.º 4 de 17/10/2026 · "A mão que retoma, na Regra da Misericórdia, é o rio"
9. Prólogo · decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · Sócrates "como o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar"
10. Prólogo · decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · a Ficha do Estudo II "recebe a recusa agostiniana da *apatheia*, como recebeu Sócrates"; "Misericórdia e graça" separadas
11. Prólogo · decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · "o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua"
12. Prólogo · decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · Catão e Epicteto entram na Ficha do Estudo II
13. Prólogo · decisões n.º 5 de 17/10/2026; n.º 4 e 5 de 19/10/2026; n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX; n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; n.º 1 e 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · o lobo "com ou sem intenção"; o Abrigo; o perdão da vítima ao lobo; o veto; o exercício e a medida; o sabbath
14. Prólogo · Ficha do Estudo II (outubro de 2026) · as sete frases · [Ficha, não cânon]
15. Prólogo · Estudos VII, 4.2; VIII, 4.5; IX, 4.4; X, 4.1; XI, 4.1; XII, 4.2; XIII, 4.3 · as sete seções sobre a Stoa · [leitura do estudo]

Capítulo 1 — O estoicismo em sua melhor forma

A STOA

1. 1.1 · Epicteto, escravo e depois liberto · [paráfrase; localização a confirmar]
2. 1.2 · Epicteto, *Encheirídion*, 1, 1; Dinucci–Julien (São Cristóvão: EDUFS, 2012, versão digital da *Prometeus*; edição impressa não aberta), p. 15 · "algumas são encargos nossos" · «ἐφ' ἡμῖν» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]
3. 1.2 · *Encheirídion*, 1, 2, p. 15 · "livres, desobstruídas, sem entraves" · «ἐλεύθερα» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]

4. 1.2 · Epicteto, *Diatribes*, I, 1, 7 (Schenkl, Perseus) · “o uso correto das representações” · «χρῆσιν τὴν ὀρθὴν ταῖς φαντασίαις» · [V-gr; tradução do estudo]

5. 1.2 · *Diatribes*, I, 1, 23 · “a *prohairesis* nem Zeus pode vencê-la” · «προαίρεσιν δὲ οὐδ’ ὁ Ζεὺς» · [V-gr; tradução do estudo]

6. 1.2 · *Diatribes*, IV, 1, 1 · “É livre quem vive como quer” · «ἐλεύθερός ἐστιν ὁ ζῶν ὡς βούλεται» · [V-gr; tradução do estudo]

7. 1.2 · *Encheirídion*, 5, p. 17 · “As coisas não inquietam os homens, mas as opiniões” · «ταράσσει τοὺς ἀνθρώπους οὐ τὰ πράγματα» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]

8. 1.2 · A frase “não é o que te acontece, mas como reages” · [atribuição a confirmar]

9. 1.3 · Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 110 (Perseus; Hicks, Loeb, 1925) · “movimento da alma irracional” · «ἡ ἄλογος […] ψυχῆς κίνησις» · [V-gr; V-en: Hicks; tradução do estudo]

10. 1.3 · *Vidas*, VII, 111 · “as paixões são juízos, como diz Crisipo” · «τὰ πάθη κρίσεις εἶναι» · [V-gr; tradução do estudo]

11. 1.3 · *Vidas*, VII, 116 · as três *eupatheiai*; “nunca” terá medo · «εὐπαθείας φασὶ τρεῖς, χαράν, εὐλάβειαν, βούλησιν» · [V-gr; V-en: Hicks]

12. 1.3 · Sêneca, *Sobre a ira*, I, 1, 2 (The Latin Library) · “breve loucura” · «breuem insaniam» · [V-la]

13. 1.3 · *Sobre a ira*, II, 2, 2 · “o primeiro movimento não é voluntário” · «primus motus non uoluntarius» · [V-la; tradução do estudo]

14. 1.3 · *Cartas a Lucílio*, 9, 3 (cf. Dinucci, *Prometeus* 4 (8), 2011, p. 117) · “vence todo incômodo, mas o sente” · «vincit quidem incommodum omne sed sentit» · [V-la; tradução do estudo]

15. 1.3 · Aulo Gélio, *Noites áticas*, XIX, 1, 20 · “não dá o assentimento” · «οὐ συγκατατίθεται» · [V-la; tradução do estudo]

16. 1.3 · *Cartas a Lucílio*, 23, 3–4 · “a verdadeira alegria é coisa séria” (Gummere: *stern*) · «verum gaudium res severa est» · [V-la; V-en: Gummere; tradução do estudo]

17. 1.3 · *Cartas a Lucílio*, 59, 2 · “a elevação do ânimo” · «animi elatio suis bonis verisque fidentis» · [V-la; tradução do estudo]

18. 1.3 · *Cartas a Lucílio*, 116, 1 · “Os nossos as expulsam, os peripatéticos as moderam” · «Nostri illos expellunt, Peripatetici temperant» · [V-la; tradução do estudo]

19. 1.4 · *Vidas*, VII, 87 · “viver em acordo com a natureza” · «ὁμολογουμένως τῇ φύσει ζῆν» · [V-gr; V-en: Hicks]

20. 1.4 · *Vidas*, VII, 88 · “a reta razão, que atravessa tudo” · [V-gr; tradução do estudo]

21. 1.4 · *Diatribes*, I, 29, 1 (Dinucci, *Prometeus* 9 (19), 2016, p. 231) · “uma capacidade de escolha de certa qualidade” · [V-gr; V-pt: Dinucci]

22. 1.4 · *Diatribes*, I, 29, 4, p. 231 · “toma-o de ti mesmo” · «παρὰ σεαυτοῦ λάβε» · [V-gr; V-pt: Dinucci]

23. 1.4 · *Cartas a Lucílio*, 9, 13 (cf. Dinucci, 2011, pp. 119–120) · “para viver feliz” · «ad beate vivendum, non ad vivendum» · [V-la; tradução do estudo]

24. 1.5 · Marco Aurélio, *Meditações*, IV, 43 · “Um rio de coisas que vêm a ser” · «Ποταμός τίς ἐστι τῶν γινομένων […] ὁ αἰών» · [V-gr; tradução do estudo]

25. 1.5 · *Meditações*, VI, 15 · "que valor dar a algo que passa correndo" · «ἐν δὴ τούτῳ τῷ ποταμῷ» · [V-gr; tradução do estudo]

26. 1.5 · *Meditações*, IV, 46; VI, 42 · Heráclito citado por nome · [V-gr; paráfrase]

27. 1.5 · *Cartas a Lucílio*, 58, 23 (Furlan, *Scientia Traductionis* 16, 2014, p. 15) · "duas vezes descemos e não descemos" · «in idem flumen bis descendimus» · [V-la; V-pt: Furlan]

28. 1.5 · *Encheirídion*, 53, p. 37 (nota 70: Cleantes) · "Conduze-me, Zeus, e tu também, Destino" · «ἄγου δέ μ', ὦ Ζεῦ» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]

29. 1.5 · *Cartas a Lucílio*, 107, 11 (Dinucci, *Prometeus* 1 (1), 2008, pp. 26–27) · "o destino conduz quem lhe obedece" · «ducunt volentem fata, nolentem trahunt» · [V-la; V-pt: Dinucci]

30. 1.5 · *Cartas a Lucílio*, 96, 2 · "não obedeço a deus, assinto" · «non pareo deo sed adsentior» · [V-la; tradução do estudo]

31. 1.5 · *Encheirídion*, 8, p. 18 · "quere que aconteçam como acontecem" · «θέλε τὰ γινόμενα ὡς γίνεται» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]

32. 1.5 · *Encheirídion*, 17, p. 21 (nota 27, p. 42) · "interpretar belamente o papel que te é dado" · «ὑποκρίνασθαι πρόσωπον καλῶς» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]

33. 1.5 · Cícero, *Sobre o destino*, 43 · "o nosso assentimento estará em nosso poder" · «adsensio nostra erit in potestate» · [V-la; tradução do estudo]

34. 1.6 · *Vidas*, VII, 134 · "o que faz é o *logos* nela, deus" · «τὸν ἐν αὐτῇ λόγον τὸν θεόν» · [V-gr; tradução do estudo]

35. 1.6 · *Vidas*, VII, 135 · "um só deus, intelecto, destino e Zeus" · «Ἕν τ' εἶναι θεὸν καὶ νοῦν καὶ εἱμαρμένην καὶ Δία» · [V-gr; tradução do estudo]

36. 1.6 · *Vidas*, VII, 139 · "vivo, animado e racional" · «ζῷον ὄντα καὶ ἔμψυχον καὶ λογικόν» · [V-gr]

37. 1.6 · *Vidas*, VII, 137 · a conflagração (*ekpyrōsis*) · [V-gr; paráfrase]

38. 1.6 · Cleantes, *Hino a Zeus*, vv. 18–21 (Thom, em Watanabe, *Exemplaria Classica* 10, 2006, p. 345) · "o bom com o mau" · «ἐσθλὰ κακοῖσιν» · [V-gr via secundária: Thom, em Watanabe; tradução do estudo]

39. 1.6 · *Diatribes*, I, 14, 6 · "partes e pedaços dele" · «μόρια [...] καὶ ἀποσπάσματα» · [V-gr; tradução do estudo]

40. 1.6 · *Diatribes*, II, 8, 11–12 · "Trazes deus contigo, infeliz" · «θεὸν περιφέρεις, τάλας» · [V-gr; tradução do estudo]

41. 1.6 · *Diatribes*, I, 14, 12–14 · "deus está dentro e o vosso *daimon*" · «ὁ θεὸς ἔνδον ἐστὶ» · [V-gr; tradução do estudo]

42. 1.6 · *Cartas a Lucílio*, 41, 1 (Miotti, *Prometeus* 7 (15), 2014) · "deus está perto de ti" · «prope est a te deus, tecum est, intus est» · [V-la; V-pt: Miotti]

43. 1.6 · *Cartas a Lucílio*, 41, 2 · "um espírito sagrado habita dentro de nós" · «sacer intra nos spiritus sedet» · [V-la; tradução do estudo]

44. 1.6 · *Cartas a Lucílio*, 41, 5 · os raios do sol · «radii solis contingunt quidem terram» · [V-la; tradução do estudo]

45. 1.6 · *Cartas a Lucílio*, 41, 6 (Miotti) · o ânimo que brilha só do bem próprio · «nullo bono nisi suo nitet» · [V-la; V-pt: Miotti]

46. 1.6 · *Cartas a Lucílio*, 92, 17–18 · “uma faísca nada acrescenta à luz do sol” · «igniculum nihil conferre lumini solis» · [V-la; tradução do estudo]

47. 1.6 · *Cartas a Lucílio*, 94, 29 · “a centelha [...] desdobra seu fogo” · «scintilla flatu levi adiuta ignem suum explicat» · [V-la; tradução do estudo]

48. 1.6 · *Meditações*, V, 27 · “o *daimon*, que Zeus deu a cada um como protetor e guia” · «προστάτην καὶ ἡγεμόνα» · [V-gr; tradução do estudo]

49. 1.6 · *Meditações*, II, 17 · “guardar o *daimon* de dentro” · «τηρεῖν τὸν ἔνδον δαίμονα» · [V-gr; tradução do estudo]

50. 1.6 · *Meditações*, XII, 26 · “nada é próprio de ninguém” · «οὐδὲν ἴδιον οὐδενός» · [V-gr; tradução do estudo]

51. 1.7 · *Vidas*, VII, 85 · “o primeiro impulso do animal é para se conservar” · «τὴν δὲ πρώτην ὁρμήν» · [V-gr; tradução do estudo]

52. 1.7 · Cícero, *Dos fins*, III, 63 · “não deva parecer estranho a outro” · «non alienum videri» · [V-la; tradução do estudo]

53. 1.7 · *Dos fins*, III, 64 · “uma cidade e comunidade comum de homens e deuses” · «communem urbem et civitatem hominum et deorum» · [V-la; tradução do estudo]

54. 1.7 · *Meditações*, IV, 4 · “o mundo é como uma cidade” · «ὁ κόσμος ὡσανεὶ πόλις ἐστί» · [V-gr; tradução do estudo]

55. 1.7 · *Meditações*, VI, 44 · “como homem, o mundo” · «ὡς δὲ ἀνθρώπῳ ὁ κόσμος» · [V-gr; tradução do estudo]

56. 1.7 · *Meditações*, II, 1 · “como os pés, as mãos, as pálpebras” · «ὡς πόδες, ὡς χεῖρες, ὡς βλέφαρα» · [V-gr; tradução do estudo]

57. 1.7 · *Meditações*, XI, 8 · “reunir-se de novo ao vizinho” · «πάλιν συμφῦναι τῷ προσεχεῖ» · [V-gr; tradução do estudo]

58. 1.7 · *Diatribes*, II, 10, 3; I, 9, 1 e 6 · “és cidadão do mundo”; *kosmios* · «πολίτης εἶ τοῦ κόσμου» · [V-gr; tradução do estudo]

59. 1.7 · *Cartas a Lucílio*, 95, 52 · “membros de um grande corpo” · «membra sumus corporis magni» · [V-la; tradução do estudo]

60. 1.7 · *Cartas a Lucílio*, 9, 3 (Dinucci, 2011, p. 118) · “deseja ter amigo e vizinho e companheiro” · «et amicum habere vult et vicinum et contubernalem» · [V-la; V-pt: Dinucci]

61. 1.7 · *Meditações*, IV, 3 · “recolher-te em ti mesmo”; “àquilo a que voltas” · «ἐφ’ ἃ ἐπανέρχῃ» · [V-gr; tradução do estudo]

62. 1.7 · *Meditações*, VIII, 48 · “uma acrópole é a mente livre de paixões” · «ἀκρόπολίς ἐστιν ἡ ἐλευθέρα παθῶν διάνοια» · [V-gr; tradução do estudo]

63. 1.7 · *Cartas a Lucílio*, 7, 8 · “convive com os que te hão de fazer melhor” · «cum his versare qui te meliorem facturi sunt» · [V-la; tradução do estudo]

64. 1.8 · *Diatribes*, III, 12, 1 · “os exercícios com coisas contra a natureza” · «τὰς ἀσκήσεις οὐ δεῖ» · [V-gr; tradução do estudo]

65. 1.8 · *Diatribes*, I, 4, 18 · “Onde, então, está o progresso?” · «ποῦ οὖν προκοπή;» · [V-gr; tradução do estudo]

66. 1.8 · *Encheirídion*, 33, 1, p. 29 · "Fixa [...] um caráter e um padrão para ti" · «τάξον τινὰ ἤδη χαρακτῆρα» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]

67. 1.8 · *Meditações*, V, 1 · "levanto-me para a obra de homem" · «ἐπὶ ἀνθρώπου ἔργον ἐγείρομαι» · [V-gr; tradução do estudo]

68. 1.8 · *Meditações*, II, 1 · "o intrometido, o ingrato, o insolente" · [V-gr; tradução do estudo]

69. 1.8 · *Meditações*, III, 10 · viver o presente · [V-gr; paráfrase]

70. 1.8 · *Meditações*, IX, 30 · "os rebanhos sem número" · [V-gr; tradução do estudo]

71. 1.8 · *Cartas a Lucílio*, 1, 3 · "só o tempo é nosso" · «tempus tantum nostrum est» · [V-la; tradução do estudo]

72. 1.8 · *Cartas a Lucílio*, 101, 10 · "pensa cada dia como uma vida" · «singulos dies singulas vitas puta» · [V-la; tradução do estudo]

73. 1.9 · *Sobre a ira*, III, 36, 1 · "Que mal teu curaste hoje?" · «quod hodie malum tuum sanasti? Cui uitio obstitisti?» · [V-la; tradução do estudo]

74. 1.9 · *Sobre a ira*, III, 36, 2 · "vigia de si e censor secreto" · «speculator sui censorque secretus» · [V-la; tradução do estudo]

75. 1.9 · *Sobre a ira*, III, 36, 3 · "nada escondo de mim" · «totum diem meum scrutor [...] nihil mihi ipse abscondo» · [V-la; tradução do estudo]

76. 1.9 · *Sobre a ira*, III, 36, 3–4 (Lohner, 2014, p. 183, por Franco 2022) · "cuida de não fazer mais isso; por agora te perdoo" · «uide ne istud amplius facias, nunc tibi ignosco» · [V-la; V-pt via secundária: Lohner, por Franco 2022; grafia a conferir]

77. 1.9 · *Sobre a ira*, III, 36, 4 · "o bom se alegra de ser advertido" · «admoneri bonus gaudet» · [V-la; tradução do estudo]

78. 1.9 · *Cartas a Lucílio*, 83, 1–2 · "o plano do futuro vem do passado" · «consilium futuri ex praeterito venit» · [V-la; tradução do estudo]

79. 1.9 · *Cartas a Lucílio*, 12, 8–9 · "vivi, e cumpri o curso" · «vixi et quem dederat cursum fortuna peregi» · [V-la; tradução do estudo]

80. 1.9 · *Diatribes*, III, 10, 2–3 · "antes de rever cada ato do dia" · «μηδ' ὕπνον μαλακοῖσιν ἐπ' ὄμμασι» · [V-gr; tradução do estudo]

81. 1.9 · *Meditações*, X, 37 · "Começa por ti e examina-te primeiro" · «ἄρχου δὲ ἀπὸ σαυτοῦ» · [V-gr; tradução do estudo]

82. 1.9 · *Diatribes*, II, 1, 32 · "refutava a si mesmo e se examinava" · «αὐτὸς ἑαυτὸν ἤλεγχεν καὶ ἐξήταζεν» · [V-gr; tradução do estudo]

83. 1.9 · *Encheirídion*, 51, 3, p. 36 · "desejando ser como Sócrates" · «ὡς Σωκράτης γε εἶναι βουλόμενος» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]

84. 1.9 · *Cartas a Lucílio*, 104, 27–28 · "toma Sócrates" (latim não aberto) · [V-en via secundária: Estudo X]

85. 1.10 · *Da clemência*, II, 3, 1 · "moderação do ânimo no poder de vingar-se" · «temperantia animi in potestate ulciscendi» · [V-la; tradução do estudo]

86. 1.10 · *Da clemência*, I, 1, 4 · "a clemência em prontidão" · «clementiam in procinctu habeo» · [V-la; tradução do estudo]

87. 1.10 · *Da clemência*, II, 5, 4 · “uma doença do ânimo” · «Misericordia est aegritudo animi» · [V-la; tradução do estudo]

88. 1.10 · *Da clemência*, II, 5, 1 · “vício de ânimo pequeno” · «vitium pusilli animi» · [V-la; tradução do estudo]

89. 1.10 · *Da clemência*, II, 6, 3 · o sábio socorrerá · «non miserebitur sapiens, sed succurret» · [V-la; tradução do estudo]

90. 1.10 · *Da clemência*, II, 7, 1–2 · “quem perdoa confessa que deixou de fazer algo” · «qui ignoscit, fatetur aliquid se… omisisse» · [V-la; tradução do estudo]

91. 1.10 · *Sobre a ira*, III, 26, 4 (Lohner, 2014, p. 175, por Franco 2022) · “somos maus, vivemos entre maus” · «mali inter malos uiuimus» · [V-la; V-pt via secundária: Lohner, por Franco 2022]

92. 1.10 · *Encheirídion*, 42, pp. 32–33 · “Assim lhe parece” · «ἔδοξεν αὐτῷ» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]

93. 1.10 · *Meditações*, VII, 22 · “amar também os que tropeçam” · «φιλεῖν καὶ τοὺς πταίοντας» · [V-gr; tradução do estudo]

94. 1.10 · *Meditações*, VIII, 59 · “ensina-os, então, ou suporta-os” · «ἢ δίδασκε οὖν ἢ φέρε» · [V-gr; tradução do estudo]

95. 1.11 · *Diatribes*, III, 24, 93–94 · “para o agora-não-ser” · «εἰς τὸ νῦν μὴ ὄν» · [V-gr; tradução do estudo]

96. 1.11 · *Diatribes*, III, 24, 86 · “como o figo, como o cacho de uva” · «ὡς σῦκον, ὡς σταφυλή» · [V-gr; tradução do estudo]

97. 1.11 · *Meditações*, VII, 19 · “quantos Crisipos, quantos Sócrates” · *posous ēdē ho aiōn Chrysippous* (transliteração) · [V-gr; tradução do estudo]

98. 1.11 · *Diatribes*, I, 24, 20 (Dinucci, *Dialektiké* 2 (2), 2015, p. 137); Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 70, 14–15 · a “porta aberta”, só nomeada · [V-gr; V-pt: Dinucci; V-la]

99. 1.11 · *Diatribes*, I, 6, 32–36 · “úteis para mostrar e exercitar Héracles” · «πρὸς τὸ δεῖξαι καὶ γυμνάσαι τὸν Ἡρακλέα» · [V-gr; tradução do estudo]

100. 1.11 · *Encheirídion*, 27, p. 25 · “a natureza do mal não existe no cosmos” · «κακοῦ φύσις ἐν κόσμῳ» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]

101. 1.11 · Sêneca, *Sobre a providência*, 2, 1 · “nada de mau pode acontecer ao homem bom” · «Nihil accidere bono viro mali potest» · [V-la; tradução do estudo]

102. 1.11 · *Meditações*, IV, 3; XII, 24 · “ou providência ou átomos” · «ἤτοι πρόνοια ἢ ἄτομοι» · [V-gr; tradução do estudo]

103. 1.11 · *Vidas*, VII, 88 · “a vontade do governante do todo” · «τοῦ τῶν ὅλων διοικητοῦ βούλησιν» · [V-gr; V-en: Hicks; tradução do estudo]

104. 1.11 · *Cartas a Lucílio*, 47, 1 (Murachco, *Em curso* 8, 2021, pp. 1 e 3) · “‘São escravos.’ Antes, homens” · «Servi sunt. Immo homines» · [V-la; V-pt via secundária: Murachco]

105. 1.11 · *Cartas a Lucílio*, 47, 10 · as mesmas sementes, o mesmo céu · «ex isdem seminibus ortum eodem frui caelo» · [V-la; tradução do estudo]

106. 1.11 · Musônio Rufo, fr. III (Dinucci, em Aggio, *ethic@* 17 (2), 2018, p. 189) · “a mesma razão que os homens” · [V-pt: Dinucci, em Aggio]

107. 1.11 · Tácito, *Anais*, XIII, 42 · "com que sabedoria, com que preceitos de filósofos" · «qua sapientia, quibus philosophorum praeceptis» · [V-la; tradução do estudo]

108. 1.11 · Tácito, *Anais*, XIV, 53–56; XV, 60–64 · o pedido de retiro; a morte · [V-la; paráfrase]

A TRADIÇÃO

1. 1.1 · José Eduardo S. Lohner, introdução a Sêneca, *Sobre a ira* (São Paulo: Penguin-Companhia, 2014), pp. 15–16 · Sêneca entre os *proficientes* · [V via secundária: Franco 2022]

2. 1.2 · Aldo Dinucci, "Diatribes 1.24 e 1.25", *Dialektiké* 2 (2), 2015, pp. 133–134 · "sob nosso controle se tivermos uma atitude crítica" · [V-pt: Dinucci]

3. 1.2 · Dinucci, *Introdução ao Manual de Epicteto*, p. 11 · "é-nos interior tudo o que está sob nosso controle" · [V-pt: Dinucci]

4. 1.3 · Agostinho, *A cidade de Deus*, XIV, 8 (The Latin Library; Dods, *Nicene and Post-Nicene Fathers* I, 2) · a quarta *eupatheia* negada · «negauerunt esse posse aliquid in animo sapientis» · [V-la; tradução do estudo]

5. 1.3 · *A cidade de Deus*, XIV, 9 · "esse torpor pior que todos os vícios" · «hunc stuporem non omnibus uitiis iudicet esse peiorem» · [V-la; V-en: Dods; tradução do estudo]

6. 1.3 · *A cidade de Deus*, XIV, 9 (no Estudo XII, 4.2, XIV, 9, 4) · "viveríamos antes não retamente" · «tunc potius non recte uiuimus» · [V-la; tradução do estudo]

7. 1.3 · *A cidade de Deus*, XIV, 9 · "nem essa é desta vida"; "perdem toda a humanidade" · «sed nec ipsa huius est uitae»; «humanitatem totam [...] amittunt» · [V-la; tradução do estudo]

8. 1.3 · *A cidade de Deus*, IX, 4 · "disputa de palavras, não exame de coisas" · «uerborum certamini, non rerum examini» · [V-la; V-en: Dods; tradução do estudo]

9. 1.4 · G. W. F. Hegel, *Fenomenologia do espírito*, "Stoicism", trad. Baillie · a liberdade do pensamento no trono e nas cadeias · «on the throne as well as in fetters» · [V-en: Baillie; paráfrase]

10. 1.5 · Friedrich Nietzsche, *A gaia ciência*, §276 (Common); *Ecce Homo*, "Why I am so clever" (título vertido pelo estudo; seção a confirmar; Cohn) · a fórmula *amor fati* · [V-en: Common; Cohn; paráfrase]

11. 1.5 · Susanne Bobzien, *Determinism and Freedom in Stoic Philosophy* (Oxford, 1998) · Crisipo compatibilista · [tese a confirmar; página a confirmar]

12. 1.6 · Dinucci, nota 471 a *As Diatribes de Epicteto, livro I* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020), p. 111 · "um ser vivo que percebe o que ocorre" · [V-pt: Dinucci]

13. 1.7 · Hiérocles, *Elementos de ética*, os círculos concêntricos, em resenha de Gourinat (org.), *L'éthique du stoïcien Hiéroclès* · [paráfrase; V via secundária: *Bryn Mawr Classical Review*]

14. 1.7 · Pierre Hadot, *La Citadelle intérieure* (Paris: Fayard, 1992) · o título e *Meditações*, VIII, 48 · [paráfrase; página a confirmar]

15. 1.7 · Hannah Arendt, *Origens do totalitarismo*, cap. 13, p. 476 (Estudo XIII, 4.3); Epicteto, *Diatribes*, III, 13 (original não aberto) · Catão; o ermo e o só (*erēmos*, *monos*) · [V-en via secundária: Arendt; paráfrase; localização a confirmar]

16. 1.8 · Hadot, *Exercícios espirituais e filosofia antiga*, trad. Loque e Oliveira (São Paulo: É Realizações, 2014), p. 9 · "o pensamento, a imaginação, a sensibilidade, assim como a vontade" · [V via secundária: Lima, *Prometeus* 36, 2021]

17. 1.8 · Hadot, 2014, p. 60 · a filosofia antiga como maneira de viver · [paráfrase; V via secundária: Lima 2021]
18. 1.8 · Hadot, 2014, pp. 24, 51 · "não possuímos nenhum tratado sistemático"; a "visão do alto" · [V via secundária: Lima 2021]
19. 1.8 · Michel Foucault, "About the Beginning of the Hermeneutics of the Self" (Dartmouth, 1980; Chicago, 2015, trad. Burchell) · o exame "administrativo" · [V-en via secundária: texto de 1980]
20. 1.8 · Foucault, *A hermenêutica do sujeito*, trad. Fonseca e Muchail (Martins Fontes), aula de 24/03/1982 · o exame como balanço · [tese a confirmar]
21. 1.8 · Paul Veyne, *Seneca: The Life of a Stoic*, trad. Sullivan (Routledge, 2003), pp. ix–x · «a philosophy of the active turning in on itself of the I» · [V-en via secundária: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*; tradução do estudo]
22. 1.9 · Hadot, 2014, pp. 37–38 · "fundamento de todo exercício espiritual" · [V via secundária: Lima 2021]
23. 1.10 · Agostinho, *A cidade de Deus*, IX, 5 · "compaixão do nosso coração pela miséria alheia"; "serve à razão" · «alienae miseriae quaedam in nostro corde compassio»; «Seruit autem motus iste rationi» · [V-la; V-en: Dods; tradução do estudo]
24. 1.10 · Cícero, *Pro Ligario*, 37 · o louvor da *misericordia* de César · «nulla de uirtutibus tuis plurimis nec admirabilior nec gratior misericordia est» · [V-la]
25. 1.11 · Joly, "Estoicismo e escravidão no pensamento de Sêneca", *Phoînix* 13, 2007, pp. 98–114 · o escravo como instrumento · [V-pt via secundária: resumo do artigo]
26. 1.11 · Juliana Aggio, "O 'feminismo' de Musônio Rufo", *ethic@* 17 (2), 2018, pp. 179–204 · igualdade natural e submissão da mulher · [V-pt: Aggio; paráfrase]
27. 1.11 · Miriam Griffin, *Seneca: A Philosopher in Politics* (Oxford, 1976); Veyne, 2003 · Sêneca e Nero · [V via secundária: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*; *Internet Encyclopedia of Philosophy*]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 1.9 · Decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · "Sócrates entra na Ficha do Estudo II, como o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar"
2. 1.3 · Decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · "a Ficha do Estudo II recebe a recusa agostiniana da *apatheia*, como recebeu Sócrates"
3. 1.7 · Decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · "Catão e Epicteto entram na Ficha do Estudo II, ao lado de Sócrates"
4. 1.3 · Estudo XII, 4.2 · Agostinho e a *apatheia* recusada · [leitura do estudo]
5. 1.7 · Estudo XIII, 4.3 · Catão e Epicteto no dois-em-um · [leitura do estudo]
6. 1.9 · Estudo X, 4.1 · Sócrates como modelo da Stoa · [leitura do estudo]

Capítulo 2 — Onde nos tocamos

A STOA

1. 2.1 · Marco Aurélio, *Meditações*, VI, 15 · "neste rio, que valor dar a algo que passa correndo e em que não é possível parar?" · «ἐν δὴ τούτῳ τῷ ποταμῷ τί ἄν τις… ἐκτιμήσειεν» · [V-gr; tradução do estudo]

2. 2.1 · *Meditações*, IV, 46 (Heráclito também em VI, 42) · "não se deve agir como filhos dos pais, isto é, simplesmente como recebemos" · «οὐ δεῖ ὡς παῖδας τοκεώνων… καθότι παρειλήφαμεν» · [V-gr; tradução do estudo]

3. 2.1 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 58, 23; Furlan, *Scientia Traductionis* 16, 2014, p. 15 · "ao mesmo rio duas vezes descemos e não descemos" · «in idem flumen bis descendimus et non descendimus» · [V-la; V-pt: Furlan]

4. 2.3 · Epicteto, *Encheirídion*, 53, 4; trad. Dinucci e Julien (São Cristóvão: EDUFS, 2012), versão digital da *Prometeus*, p. 46 · "Ânito e Meleto podem me matar, mas não podem me causar dano" · [V-pt: Dinucci–Julien]

5. 2.4 · *Encheirídion*, 1, 1; mesma edição, p. 15 · "Das coisas existentes, algumas são encargos nossos; outras não […]" · «τῶν ὄντων τὰ μέν ἐστιν ἐφ' ἡμῖν…» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]

6. 2.4 · *Encheirídion*, 8; mesma edição, p. 18 · "quere que aconteçam como acontecem" · «θέλε τὰ γινόμενα ὡς γίνεται» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]

7. 2.5 · Epicteto, *Diatribes*, I, 9, 1 · *kosmios*, "do mundo, ordenado" · «ἀλλ' ὅτι κόσμιος» · [V-gr; tradução do estudo]

8. 2.5 · Sêneca, *Sobre o ócio*, 4, 1 · "duas repúblicas" · «Duas res publicas animo complectamur» · [V-la; localização a confirmar]

9. 2.5 · Cícero, *Dos deveres*, I, 51 (versos de Ênio); Miller (Loeb, 1913) · "acende uma luz a partir da própria luz" · «Quasi lumen de suo lumine accendat» · [V-la; V-en: Miller; tradução do estudo]

10. 2.6 · Marco Aurélio, *Meditações*, VIII, 48 · a *akropolis*, "a mente livre de paixões" · «ἀκρόπολίς ἐστιν ἡ ἐλευθέρα παθῶν διάνοια» · [V-gr; tradução do estudo]

11. 2.7 · *Meditações*, III, 2 · "tem algo de gracioso e atraente" · «τὰ σῦκα ὁπότε ὡραιότατά ἐστι, κέχηνε» · [V-gr; tradução do estudo]

12. 2.7 · Epicteto, *Diatribes*, I, 12, 21 · "festa e assembleia festiva" · «ἀλλ' ἑορτὴν καὶ πανήγυριν» · [V-gr; tradução do estudo]

13. 2.7 · Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 116; Hicks (Loeb, 1925) · as três *eupatheiai* · «εὐπαθείας φασὶ τρεῖς, χαράν, εὐλάβειαν, βούλησιν» · [V-gr; V-en: Hicks]

14. 2.7 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 23, 3–4 · "a verdadeira alegria é coisa séria" · «verum gaudium res severa est» · [V-la; tradução do estudo]

15. 2.8 · *Cartas a Lucílio*, 95, 33 · "coisa sagrada para o homem" · «Homo, sacra res homini» · [V-la; tradução do estudo]

16. 2.9 · Epicteto, *Diatribes*, III, 12, 6 · "opor um hábito contrário" · [V-gr; tradução do estudo; grego do passo não transcrito]

A TRADIÇÃO

1. 2.2 · Foucault, *A hermenêutica do sujeito*, aula de 24/03/1982 (trad. Fonseca e Muchail, Martins Fontes); "About the Beginning of the Hermeneutics of the Self" (1980) · o exame de Sêneca como balanço de administrador, não de réu · [tese a confirmar; página a confirmar]

2. 2.3 · Hadot, *Exercícios espirituais e filosofia antiga* (trad. Loque e Oliveira, É Realizações, 2014), pp. 37–38 · o exame socrático como fundamento do exercício espiritual · [paráfrase; V via secundária: Lima, *Prometeus* 36,

2021]

3. 2.4 · Dinucci, "Diatribes 1.24 e 1.25", *Dialektiké* 2 (2), 2015, pp. 133–134 · "encargos nossos" em lugar de "sob nosso controle" · [V-pt: Dinucci]
4. 2.6 · Hadot, *La Citadelle intérieure* (Paris: Fayard, 1992); sem edição portuguesa achada · o título, de *Meditações*, VIII, 48 · [paráfrase; página a confirmar]
5. 2.6 · Arendt, *Origens do totalitarismo*, cap. 13 (Harcourt, 1973), p. 476; *A condição humana* (Chicago, 1958), p. 325 · Catão; *erēmos* e *monos* · [V-en via secundária: Estudo XIII, 4.3; paráfrase]
6. 2.9 · Hadot, *Exercícios espirituais*, p. 24 · "nenhum tratado sistemático" · [V via secundária: Lima, 2021]
7. 2.10 · Dinucci, *As Diatribes de Epicteto, livro I* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020), nota 471, p. 111 · o universo como ser vivo · [V-pt: Dinucci]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 2.1 · Cânon v1.2, "Origem" · "Cada pessoa carrega uma luz interior atemporal [...]"
2. 2.1 · Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", II · "Ninguém começa do zero [...]"
3. 2.1 · Catecismo, 48 · "O rio não pune a folha que parou numa margem: ele a retoma"
4. 2.1 · Cânon v1.2, Parte III, "A trilha dos escritos" · "Agostinho, Tomás, Heráclito, estoicos, personalismo"
5. 2.2 · Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I (Prática) · "Exame diário ao fim do dia [...] Cinco minutos bastam"
6. 2.2 · Catecismo, 43 · "a gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível"
7. 2.2 · Meditações Práticas, "O Examinar da noite" · "Não é o exame de um juiz severo, contando pontos negativos"
8. 2.2 · Catecismo, 47 · "quem deixou passar o exame de uma noite volta a fazê-lo na seguinte"
9. 2.3 · Meditações Práticas, "O Portar do dia" · "levar a luz acesa através do fluxo, sem deixar que a correnteza a apague [...]"
10. 2.4 · Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", III · "A mudança não é acidente a suportar [...]"
11. 2.4 · Catecismo, 14 · "Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo [...]"
12. 2.4 · Cânon v1.2, "Regra de Vida", "Ritmo diário" · "mudança inesperada"
13. 2.4 · Meditações Práticas, "O Portar do dia" · "uma mudança que você não pediu"; "que mensagem carrego através disto?"
14. 2.4 · Catecismo, 16 · "de propósito"
15. 2.5 · Cânon v1.2, "As Águas Comuns" · "Ninguém navega um rio privado [...]"
16. 2.5 · Tratado das Águas Comuns, "Definição" · "o terceiro devido — o nós, ao lado do eu e do tu"
17. 2.5 · Cânon v1.2, "As Águas Comuns" · "A luz é pessoal, nunca individual [...]"
18. 2.6 · Cânon v1.2, "As Águas Comuns" · "Retirar-se não é represar [...] o retiro é discreto [...]"
19. 2.7 · Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", IV · "Um momento diário de celebração física plena [...]"
20. 2.7 · Meditações Práticas, "A celebração maior" · "O templo também dança"
21. 2.7 · Meditações Práticas, "A Regra da Misericórdia" · "ninguém volta com alegria para algo que só lembra fracasso"

22. 2.8 · Catecismo, 36 · “Não se vela: resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro”

23. 2.8 · Catecismo, 35 · “com intenção ou sem ela”

24. 2.8 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “Sê casa para o outro”

25. 2.8, 2.10 · Catecismo, 31 · “o olhar do outro não a cria, mas pode ser o primeiro a vê-la”; “o Abrigo pode revelar uma luz que estava escondida”

26. 2.9 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo diário” · “Ao despertar, antes de qualquer tela [...]”

27. 2.9 · Meditações Práticas, “O Acender da manhã” · “Acender não é criar algo novo em você; é parar de fingir que não existe”

28. 2.9 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo de estação” · “a regra serve à vida, não o contrário”

29. 2.9 · Meditações Práticas, “A mudança deliberada da semana” · “para que, quando a mudança grande chegar [...] você já saiba portar”

30. 2.9 · Tratado da Vigília, “Fundamentação” · “a Vigília não lê a noite de cima nem do fim”

31. 2.10 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “O valor de cada pessoa é intrínseco [...] A luz não se acende — ela se revela”

32. 2.10 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar [...]”

33. 2.10 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “participação nesse princípio comum”; “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto”

34. 2.10 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz [...]”

35. 2.2 · Decisão n.º 4 de 17/10/2026 · “A mão que retoma, na Regra da Misericórdia, é o rio — o Flumen —, não o Abrigo”

36. 2.4 · Decisão n.º 7 de 17/10/2026 · “o nome do Pilar III é feminino — a Mutatio, como a Lux”

37. 2.3 · Decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “Sócrates entra na Ficha do Estudo II, como o modelo [...]”

38. 2.3 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “O veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa”; “o sinal de Sócrates fica em Platão”

39. 2.10 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “O sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz”

40. 2.9 · Decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “aceita de Aristóteles o exercício e recusa a medida”

41. 2.9 · Decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “o cânon admite um hábito que revela a luz, e nenhum hábito a forma”

42. 2.10 · Decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · o intelecto agente “como a luz” é estrutura, nunca nome da Luz

43. 2.7, 2.8 · Decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “a Ficha do Estudo II recebe a recusa agostiniana da *apatheia* [...]”

44. 2.8 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux”

45. 2.10 · Decisão n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · a luz imutável é estrutura, e nunca nome da Luz

46. 2.2 · Decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “O dois-em-um cabe na letra do Examinar: como leitura […]”
47. 2.6 · Decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “A margem é ‘estar consigo’”
48. 2.6, 2.10 · Decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “Catão e Epicteto entram na Ficha do Estudo II, ao lado de Sócrates”; o “quem” de Arendt do lado da identidade
49. 2.10 · Decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “A pluralidade entra como estrutura, não como palavra da letra”
50. 2.1 · Ficha do Estudo II · “o tempo é um rio dos acontecimentos”; “ambos bebemos de Heráclito” · [Ficha, não cânon]
51. 2.2 · Ficha do Estudo II · “tribunal lá, misericórdia aqui” · [Ficha, não cânon]
52. 2.2 · Ficha do Estudo II · “ancestral do nosso Examinar” · [Ficha, não cânon]
53. 2.4 · Ficha do Estudo II · “portar o involuntário” · [Ficha, não cânon]
54. 2.6 · Ficha do Estudo II · “cidadela interior, não; casa de portas abertas” · [Ficha, não cânon]
55. 2.7 · Ficha do Estudo II · “desconfiamos de uma sabedoria que não dança” · [Ficha, não cânon]
56. 2.10 · Ficha do Estudo II · “a luz como participação num princípio que nos excede” · [Ficha, não cânon]
57. 2.1 · Estudo VII, 2.2 · “mesmo avô” · [leitura do estudo]
58. 2.3 · Estudo X, 2.3 · a letra do Examinar não nomeia interlocutor · [leitura do estudo]
59. 2.5 · Estudo X, 4.1 · “cidadão do mundo” lido em *Diatribes*, I, 9, 1 · [leitura do estudo]

Capítulo 3 — Onde nos separamos

A STOA

1. 3.1 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 41, 5 · os raios do sol · [V-la; paráfrase]
2. 3.1 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 92, 17–18 · *lumen* e *igniculus* · [V-la; paráfrase]
3. 3.2 · Sêneca, *Sobre a providência*, 5, 6, The Latin Library · “não sirvo a deus, assinto” · «nec seruio deo sed assentior» · [V-la; tradução do estudo]
4. 3.2 · Epicteto, *Diatribes*, I, 6, 37, Schenkl, Perseus · “Traze agora, ó Zeus, a circunstância que quiseres” · «φέρε νῦν, ὦ Ζεῦ, ἣν θέλεις περίστασιν» · [V-gr; tradução do estudo]
5. 3.2 · Epicteto, *Encheirídion*, 8, trad. Dinucci e Julien (EDUFS, 2012), versão digital da *Prometeus*, p. 18 · “que aconteçam como acontecem” · «θέλε τὰ γινόμενα ὡς γίνεται» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]
6. 3.2 · Epicteto, *Encheirídion*, 53, Dinucci–Julien, p. 37 · *hepsomai*, “seguirei”; *synkechōrēken*, “cedeu” · «ὡς ἕψομαί γ’ ἄοκνος» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]
7. 3.3 · Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 111, Perseus; Hicks · “por quem sofre indignamente” · «λύπην ὡς ἐπ’ ἀναξίως κακοπαθοῦντι» · [V-gr; V-en: Hicks, conferência a fazer; tradução do estudo]
8. 3.4 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 23, 3–4, Gummere (Loeb) · “nasça em casa”; “coisa séria” · «domi nasci»; «res severa est» · [V-la; tradução do estudo]
9. 3.4 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 59, 14 · “cheio de alegria” · «plenus est gaudio» · [V-la; tradução do estudo]

10. 3.4 · Epicteto, *Diatribes*, I, 16, 20 · “Que outra coisa posso eu, velho e coxo, senão cantar a deus?” · «γέρων χωλὸς εἰ μὴ ὑμνεῖν τὸν θεόν» · [V-gr; tradução do estudo]

11. 3.5 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 52, 2 · “ninguém tem força bastante para emergir por si” · «Nemo per se satis valet ut emergat» · [V-la; tradução do estudo]

12. 3.6 · Cícero, *Dos fins*, III, 64, Perseus · “governado pela vontade dos deuses” · «regi numine deorum» · [V-la; tradução do estudo]

13. 3.7 · Marco Aurélio, *Meditações*, II, 1, Perseus · “por ignorância dos bens e males” · «παρὰ τὴν ἄγνοιαν τῶν ἀγαθῶν καὶ κακῶν» · [V-gr; tradução do estudo]

14. 3.7 · Marco Aurélio, *Meditações*, VIII, 55 · “não prejudica o outro” · «οὐδὲν βλάπτει τὸν ἕτερον» · [V-gr; tradução do estudo]

15. 3.8 · Epicteto, *Diatribes*, I, 4, 18 · “voltar-se para a própria *prohairesis*” · «ἐπὶ τὴν προαίρεσιν ἐπέστραπται» · [V-gr; tradução do estudo]

16. 3.9 · Epicteto, *Diatribes*, I, 24, 20, trad. Dinucci (*Dialektiké* 2(2), 2015, p. 137) · a “porta aberta” · [paráfrase; V-pt: Dinucci]

17. 3.9 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 70, 14–15 · a “porta aberta” · [paráfrase; V-la]

A TRADIÇÃO

1. 3.1 · Dinucci, nota 471 a *Diatribes*, I, 14, 6 (Coimbra, 2020), p. 111 · o universo como vivente · [V-pt: Dinucci; paráfrase]

2. 3.2 · Thom (2005), via Watanabe, *Exemplaria Classica* 10, 2006, pp. 345–346 · os vv. 18–21 como restauração da ordem · [V via secundária: Watanabe; paráfrase]

3. 3.3 · Foucault, “About the Beginning of the Hermeneutics of the Self” (1980); *A hermenêutica do sujeito*, aula de 24/03/1982 · o exame como balanço de administrador · [V-en via secundária: texto de 1980; aula de 1982, tese a confirmar]

4. 3.3 · Lohner, introdução a *Sobre a ira* (2014), pp. 15–16, via Franco (2022) · Sêneca entre os proficientes · [tese de Lohner, via Franco 2022]

5. 3.4 · Graver, *Stoicism and Emotion* (2007) · as *eupatheiai* como emoções do sábio · [paráfrase; tese a confirmar]

6. 3.4 · Agostinho, *A cidade de Deus*, XIV, 8, The Latin Library · a quarta afeição negada pelos estoicos · «pro metu cautionem» · [V-la; paráfrase]

7. 3.7 · Dinucci, nota 34 ao *Encheirídion*, 27, p. 42 · “todo erro é fruto de uma falsa opinião” · [V-pt: Dinucci–Julien]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 3.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “A luz não se acende — ela se revela.”

2. 3.1 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “revelar supõe presença anterior a qualquer olhar”

3. 3.1 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “seja qual for o nome que cada um lhe dê”

4. 3.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “há um princípio racional comum que atravessa todas as coisas em fluxo”

5. 3.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “O ponto comum [...] é a estrutura”

6. 3.1 · Catecismo, 17 · “o que vai além de nós”
7. 3.1 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “eu sem a minha luz sou uma mentira”
8. 3.2 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “A Vigília promete presença, não vitória”
9. 3.2 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer”
10. 3.2 · Tratado da Vigília, “Fundamentação” · “honra o gesto e não adota a providência”
11. 3.2 · Disputatio, “Respondeo” · “A tempestade é real, a correnteza é real”
12. 3.2 · Catecismo, 14 · “Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo”
13. 3.2 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “quem se recusa a apagar não consentiu em nada”
14. 3.3 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “O rio não pune a folha que parou numa margem: ele a retoma.”
15. 3.3 · Disputatio, “Respondeo” · “falar a quem falhou consigo mesmo”
16. 3.3 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “Não é o exame de um juiz severo”
17. 3.3 · Catecismo, 47 · “volta a fazê-lo na seguinte”
18. 3.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “celebração física plena — dançar, caminhar com atenção”
19. 3.4 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo semanal” · “idealmente com outros”
20. 3.4 · Meditações Práticas, “A celebração maior” · “O templo também dança.”
21. 3.4 · Meditações Práticas, “A Regra da Misericórdia” · “ninguém volta com alegria”
22. 3.5 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “vira lamparina de museu”
23. 3.5 · Catecismo, 36 e 31 · “uma luz devida ao outro”; “pode ser o primeiro a vê-la”
24. 3.5 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “guarda a luz para devolvê-la ao fluxo”
25. 3.6 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “O rio, de todos e de ninguém”
26. 3.6 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “palavras que dariam ao rio um dono”
27. 3.6 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “mais largo e mais humilde que o espaço público”
28. 3.6 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “escolhido por outra razão, a de não dar ao rio um dono”
29. 3.7 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “O lobo é o mal que alguém inflige”
30. 3.7 · Tratado da Vigília, “Definição” · “com ou sem intenção; a irreflexão não é noite”
31. 3.8 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?”
32. 3.8 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “revela onde ela ficou coberta”
33. 3.8 · Tratado da Luz Interior, “O problema que responde” · “Esforça-se a partir da luz, não para merecê-la.”
34. 3.8 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo diário” · a gratidão, fecho do Examinar
35. 3.9 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “vela quem fica, passe a noite ou não”
36. 3.10 · Meditações Práticas, “O Portar do dia” · “uma mudança que você não pediu”

37. 3.1, 3.3 · Decisão n.º 4 de 17/10/2026 · “A mão que retoma [...] é o rio — o Flumen —, não o Abrigo. A retomada é pertencimento”

38. 3.2 · Decisão n.º 1 de 17/10/2026 · “aceita a dialética [...] e a recusa como teodiceia”

39. 3.2 · Decisão n.º 2 de 17/10/2026 · “uma luz acesa dentro da noite”

40. 3.7 · Decisão n.º 5 de 17/10/2026 · “com ou sem intenção; a irreflexão não é noite”

41. 3.5 · Decisão n.º 4 de 19/10/2026 · “O Abrigo não vai até a substituição.”

42. 3.5 · Decisão n.º 5 de 19/10/2026 · “a assimetria é de posição, não de valor”

43. 3.3 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “O perdão da vítima ao lobo fica para o tratado da justiça”

44. 3.7 · Decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “passa pelo ato, não pela pessoa”

45. 3.8 · Decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “graus de visão, nunca de valor”

46. 3.1 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “o Bem não é nome da Luz”

47. 3.1 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “o sinal de Sócrates fica em Platão”

48. 3.10 · Decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar”

49. 3.8 · Decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “aceita de Aristóteles o exercício e recusa a medida”

50. 3.8 · Decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “um hábito que revela a luz, e nenhum hábito a forma”

51. 3.5 · Decisão n.º 5 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “o Abrigo não pede retorno em ponto algum”

52. 3.6 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “fronteira da série”

53. 3.1 · Decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “estrutura, nunca nome da Luz”

54. 3.1 · Decisão n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “estrutura, e nunca nome da Luz”

55. 3.6 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux”

56. 3.2 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”

57. 3.3, 3.4 · Decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “a graça, que é toque do cristianismo”; “como recebeu Sócrates”

58. 3.1 · Decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “entra como estrutura, não como palavra da letra”

59. 3.6 · Decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · a distinção de Arendt

60. 3.7 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “figura do lobo ‘sem intenção’”

61. 3.1 · Ficha do Estudo II, [s2t] 2 · “a luz como participação num princípio que nos excede” · [Ficha, não cânon]

62. 3.3 · Ficha do Estudo II, [s2t] 3 · “ancestral do nosso Examinar — tribunal lá, misericórdia aqui” · [Ficha, não cânon]

63. 3.10 · Ficha do Estudo II, [s2t] 4 · “Portar o involuntário” · [Ficha, não cânon]

64. 3.10 · Ficha do Estudo II, [s2t] 1 · “herança comum”; “ambos bebemos de Heráclito” · [Ficha, não cânon]

65. 3.4, 3.10 · Ficha do Estudo II, [s2s] 1 · “desconfiamos de uma sabedoria que não dança” · [Ficha, não cânon]

66. 3.10 · Ficha do Estudo II, [s2s] 2 · “aceitar é o começo do gesto, não o fim” · [Ficha, não cânon]

67. 3.5 · Ficha do Estudo II, [s2s] 3 · “cidadela interior, não; casa de portas abertas” · [Ficha, não cânon]

68. 3.5 · Estudo VII, 4.2 (Hegel) · [leitura do estudo]

69. 3.10 · Estudo VII, 2.2 (Hegel) · [leitura do estudo]

70. 3.5 · Estudo XII, 4.2 (*A cidade de Deus*, XIX, 5) · [leitura do estudo]

Capítulo 4 — O estoicismo diante das casas da série

A STOA

1. 4.3 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 6, 6, em inglês · “tiraram mais proveito do caráter que das palavras de Sócrates” · [V-en via secundária: Estudo X, 4.1]

2. 4.3 · Epicteto, *Diatribes*, I, 9, 1, em inglês · “cidadão do mundo” · [V-en via secundária: Estudo X, 4.1]

3. 4.3 · Epicteto, *Diatribes*, I, 9, 1 e II, 10, 3, grego do Perseus · “ordenado, do mundo”; “cidadão do mundo” · [V-gr]

4. 4.5 · Aulo Gélio, *Noites áticas*, XIX, 1, 1 e 14 · a cena do estoico no navio e do quinto livro das *Diatribes* · [V-la; paráfrase]

5. 4.5 · Aulo Gélio, *Noites áticas*, XIX, 1, 17 · “o ânimo do sábio também se move, se contrai e empalidece por um instante [...] por movimentos rápidos e irrefletidos” · [V-la; tradução do estudo]

6. 4.6 · Marco Aurélio, *Meditações*, V, 27, grego do Perseus · “protetor e guia” · [V-gr; tradução do estudo]

7. 4.7 · Sêneca, *Sobre a providência*, 5, 6 · “não sirvo a deus, assinto” · [V-la; tradução do estudo]

8. 4.7 · Epicteto, *Encheirídion*, 8, trad. Dinucci e Julien (EDUFS, 2012), versão digital da *Prometeus*, p. 18 · “quere que aconteçam como acontecem” · [V-pt: Dinucci–Julien]

9. 4.8 · Marco Aurélio, *Meditações*, V, 20, parafraseada por Ryan Holiday · “o obstáculo é o caminho” · [atribuição a confirmar]

A TRADIÇÃO

1. 4.1 · Hegel, *Fenomenologia do Espírito*, “Freedom of Self-Consciousness: Stoicism”, trad. Baillie; §§197–201 pela numeração de Miller · “no trono e nas cadeias”; “do movimento da existência [...] para a essencialidade simples do pensamento”; “carece do preenchimento concreto da vida”; “pensamento abstrato, sem conteúdo” · [V-en: Baillie; tradução do estudo; página a confirmar]

2. 4.1 · Aldo Dinucci, *Introdução ao Manual de Epicteto*, em Epicteto, *Encheirídion* (EDUFS, 2012), p. 11 · “tudo o que está sob nosso controle e que depende de nossa escolha” · [V-pt: Dinucci]

3. 4.2 · Emmanuel Levinas, *Totalidade e Infinito*, pp. 154, 221 e 226 · as ocorrências de “epicuristas” · [V-en via secundária: Estudo VIII, 4.5]

4. 4.2 · Emmanuel Levinas, *Totalidade e Infinito*, p. 154 · “nenhum rosto pode ser abordado de mãos vazias e com a casa fechada” · [V-pt via secundária: Estudo VIII, 4.5]

5. 4.2 · Paul Ricoeur, *O si-mesmo como um outro*, ed. espanhola, pp. 171 e 292–293 · “o orgulho estoico da inflexível constância a si” · [V-es via secundária: Estudo IX, 4.4]

6. 4.2 · Paul Ricoeur, *Finitude e culpabilidade*, ed. espanhola, p. 461 · “qualquer explicação de tipo estoico [...] vem a se chocar contra o sofrimento dos inocentes” · [V-es via secundária: Estudo IX, 4.4]

7. 4.3 · Aldo Dinucci, *Introdução ao Manual de Epicteto*, p. 5 · “surge na confluência do pensamento de Heráclito, de Sócrates e dos cínicos” · [V-pt: Dinucci]

8. 4.4 · Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, II, 6, 1106b36–1107a2 · “relativa a nós” · [V-gr; V-pt via secundária: Estudo XI, 4.1]

9. 4.5 · Agostinho, *A cidade de Deus*, IX, 4, latim da The Latin Library (edição-base não declarada) · “não consentindo e antes resistindo, exerce o reino da virtude” · [V-la; tradução do estudo]

10. 4.5 · Agostinho, *A cidade de Deus*, IX, 5; inglês de Dods · “pela misericórdia de livrar um homem”; “pelo medo do naufrágio” · [V-la; V-en: Dods; tradução do estudo]

11. 4.5 · Agostinho, *A cidade de Deus*, XIV, 9; ver 1.3 · “pior que todos os vícios”; “nem essa é desta vida” · [V-la; V-en: Dods; tradução do estudo]

12. 4.5 · Tertuliano, *Sobre a alma*, XX, 1, latim; inglês de Holmes · “tantas vezes dos nossos” · [V-la; V-en: Holmes]

13. 4.5 · Jerônimo, *Sobre os homens ilustres*, 12, inglês da coleção *Nicene and Post-Nicene Fathers* · “lidas por muitos” · [V-en; tradução do estudo; tradutor a confirmar]

14. 4.6 · Hannah Arendt, *A condição humana*, Chicago, 1958, p. 325 · Catão, em Cícero: o paradoxo do ativo que nada faz · [V-en via secundária: Estudo XIII, 4.3; paráfrase]

15. 4.6 · Hannah Arendt, *Origens do totalitarismo*, cap. 13, Harcourt, 1973, p. 476; Epicteto, *Diatribes*, III, 13 (original não aberto) · “precisa dos outros” · [V-en via secundária: Estudo XIII, 4.3; paráfrase]

16. 4.6 · Hannah Arendt, *A vida do espírito* II, *O querer*, Harcourt, 1978 · Epicteto e a vontade como poder do eu · [paráfrase; tese a confirmar]

17. 4.7 · Blaise Pascal, *Conversa com o senhor de Saci*, trad. inglesa Wight, 1909; francês não aberto · “mereceria ser adorado”; “orgulho diabólico”; “que a alma é uma porção da substância divina” · [V-en: Wight; tradução do estudo]

18. 4.7 · Michel de Montaigne, *Ensaios*, I, 14; inglês de Florio · “sentença grega antiga” · [V-fr; V-en: Florio; tradução do estudo]

19. 4.7 · René Descartes, *Discurso do método*, 3.ª parte; inglês de Veitch · “mudar meus desejos antes que a ordem do mundo” · [V-fr; V-en: Veitch; tradução do estudo]

20. 4.7 · Baruch Spinoza, *Ética*, V, Prefácio, inglês de Elwes; latim não aberto · “os estoicos pensaram que os afetos dependiam absolutamente da nossa vontade” · [V-en: Elwes; tradução do estudo]

21. 4.7 · Paul Ricoeur, *Tempo e narrativa* III, ed. portuguesa, pp. 115 e 436 · “uma configuração ética, muito marcada por certo estoicismo” · [V-pt via secundária: Estudo IX, 4.2]

22. 4.7 · Friedrich Nietzsche, *A gaia ciência*, §276, inglês de Common · “*Amor fati*: que seja este, de agora em diante, o meu amor!” · [V-en: Common; tradução do estudo; página a confirmar]

23. 4.7 · Friedrich Nietzsche, *Ecce Homo*, “Why I am so clever” (título vertido pelo estudo), inglês de Cohn; seção a confirmar · “não só o necessário deve ser suportado, [...] como também deve ser *amado*” · [V-en: Cohn; tradução do estudo]

24. 4.7 · Friedrich Nietzsche, *Além do bem e do mal*, §9, inglês de Zimmern · “Ó nobres estoicos, que fraude de palavras!” · [V-en: Zimmern; tradução do estudo]

25. 4.8 · Pierre Hadot, *Exercícios espirituais e filosofia antiga*, conforme Ana Carolina Lima, *Prometeus* 36, 2021 · atenção, meditação, exame, visão do alto · [paráfrase; V via secundária: Lima, 2021]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 4.1 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “o retiro é discreto, e guarda a luz para devolvê-la ao fluxo”
2. 4.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I; “Regra de Vida”, “Ritmo diário” · as duas perguntas do Examinar e o fecho em gratidão
3. 4.2 · Tratado da Vigília, “Definição” · “consolo, quando consolar é explicar”
4. 4.3 · Cânon v1.2, “O Abrigo”; “As Águas Comuns” · “Sê casa para o outro”; “Ninguém navega um rio privado”
5. 4.5 · Catecismo, 36 · “Não se vela: resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro”
6. 4.5 · Meditações Práticas, “A celebração maior” · “O templo também dança”
7. 4.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “A transcendência passa pela matéria”
8. 4.6 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “Estar consigo é o dois-em-um do pensar [...]. Quem atraca está consigo, não desolado, e continua no rio”
9. 4.7 · Tratado da Vigília, “Fundamentação”, sobre Boécio · “o Lumen Fluens honra o gesto e não adota a providência”
10. 4.7 · Catecismo, 14 · “Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz”
11. 4.8 · Tratado da Luz Interior, “O problema que responde” · “Esforça-se a partir da luz, não para merecê-la”
12. 4.2 · Decisão n.º 8 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · o princípio de Levinas sobre a dor do próximo
13. 4.2 · Decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · o sentido do sofrimento “não se ensina, só se acha”
14. 4.3 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “O sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz”
15. abertura · Decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “Sócrates entra na Ficha do Estudo II, como o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar”
16. 4.4 · Decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “aceita de Aristóteles o exercício e recusa a medida”; “gradua pessoas”
17. 4.4 · Decisão n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · hábitos “sem que o valor da pessoa dependa delas”
18. 4.4 · Decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “um hábito que revela a luz, e nenhum hábito a forma”
19. abertura · Decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · a Ficha “recebe a recusa agostiniana da *apatheia*”
20. 4.6 · Decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · o dois-em-um cabe na letra do Examinar “como leitura”
21. 4.6 · Decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · a margem é “estar consigo”
22. abertura · Decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “Catão e Epicteto entram na Ficha do Estudo II, ao lado de Sócrates”
23. 4.1 · Ficha do Estudo II · “cidadela interior, não” · [Ficha, não cânon]
24. 4.8 · Ficha do Estudo I · as três palavras da Ficha · [Ficha, não cânon]
25. 4.1 · Estudo VII, 4.2 · “conceito sem vida”; “o negativo se converte em afirmativo”; “a um rumo retórico e parenético” · [leitura do estudo]
26. 4.1 · Estudo VII, 3.4 e 2.2 · “a grandeza desse princípio”; “mesmo avô” · [leitura do estudo]

27. 4.3 · Estudo X, 4.1 · “não traz interlocutor, refutação nem Sócrates” · [leitura do estudo]

28. 4.4 · Estudo XI, 4.1 · “celebração” treze vezes · [leitura do estudo]

29. 4.7 · Estudo XI, 4.7 · o “animal social” de Sêneca e “a tradução-padrão”, segundo Arendt · [leitura do estudo]

30. 4.6 · Estudo XIII, 1.8 · “politicamente irrelevante” · [leitura do estudo]

Capítulo 5 — A Ficha e as prévias: o que a série já disse do estoicismo

As páginas de Dinucci e Julien são as da versão digital da *Prometeus* (EDUFS, 2012).

A STOA

1. 5.1 · Marco Aurélio, *Meditações*, IV, 43 · “rio dos acontecimentos… corrente violenta é o *aiōn*, a era, o tempo inteiro” · «Ποταμός τίς ἐστι τῶν γινομένων καὶ ῥεῦμα βίαιον ὁ αἰών» · [V-gr; tradução do estudo]
2. 5.1 · Marco Aurélio, *Meditações*, VI, 15 · “neste rio, que valor dar a algo que passa correndo?” · «ἐν δὴ τούτῳ τῷ ποταμῷ τί ἄν τις τῶν παραθεόντων ἐκτιμήσειεν» · [V-gr; tradução do estudo]
3. 5.1 · Epicteto, *Diatribes*, II, 8, 11 · “és um fragmento de deus” · «σὺ ἀπόσπασμα εἶ τοῦ θεοῦ» · [V-gr; tradução do estudo]
4. 5.1 · Sêneca, *Sobre a ira*, III, 36, 1 · “que mal teu curaste hoje?” · «quod hodie malum tuum sanasti?» · [V-la; tradução do estudo]
5. 5.1 · Sêneca, *Sobre a ira*, III, 36, 3–4 · “por agora te perdoo” · «nunc tibi ignosco» · [V-la; tradução do estudo]; Lohner, via Franco 2022, grafia a conferir
6. 5.1, 5.4 · Epicteto, *Diatribes*, III, 10, 2–3 · “das boas, alegra-te” · «χρηστὰ δὲ τέρπου» · [V-gr; tradução do estudo]
7. 5.1, 5.4 · Epicteto, *Encheirídion*, 1, 1; Dinucci e Julien, p. 15 · “encargos nossos”; “o corpo, as posses, a reputação, os cargos públicos” · «ἐφ’ ἡμῖν… τὸ σῶμα, ἡ κτῆσις, δόξαι, ἀρχαί» · [V-gr; V-pt: Dinucci e Julien]
8. 5.1, 5.4 · Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 116 · alegria, cautela, vontade (as três *eupatheiai*) · «χαράν, εὐλάβειαν, βούλησιν» · [V-gr]
9. 5.1, 5.4 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 23, 3–4 · “a verdadeira alegria é coisa séria” · «verum gaudium res severa est» · [V-la; V-en: Gummere; tradução do estudo]
10. 5.1 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 9, 3; Dinucci, *Prometeus* 4 (8), 2011, p. 117 · “mas as sente” · «sed sentit» · [V-la; V-pt: Dinucci]
11. 5.1, 5.4 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 9, 3; Dinucci, p. 118 · “ainda que baste a si mesmo… deseja ter amigo” · «quamvis sibi ipse sufficiat… amicum habere vult» · [V-la; V-pt: Dinucci]
12. 5.1, 5.4 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 107, 11 · “o destino conduz quem quer, arrasta quem não quer” · «ducunt volentem fata, nolentem trahunt» · [V-la; tradução do estudo]
13. 5.1, 5.4 · Epicteto, *Encheirídion*, 53, 1; Dinucci e Julien, p. 37 · “e se, mau me tornando, não o quiser, ainda assim vos seguirei” · «ἢν δέ γε μὴ θέλω, κακὸς γενόμενος, οὐδὲν ἧττον ἕψομαι» · [V-gr; V-pt: Dinucci e Julien]; versos de Cleantes (Dinucci, n. 70)
14. 5.1 · Marco Aurélio, *Meditações*, VIII, 48 · “uma acrópole é a mente livre de paixões” · «ἀκρόπολίς ἐστιν ἡ ἐλευθέρα παθῶν διάνοια» · [V-gr; tradução do estudo]

15. 5.1, 5.4 · Marco Aurélio, *Meditações*, IV, 3 · "renova-te… àquilo a que voltas" · «ἀνανέου σεαυτόν… ἐφ' ἃ ἐπανέρχῃ» · [V-gr; tradução do estudo]

16. 5.2, 5.4 · Epicteto, *Diatribes*, II, 1, 32 · "refutava a si mesmo e se examinava" · «αὐτὸς ἑαυτὸν ἤλεγχεν καὶ ἐξήταζεν» · [V-gr; tradução do estudo]

17. 5.2, 5.4 · Epicteto, *Encheirídion*, 51, 3; Dinucci e Julien, p. 36 · "deves viver desejando ser como Sócrates" · «ὡς Σωκράτης γε εἶναι βουλόμενος ὀφείλεις βιοῦν» · [V-gr; V-pt: Dinucci e Julien]

18. 5.2, 5.4 · Epicteto, *Diatribes*, III, 13, como Arendt o usa · desolação (*eremos*) e estar só (*monos*) · [paráfrase; V-en via secundária: Estudo XIII, 4.3; original não aberto]

19. 5.3 · Epicteto, *Diatribes*, I, 6, 32–36 · "úteis para mostrar e exercitar" · «εὔχρηστα ἦν πρὸς τὸ δεῖξαι καὶ γυμνάσαι» · [V-gr; tradução do estudo]

20. 5.3 · Marco Aurélio, *Meditações*, XII, 24 · "acaso ou providência" · «ἤτοι κατ' ἐπιτυχίαν ἢ κατὰ πρόνοιαν» · [V-gr; tradução do estudo]

21. 5.3 · Epicteto, *Diatribes*, I, 9, 1 · "do mundo" · «κόσμιος» · [V-gr; tradução do estudo]

22. 5.3 · Epicteto, *Diatribes*, II, 10, 3 · "cidadão do mundo" · «πολίτης εἶ τοῦ κόσμου» · [V-gr; tradução do estudo]

23. 5.3 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 116, 1 · "os nossos as expulsam, os peripatéticos as moderam" · «Nostri illos expellunt, Peripatetici temperant» · [V-la; tradução do estudo]

24. 5.4 · Epicteto, *Diatribes*, I, 14, 12–14 · "deus está dentro e o vosso *daimon*" · «ὁ θεὸς ἔνδον ἐστὶ καὶ ὁ ὑμέτερος δαίμων ἐστίν» · [V-gr; tradução do estudo]

A TRADIÇÃO

1. 5.1 · Agostinho, *A cidade de Deus*, XIV, 9 · "quem não julgaria este torpor pior que todos os vícios?" · «quis hunc stuporem non omnibus uitiis iudicet esse peiorem?» · [V-la; tradução do estudo]

2. 5.2 · Agostinho, *A cidade de Deus*, IX, 4, 3 · "disputa de palavras, não exame de coisas" · «uerborum certamini, non rerum examini deputandum est» · [V-la via secundária: Estudo XII; localização a confirmar]

3. 5.2 · Agostinho, *A cidade de Deus*, XIV, 9 · "viveríamos antes não retamente" · «tunc potius non recte uiuimus» · [V-la via secundária: Estudo XII; localização a confirmar]

4. 5.2 · Agostinho, *A cidade de Deus*, XIV, 9 · "desta vida, e não daquela" · «sed nec ipsa huius est uitae» · [V-la via secundária: Estudo XII; localização a confirmar]

5. 5.1, 5.3 · Hegel, *Fenomenologia do Espírito*, "Stoicism"; Baillie · "no trono e nas cadeias"; pensamento "sem conteúdo" · «on the throne as well as in fetters»; «contentless thought» · [V-en: Baillie; tradução do estudo]

6. 5.1 · Nietzsche, *A gaia ciência*, IV, §276 · *amor fati* · «*Amor fati*: let that henceforth be my love!» · [V-en: Common]

7. 5.1 · Foucault, o exame de *Sobre a ira*, III, 36, como balanço de administrador, e não julgamento (texto de 1980) · [paráfrase; V-en via secundária: texto de 1980]; a aula de 24/03/1982 é tese a confirmar

8. 5.3 · Ricoeur, *O si-mesmo como um outro*, ed. esp., p. 171 · "orgulho estoico da inflexível constância a si" · [V-es via secundária: Estudo IX, 4.4]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 5.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “Ninguém começa do zero. Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá.”
2. 5.1, 5.4 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “O rio não pune a folha que parou numa margem; ele a retoma”
3. 5.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “A luz interior do Pilar I é participação nesse princípio comum”; “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto”
4. 5.1 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém”
5. 5.1 · Catecismo, 17 · “A transcendência — o que vai além de nós — passa pela matéria.”
6. 5.1, 5.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “A luz não se acende — ela se revela.”; Prática: “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?”
7. 5.1 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo diário” · “com gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível”
8. 5.1 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “Não é o exame de um juiz severo, contando pontos negativos”
9. 5.1 · Catecismo, 47 · “Falhar na regra não apaga a luz. Recomeça-se no dia seguinte, sem drama”
10. 5.1 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “O exame diário não acende a luz nem a produz: revela onde ela ficou coberta”
11. 5.1, 5.4 · Meditações Práticas, “O Portar do dia” · “uma mudança que você não pediu”; “que mensagem carrego através disto?”
12. 5.1, 5.4 · Catecismo, 14 · “Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz.”
13. 5.1, 5.4 · Meditações Práticas, “A celebração maior” · “O templo também dança.”
14. 5.1 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo semanal” · “Idealmente com outros”
15. 5.1 · Cânon v1.2, “Origem” · “portá-la como mensagem”
16. 5.1 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “quem se recusa a apagar não consentiu em nada”
17. 5.1 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “Sê casa para o outro”; “lamparina de museu”
18. 5.1, 5.4 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “o retiro é discreto, e guarda a luz para devolvê-la ao fluxo”
19. 5.1, 5.4 · Catecismo, 36 · “há uma luz devida ao outro”
20. 5.1 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “‘Individual’ nomeia aqui o fechamento”
21. 5.1 · Decisão n.º 4 de 17/10/2026, sobre o Estudo VII · “A mão que retoma, na Regra da Misericórdia, é o rio — o Flumen —, não o Abrigo.”
22. 5.1 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026, sobre o Estudo X · “O sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz”
23. 5.1 · Decisão n.º 9 de 31/10/2026, sobre o Estudo XI · “O intelecto agente ‘como a luz’ é estrutura, nunca nome da Luz”

24. 5.1 · Decisão n.º 2 de 31/10/2026, sobre o Estudo XII · “a luz imutável que ele viu ao entrar em si é estrutura, e nunca nome da Luz”
25. 5.1 · Decisão n.º 1 de 31/10/2026, sobre o Estudo XIII · “A pluralidade entra como estrutura, não como palavra da letra”
26. 5.2 · Decisão n.º 8 de 23/10/2026, sobre o Estudo X · “Sócrates entra na Ficha do Estudo II, como o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar.”
27. 5.2 · Decisão n.º 10 de 31/10/2026, sobre o Estudo XII · “a Ficha do Estudo II recebe a recusa agostiniana da *apatheia*, como recebeu Sócrates.”
28. 5.2 · Decisão n.º 11 de 31/10/2026, sobre o Estudo XIII · “Catão e Epicteto entram na Ficha do Estudo II, ao lado de Sócrates.”
29. 5.2 · Decisão n.º 3 de 31/10/2026, sobre o Estudo XIII · “O dois-em-um cabe na letra do Examinar: como leitura, sem receber o nome de pensar nem de vida examinada”
30. 5.2, 5.4 · Decisão n.º 4 de 31/10/2026, sobre o Estudo XIII · “A margem é ‘estar consigo’”
31. 5.1, 5.3 · Ficha, Estudo II, toque 1 · “O rio é herança comum…” · [Ficha, não cânon]
32. 5.1 · Ficha, Estudo II, toque 2 · “O logos: a luz como participação num princípio que nos excede.” · [Ficha, não cânon]
33. 5.1 · Ficha, Estudo II, toque 3 · “O exame noturno… tribunal lá, misericórdia aqui.” · [Ficha, não cânon]
34. 5.1 · Ficha, Estudo II, toque 4 · “Portar o involuntário…” · [Ficha, não cânon]
35. 5.1 · Ficha, Estudo II, fronteira 1 · “desconfiamos de uma sabedoria que não dança.” · [Ficha, não cânon]
36. 5.1 · Ficha, Estudo II, fronteira 2 · “aceitar é o começo do gesto, não o fim.” · [Ficha, não cânon]
37. 5.1, 5.3 · Ficha, Estudo II, fronteira 3 · “cidadela interior, não; casa de portas abertas.” · [Ficha, não cânon]
38. 5.2 · Estudo X (Platão), 4.1 · “não traz interlocutor, refutação nem Sócrates” · [leitura do estudo]
39. 5.2 · Estudo XIII (Arendt), 4.3 · dirigir a Epicteto a recusa de estrutura da cidadela é inferência do estudo · [leitura do estudo]
40. 5.3 · Estudo VII (Hegel), 4.2 e 2.2 · “apenas a abstrata”; “o negativo se converte em afirmativo”; “o mesmo avô” · [leitura do estudo]
41. 5.3 · Estudo VIII (Levinas), 4.5 · “nenhum rosto pode ser abordado de mãos vazias e com a casa fechada” · [leitura do estudo]
42. 5.3 · Estudo XI (Aristóteles), 4.1 · *Sobre a ira*, I, 9, em tradução inglesa · [V-en via secundária: Estudo XI; localização a confirmar]

Capítulo 6 — Síntese, fórmula e questões abertas

A STOA

1. 6.2 · Sêneca, *Sobre a ira*, III, 36, 1 (Latin Library) · “Que mal teu curaste hoje? A que vício resististe? Em que parte és melhor?” · «quod hodie malum tuum sanasti? cui uitio obstitisti? qua parte melior es?» · [V-la; tradução do estudo]

2. 6.2 · Epicteto, *Diatribes*, III, 10, 2–3 (Perseus) · os versos pitagóricos · «μηδ' ὕπνον μαλακοῖσιν ἐπ' ὄμμασι» · [V-gr; paráfrase]

3. 6.2, 6.3 · Epicteto, *Encheirídion*, 53 (Dinucci–Julien) · os versos que Dinucci e Sêneca dão a Cleantes · «ἄγου δέ μ', ὦ Ζεῦ» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]

4. 6.2, 6.3 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 107, 11 (Dinucci, *Prometeus* 1 (1), 2008, pp. 26–27) · "o destino conduz quem lhe obedece e arrasta a quem lhe opõe resistência" · «ducunt volentem fata, nolentem trahunt» · [V-la; V-pt: Dinucci]

5. 6.2 · Sêneca, *Sobre a providência*, 5, 6 (Latin Library) · "não sirvo a deus, assinto" · «nec seruio deo sed assentior» · [V-la; tradução do estudo]

6. 6.1, 6.3, 6.5 · Sêneca, *Sobre a ira*, III, 36, 3–4 (Lohner, 2014, p. 183, por Franco 2022) · "por agora te perdoo" · «nunc tibi ignosco» · [V-la; V-pt via secundária: Lohner, por Franco 2022; grafia a conferir]

7. 6.3, 6.5 · Marco Aurélio, *Meditações*, IV, 3 (Perseus) · o retiro em si · «ἐφ' ἃ ἐπανέρχῃ» · [V-gr; paráfrase]

8. 6.3, 6.4 · Marco Aurélio, *Meditações*, II, 1 (Perseus) · "por ignorância dos bens e males" · [V-gr; tradução do estudo]

9. 6.3, 6.4 · Epicteto, *Encheirídion*, 42 (Dinucci–Julien) · "assim lhe parece" · «ἔδοξεν αὐτῷ» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]

10. 6.3, 6.4 · Sêneca, *Da clemência*, II, 3, 1 (Latin Library) · "moderação do ânimo no poder de vingar-se" · «temperantia animi in potestate ulciscendi» · [V-la; tradução do estudo]

11. 6.3, 6.4 · Marco Aurélio, *Meditações*, VII, 22 (Perseus) · "amar também os que tropeçam" · «φιλεῖν καὶ τοὺς πταίοντας» · [V-gr; tradução do estudo]

12. 6.3 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 47, 1 (Murachco, *Em curso* 8, 2021, pp. 1 e 3) · "'São escravos.' Antes, homens" · «Servi sunt. Immo homines» · [V-la; V-pt via secundária: Murachco]

13. 6.3 · Epicteto, *Diatribes*, II, 10, 3; I, 9, 1 (Perseus) · "cidadão do mundo"; *kosmios* · «πολίτης εἶ τοῦ κόσμου» · [V-gr; tradução do estudo]

14. 6.4 · Marco Aurélio, *Meditações*, V, 1 (Perseus) · a manhã · «ἐπὶ ἀνθρώπου ἔργον ἐγείρομαι» · [V-gr; paráfrase]

15. 6.4 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 101, 10 (Latin Library) · "cada dia como uma vida" · «singulos dies singulas vitas puta» · [V-la; tradução do estudo]

16. 6.4 · Epicteto, *Encheirídion*, 17 (Dinucci–Julien) · o ator · «ὑποκρίνασθαι πρόσωπον καλῶς» · [V-gr; paráfrase]

17. 6.4 · Epicteto, *Diatribes*, IV, 1, 1 (Perseus) · a liberdade · «ἐλεύθερός ἐστιν ὁ ζῶν ὡς βούλεται» · [V-gr; paráfrase]

18. 6.5 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 94, 29 (Latin Library) · a centelha que "um sopro leve" desdobra em fogo · «scintilla flatu levi adiuta ignem suum explicat» · [V-la; tradução do estudo]

19. 6.1, 6.5 · Marco Aurélio, *Meditações*, IV, 43 (Perseus) · "uma corrente violenta" · «ῥεῦμα βίαιον» · [V-gr; tradução do estudo]

20. 6.5 · Marco Aurélio, *Meditações*, XI, 8 (Perseus) · o ramo que pode "reunir-se de novo ao vizinho" · «πάλιν συμφῦναι τῷ προσεχεῖ» · [V-gr; tradução do estudo]

A TRADIÇÃO

1. 6.4 · Pierre Hadot, *Exercícios espirituais e filosofia antiga*; Michel Foucault, *A hermenêutica do sujeito* · exercícios espirituais; cuidado de si · [V via secundária]
2. 6.4 · Agostinho, *A cidade de Deus*, IX, 5; XIV, 9 · a *misericordia* defendida; a *apatheia* recusada · [V-la; paráfrase]
3. 6.4 · Agostinho, *A cidade de Deus*, V, 8–9 · o destino e a providência estoicos, apontados e não citados · [localização a confirmar]
4. 6.3 · Aldo Dinucci, *Encheirídion de Epicteto* (EDUFS, 2012) · "encargos nossos" por *ta eph' hēmin* · [V-pt: Dinucci–Julien]
5. 6.1 · John Sellars, a crítica ao estoicismo de hoje como técnica · [tese a confirmar]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 6.1, 6.2, 6.4, 6.5 · Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I · "onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?"; "A luz não se acende — ela se revela"
2. 6.1, 6.2, 6.5 · Cânon v1.2, "As Águas Comuns" · o retiro "guarda a luz para devolvê-la ao fluxo"
3. 6.1, 6.2 · Cânon v1.2, "A Vigília" · "promete presença, não vitória: ninguém ficará sem luz dentro da noite"
4. 6.5 · Cânon v1.2, "A Regra da Misericórdia" · "O rio não pune a folha que parou numa margem: ele a retoma"
5. 6.5 · Cânon v1.2, "O Abrigo" · a lamparina de museu
6. 6.2 · Tratado da Vigília, "Fundamentação" · "honra o gesto e não adota a providência, porque a Vigília não lê a noite de cima nem do fim"
7. 6.2 · Tratado da Vigília, "Objeção provável e resposta breve" · "quem se recusa a apagar não consentiu em nada"
8. 6.2, 6.3 · Meditações Práticas, "O Examinar da noite" · "não é o exame de um juiz severo"; "em voz baixa ou numa frase escrita"
9. 6.2, 6.3 · Catecismo, 14 · "Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz"
10. 6.1, 6.3, 6.4, 6.5 · Catecismo, 36 · "há uma luz devida ao outro"; "resiste-se"
11. 6.5 · Catecismo, 31 · o Abrigo "pode revelar uma luz que estava escondida"
12. 6.2, 6.3 · decisão n.º 1 de 17/10/2026 · "aceita a dialética como método de crescimento doutrinal e a recusa como teodiceia"
13. 6.3, 6.5 · decisão n.º 4 de 17/10/2026 · "a mão que retoma é o rio"; a retomada é pertencimento
14. 6.3 · decisão n.º 5 de 17/10/2026 · o lobo "com ou sem intenção"
15. 6.3 · decisão n.º 9 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · a justiça devida ao lobo continua aberta até o tratado
16. 6.2, 6.3 · decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII; n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · estrutura, nunca nome da Luz
17. 6.2, 6.4 · decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · Sócrates como modelo
18. 6.3 · decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · as fronteiras fixadas para os clássicos

19. 6.2, 6.3 · decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · "o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua"; a fórmula de 17 de outubro não se estende a Agostinho

20. 6.3, 6.4 · decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · a mão que retoma e a graça; a recusa agostiniana da *apatheia* na Ficha II

21. 6.1, 6.4 · decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · Catão e Epicteto na Ficha II

22. 6.1, 6.3 · Ficha do Estudo II (outubro de 2026) · as sete frases · [Ficha, não cânon]

23. 6.4 · Ficha do Estudo III (outubro de 2026) · "Misericórdia e graça: falhar não apaga a luz" · [Ficha, não cânon]

24. 6.4 · Ficha do Estudo V (outubro de 2026) · "Contra a vida por papéis" · [Ficha, não cânon]

25. 6.3 · Estudo X, 4.1 · "cidadão do mundo" em *Diatribes*, I, 9 · [leitura do estudo]

Bibliografia

Bibliografia

Referências em ABNT simplificada: SOBRENOME, Nome. *Título*. Tradução. Cidade: Editora, ano. A numeração é contínua e corresponde aos blocos abaixo; as notas entre colchetes dizem como cada obra chegou ao estudo. Três estados são distinguidos: **edição de consulta** (a edição que a pesquisa de fontes do estudo abriu), **intermediário** (o leitor por cujo texto a passagem chegou) e **nomeada, não aberta** (a obra aparece no estudo, mas nenhuma edição foi aberta). Onde falta um dado, está escrito [dados a completar]; a cidade só aparece quando uma fonte a dá. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

A STOA: ORIGINAIS EM LATIM E GREGO

1. SÊNECA. *Epistulae morales ad Lucilium* (*Cartas a Lucílio*). Latim, em The Latin Library, edição-base não declarada (o texto lido é o do la.wikisource, que reproduz o da Latin Library; não é o OCT de Reynolds, que não foi aberto). [Edição de consulta, com os marcadores [V-la]: Cartas 1, 7, 9, 12, 13, 23, 41, 47, 52, 58, 59, 70, 83, 92, 94, 95, 96, 101, 107 e 116. A *Carta* 104, 27–28 (Sócrates) e a *Carta* 6, 6 chegam só em inglês, por intermediário: Estudo X, 4.1. A *Carta* 94, 1–2 (Aríston): só o começo foi conferido.]

1. SÊNECA. *De ira* (*Sobre a ira*). Latim, em The Latin Library, que grafa *u* por *v* (*uide*, *seruio*); edição-base não declarada. [Edição de consulta: I, 1, 2; II, 2, 2; II, 28, 1; III, 26, 4; III, 36, 1–4. A fórmula "nunc tibi ignosco" é a de III, 36, 3–4.]

1. SÊNECA. *De clementia* (*Da clemência*). Latim, em The Latin Library; edição-base não declarada. [Edição de consulta: I, 1, 1 e 4; I, 6, 3; II, 3, 1; II, 4, 4; II, 5, 1 e 4; II, 6, 2–3; II, 7, 1–2.]

1. SÊNECA. *De providentia* (*Sobre a providência*). Latim, em The Latin Library; edição-base não declarada. [Edição de consulta: 2, 1; 3, 1; 4, 1; 5, 6–8. A fórmula "não é um mal o que acontece, mas..." não está neste tratado.]

1. SÊNECA. *De otio* (*Sobre o ócio*) e *De vita beata* (*Da vida feliz*). Latim, em The Latin Library; edição-base não declarada. [Edição de consulta, com lacunas: *Sobre o ócio*, 4, 1 ("duas repúblicas"), cuja frase completa e localização ficam [a confirmar]; *Da vida feliz*, 3–4, um só trecho conferido.]

1. CÍCERO. *De finibus bonorum et malorum* (*Dos fins*), III. Latim, no Perseus (phi0474.phi048), com aparato misturado ao texto; citado só nas palavras limpas. [Edição de consulta: III, 63–64. A Latin Library, que o Prólogo dá como fonte do latim de Cícero, não é a que a pesquisa de fontes usou para este tratado [localização a confirmar]. A tradução de III, 66–68 não foi aberta.]

1. CÍCERO. *De fato* (*Sobre o destino*). Latim, no Perseus (phi0474.phi054). [Edição de consulta: 43 ("adsensio nostra erit in potestate"); o "cilindro", 42–43, só como localização [paráfrase].]

1. CÍCERO. *De officiis* (*Dos deveres*), I. Latim, no Perseus (phi0474.phi055); inglês de Walter Miller (n.º 56). [Edição de consulta: I, 51, com os versos de Ênio ("acende uma luz a partir da própria luz").]

1. CÍCERO. *Pro Ligario*. Latim, em The Latin Library. [Edição de consulta: 37. Divergência de citação: Cícero traz *plurimis*; Agostinho, *A cidade de Deus*, IX, 5, não.]

1. TÁCITO. *Annales* (*Anais*). Latim, em The Latin Library. [Edição de consulta: XIII, 42; XIV, 53–56; XV, 60–64; a cena de Musônio, XV, 71, só como localização.]

1. EPICTETO. *Dissertationes ab Arriano digestae* (*Diatribes*). Ed. H. Schenkl (Leipzig: Teubner, 1916), grego lido na transcrição do Perseus (urn:cts:greekLit:tlg0557.tlg001.perseus-grc2); a edição-base das *Diatribes* nesse catálogo ficou [a confirmar]. [Edição de consulta, com os marcadores [V-gr]: I, 1; I, 4; I, 6; I, 9; I, 12; I, 14; I, 16; I, 24; I, 29; II, 1; II, 8; II, 10; III, 10; III, 12; III, 24; IV, 1. A *Diatribe* III, 13 chega só por Arendt (n.º 132 e 133); o quinto livro, de que Gélio fala, está perdido.]

1. EPICTETO. *Encheiridion* (*Encheirídion*, o *Manual*). Ed. H. Schenkl (Leipzig: Teubner, 1916), grego do Perseus (urn:cts:greekLit:tlg0557.tlg002.perseus-grc2), edição-base conferida no cabeçalho do arquivo. [Edição de consulta. A numeração de Dinucci divide alguns capítulos em *a* e *b* (5, 14, 19, 48); o estudo usa a de Schenkl.]

1. MARCO AURÉLIO. *Ta eis heauton* (*Meditações*). Grego do Perseus (urn:cts:greekLit:tlg0562.tlg001.perseus-grc2); edição-base não conferida (nem Dalfen nem Farquharson foram abertos). [Edição de consulta, por seção: II, 1; II, 17; III, 2; III, 10; IV, 3–4; IV, 43; IV, 46; V, 1; V, 20; V, 27; VI, 15; VI, 42; VI, 44; VII, 19; VII, 22; VIII, 48; VIII, 55; VIII, 59; IX, 30; X, 37; XI, 8; XII, 24; XII, 26. Todo o português de Marco Aurélio é tradução do estudo.]

1. DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, livro VII (Zenão e os estoicos). Grego do Perseus (urn:cts:greekLit:tlg0004.tlg001.perseus-grc2); edição-base não conferida. [Edição de consulta: VII, 23; 85; 87–88; 110–111; 116; 134–135; 137; 139. Inglês de Hicks (n.º 55).]

1. CLEANTES. *Hino a Zeus*, vv. 18–21. Em Estobeu, *Ecl.* I, 1, 12 [localização a confirmar]. [Intermediário: o grego de J. C. Thom, citado por Watanabe (n.º 74); só os vv. 18–21 foram conferidos, e a letra completa não foi aberta. Os versos de *Encheirídion*, 53, não são atribuídos por Epicteto; a atribuição vem de Sêneca, *Carta* 107, 11, e da nota de Dinucci.]

1. HIÉROCLES. *Elementos de ética* (os círculos concêntricos da *oikeiōsis*). Em Estobeu, *Anth.* IV, 84.23, pp. 671.3–673 Hense, e III, 39.34–36 e IV, 25.53, pp. 640.4–644.15 Wachsmuth–Hense; os círculos são LS 57G [localizações prováveis, não conferidas]. [Nomeada, não aberta: a letra grega não foi conferida; a paráfrase chega por intermediário (resenha de Pinto de Brito, n.º 75, e a coletânea de Gourinat, n.º 99).]

1. ESTOBEU. *Anthologium*. Ed. Wachsmuth–Hense [cidade, editora e ano: dados a completar]. [Nomeada, não aberta: é onde estão Cleantes e Hiérocles (n.º 15 e 16).]

1. MUSÔNIO RUFO. *Reliquiae*. Ed. O. Hense [cidade, editora e ano: dados a completar]. [Nomeada, não aberta: fr. III e fr. 38 em grego não conferidos. O fr. III chega em português por Dinucci (n.º 49); em inglês, por Lutz (n.º 59).]

1. ARNIM, Hans von (org.). *Stoicorum Veterum Fragmenta* (SVF) [dados a completar]. [Nomeada, não aberta.]

A STOA: TRADUÇÕES EM PORTUGUÊS

1. SÊNECA. *Cartas a Lucílio*. Tradução de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991 e reed. [ano, número de volumes e introdução a confirmar; as edições variam entre 1991, 2004 e 2009]. [Nomeada, não aberta. As páginas da introdução (pp. V–LIV; p. XVII) chegam por intermediário: Medino da Rocha (n.º 65); Moura (n.º 69) usa esta tradução para a *Carta* 41.]

1. SÊNECA. *Sobre a ira / Sobre a tranquilidade da alma*. Tradução de José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin-Companhia, 2014, 304 p. [Nomeada, não aberta. Intermediário: Franco (n.º 66), que dá o português de III, 36, 3–4 ("Trata de não fazer mais isso; por agora te perdoo", p. 183) e de III, 26, 4 (p. 175); a introdução, pp. 15–16, situa Sêneca entre os *proficientes*.]

1. SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida / Sobre a firmeza do sábio*. Tradução de José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin-Companhia, 2017, 80 p. [Nomeada, não aberta; ficha da editora conferida.]

1. SÊNECA. *Sobre a vida feliz / Sobre a providência / Sobre o ócio*. Tradução e notas de José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin-Companhia, 2021, 104 p. [Nomeada, não aberta; ficha da editora conferida.]

1. SÊNECA. *Consolações* (*Ad Marciam*, *Ad Polybium*, *Ad Helviam* e três *Epistulae*). Tradução de José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin-Companhia, 2026, 176 p. [Nomeada, não aberta; ficha da editora conferida. É o quarto volume de Lohner, depois dos três anteriores.]

1. SÊNECA. *Tratado sobre a clemência* (*De clementia*). Tradução de Ingeborg Braren. Petrópolis: Vozes de Bolso, 2013, 96 p. [Nomeada, não aberta; ficha de livraria conferida. A edição original da Vozes, que a pesquisa supôs de 1990 e que Bueno (n.º 70) lista, não foi conferida. O português de II, 4, 4 e II, 7, 1–2 chega por Bueno.]

1. SÊNECA. *Carta* 9. Tradução de Aldo Dinucci. *Prometeus*, v. 4, n. 8, 2011, pp. 117–120 [título do artigo a completar]. [Edição de consulta: o artigo aberto traz "mas as sente" (p. 117) e "deseja ter amigo e vizinho e companheiro" (p. 118).]

1. SÊNECA. *Carta* 107, 11. Tradução de Aldo Dinucci. *Prometeus*, v. 1, n. 1, 2008, pp. 26–27 [título do artigo a completar]. [Edição de consulta: "o destino conduz quem lhe obedece".]

1. SÊNECA. *Carta* 41. Tradução de MIOTTI [prenome a completar]. *Prometeus*, v. 7, n. 15, 2014 [título a completar]. [Edição de consulta, no artigo aberto: 41, 1 e 41, 6.]

1. SÊNECA. *Carta* 47. Tradução de MURACHCO [prenome a completar]. *Em curso*, v. 8, 2021, pp. 1 e 3 [título a completar]. [Intermediário: a tradução de 47, 1 ("São escravos. Antes, homens") vem pelo artigo, que o estudo abriu.]

1. SÊNECA. *Carta* 58, 23. Tradução de FURLAN [prenome a completar]. *Scientia Traductionis*, n. 16, 2014, p. 15 [título a completar]. [Edição de consulta: "ao mesmo rio duas vezes descemos e não descemos".]

1. SÊNECA. *Carta* 1. Tradução de ALONSO [prenome a completar]. [Revista e ano a completar.] [Aberta pela pesquisa de fontes; o estudo não a cita.]

1. EPICTETO. *O Manual de Epicteto* (*Encheiridion*). Tradução do grego de Aldo Dinucci e Alfredo Julien, com introdução e notas de Dinucci. 3.ª ed. São Cristóvão: EdiUFS, 2012, 52 p. [Edição de consulta: a versão digital publicada na *Prometeus* (periodicos.ufs.br/prometeus/article/download/815/720/0), cujas páginas (15–37, a tradução; 38–46, as notas) são as que o estudo cita. A edição impressa não foi aberta.]

1. EPICTETO. *O Encheiridion de Epicteto*. Edição bilíngue, tradução de Aldo Dinucci e Alfredo Julien. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. [Nomeada, não aberta; consta da bibliografia de Dinucci (n.º 35).]

1. EPICTETO. *Epicteto: testemunhos e fragmentos*. Tradução de Aldo Dinucci e Alfredo Julien. São Cristóvão: EdiUFS, 2008 (ou 2009: a bibliografia de Dinucci traz as duas datas). [Nomeada, não aberta.]

1. EPICTETO. *As Diatribes de Epicteto, livro I*. Tradução do grego, introdução e comentário de Aldo Dinucci. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020. DOI 10.14195/978-989-26-1926-2. [Edição de consulta, livro aberto: nota 470 ("partes e fragmentos") e nota 471 (o universo como "um ser vivo que percebe o que ocorre"), p. 111. Dinucci traduz agora o livro II.]

1. EPICTETO. *Diatribes* I, 24–25. Tradução de Aldo Dinucci, em "Diatribes 1.24 e 1.25: enfrentando as dificuldades da vida". *Dialektiké*, v. 2, n. 2, out. 2015, pp. 131–142 (tradução nas pp. 134–139). [Edição de consulta: a "porta aberta", p. 137; "encargo nosso" contra "controle", pp. 133–134.]

1. EPICTETO. *Diatribe* I, 29. Tradução de Aldo Dinucci, em "Epicteto: Diatribes 1.29 e 1.30 — uma síntese da filosofia epictetiana das Diatribes". *Prometeus*, v. 9, n. 19, jan.–jun. 2016, pp. 229–236 (tradução nas pp. 231–236). [Edição de consulta: I, 29, 1 e 4, p. 231.]

1. EPICTETO. *Manual de Epicteto*. Tradução de Antônio da Silveira Mendonça [dados a completar]. [Nomeada pelo plano da pesquisa; não conferida.]

1. MARCO AURÉLIO. *Meditações: os escritos pessoais de Marco Aurélio Antonino, imperador filósofo* (*Ta eis heauton*). Tradução de Aldo Dinucci. São Paulo: Penguin-Companhia, 2024, 208 p. [Nomeada, não aberta: só a ficha da editora foi lida. É o texto brasileiro novo, traduzido do grego, a abrir para resolver *Meditações*, IV, 43, em português.]

1. MARCO AURÉLIO. *Pensamentos*. Tradução, prefácio e notas de João Maia, S.J. Lisboa: Verbo, 1971; Relógio d'Água, 1995, 2017 e 2023. [Nomeada, não aberta; registros da Biblioteca Nacional de Portugal conferidos.]

1. MARCO AURÉLIO. *Pensamentos para mim próprio*. Tradução de José Botelho. Lisboa: Estampa, 1970, 1978 e 2005. [Nomeada, não aberta; registros da Biblioteca Nacional de Portugal conferidos.]

1. MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Tradução e prefácio de Lúcia Miguel Pereira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. [Nomeada, não aberta; registro conferido.]

1. MARCO AURÉLIO. *Pensamentos: manual de iniciação na vida do espírito*. Seleção, tradução e prefácio de António Sérgio. Lisboa: Ática, 1947. [Nomeada, não aberta; registro conferido.]

1. MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Tradução de Liliana Sousa. Infinito Particular, 2022; Cultura, 2017 [cidade a completar]. [Nomeada, não aberta; registros conferidos.]

1. MARCO AURÉLIO. *As melhores meditações de Marco Aurélio*. Tradução de Rui Carlos Fonseca. Lisboa: Nascente, 2025. [Nomeada, não aberta; registro conferido.]

1. MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Tradução e introdução de William Li. Iluminuras, 1995 [cidade a completar]. [Nomeada, não aberta: identificada na bibliografia de Lima (n.º 68).]

1. MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Tradução de Edson Bini. Edipro [cidade e ano: dados a completar]. [Nomeada, não aberta; candidata a confirmar. Outras brasileiras (coleção Os Pensadores, Abril) também não foram conferidas.]

1. DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UnB, 1988 [ano e ISBN a confirmar]. [Nomeada, não aberta; ficha de acervo existente.]

1. MUSÔNIO RUFO. Fragmento III. Tradução de Aldo Dinucci, em AGGIO, Juliana. "O 'feminismo' de Musônio Rufo". *ethic@*, v. 17, n. 2, dez. 2018, pp. 189–190. [Edição de consulta, no artigo aberto (n.º 67): "a mesma razão que os homens".]

A STOA: TRADUÇÕES EM INGLÊS E FRANCÊS

1. SÊNECA. *Ad Lucilium Epistulae Morales*. Tradução de Richard M. Gummere. 3 vols. Loeb Classical Library, 1917–1925 [cidade e editora a completar]. [Edição de consulta, em domínio público, via en.wikisource. Dá *stern* para *severa* na *Carta* 23, 3–4 e "we suffer more often in imagination than in reality" na *Carta* 13, 4.]

1. SÊNECA. *Of Anger*, *Of Clemency*, *Of Providence*, *Of Leisure*. Tradução de STEWART [prenome a completar]. Bohn, 1900 [título da coletânea e cidade a completar]. [Edição de consulta. O *Da vida feliz* de Stewart não estava disponível; nele vale o latim.]

1. SÊNECA. *Moral Essays*. Tradução de John W. Basore. Loeb Classical Library [volumes, cidade e ano: dados a completar]. [Nomeada, não aberta; não consta dos capítulos.]

1. EPICTETO. *Discourses* e *Manual*. Tradução de W. A. Oldfather. Loeb Classical Library [título, volumes, cidade e ano: dados a completar]. [Nomeada, não aberta.]

1. MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Tradução de C. R. Haines. Loeb Classical Library [título, cidade e ano: dados a completar]. [Nomeada, não aberta.]

1. DIÓGENES LAÉRCIO. *Lives of Eminent Philosophers*. Tradução de R. D. Hicks. Loeb Classical Library, 1925 [cidade a completar]. [Edição de consulta, conferida no cabeçalho do Perseus, para VII, 110, 116 e 87; para VII, 111 ("por quem sofre indignamente") a conferência fica a fazer.]

1. CÍCERO. *De officiis*. Tradução de Walter Miller. Loeb Classical Library, 1913 [cidade a completar]. [Edição de consulta, para I, 51.]

1. HARD, Robin (trad.). Marco Aurélio, *Meditações* (Oxford, 2011); Epicteto (Oxford, 2014) [títulos e editora a completar]. [Nomeada. O Prólogo diz que as traduções inglesas da Loeb e de Hard foram vistas em trechos; a pesquisa de fontes registra Hard como não aberta. Dá "sob nosso controle" para *eph' hēmin*, que Dinucci verte por "encargos nossos".]

1. LONG, A. A.; SEDLEY, D. N. *The Hellenistic Philosophers*. 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. [Nomeada, não aberta; citada em Dinucci (n.º 35). A localização LS 57G (Hiérocles) é provável, não conferida.]

1. LUTZ, Cora E. *Musonius Rufus: The Lectures and Sayings*. Yale, 1947 [cidade a completar]. [Edição de consulta, lida em thestoiclife.org; paginação não conferida. O francês da Budé não foi usado.]

A TRADIÇÃO: BRASILEIROS E PORTUGUESES

1. DINUCCI, Aldo. "Introdução ao Manual de Epicteto". In: EPICTETO. *O Manual de Epicteto* (n.º 32), pp. 5–11. [Edição de consulta, na versão digital da *Prometeus*: o estoicismo "surge na confluência do pensamento de

Heráclito, de Sócrates e dos cínicos" (p. 5); "é-nos interior tudo o que está sob nosso controle e que depende de nossa escolha" (p. 11), uma interiorização que não é a cristã nem a privacidade moderna.]

1. DINUCCI, Aldo. "O conceito estoico de *phantasia*: de Zenão a Crisipo". *Archai*, n. 21, set.–dez. 2017, pp. 15–38. [Nomeada; conferida na bibliografia de Dinucci (n.º 35); não aberta.]

1. DINUCCI, Aldo. "Fragmentos menores de Caio Musônio Rufo". *Trans/Form/Ação*, v. 35, n. 3, 2012, pp. 1–18. [Nomeada; conferida na bibliografia de Dinucci (n.º 35); não aberta. Os trabalhos de Dinucci sobre Sêneca como tal não foram localizados com obra e página [a confirmar].]

1. LOHNER, José Eduardo S. Introdução. In: SÊNECA. *Sobre a ira / Sobre a tranquilidade da alma* (n.º 21), pp. 15–16. [Intermediário: Franco (n.º 66). Sêneca entre os *proficientes*, não entre os sábios. As introduções e notas dos quatro volumes de Lohner não foram abertas; a tese dele sobre a ira e a *clementia* é [tese a confirmar].]

1. SEGURADO E CAMPOS, J. A. Introdução. In: SÊNECA. *Cartas a Lucílio* (n.º 20), pp. V–LIV. [Intermediário: Medino da Rocha (n.º 65). A tese da introdução não foi lida [tese a confirmar; página a confirmar].]

1. MEDINO DA ROCHA [prenome a completar]. [Título a completar]. *Prometeus*, n. 19, 2016. [Intermediário das páginas da introdução de Segurado e Campos.]

1. FRANCO [prenome a completar]. [Título a completar]. Dissertação sobre o *De ira*. UEM, 2022 [grau, programa e cidade a completar]. [Intermediário, pp. ~105–106, de Lohner (n.º 21 e 63): o português de III, 36, 3–4 e de III, 26, 4, e a tese dos *proficientes*. O livro de Lohner não foi aberto.]

1. AGGIO, Juliana. "O 'feminismo' de Musônio Rufo". *ethic@*, v. 17, n. 2, dez. 2018, pp. 179–204. [Edição de consulta, artigo aberto: lê as diatribes III e IV como defesa da igualdade natural de capacidades com o "propósito" de reforçar a submissão da mulher; "dos antigos escritores, Musônio foi o que fez a melhor defesa da igualdade entre os gêneros" (p. 180). Cita Foucault 2007, p. 163.]

1. LIMA, Ana Carolina. "Os exercícios espirituais e o estoicismo: notas a partir de P. Hadot". *Prometeus*, n. 36, mai.–ago. 2021, pp. 15–31 (periodicos.ufs.br/prometeus/article/download/15332/12064/48130). [Edição de consulta. É o intermediário de todas as páginas de Hadot (n.º 80): pp. 9, 24–25, 37–38, 49, 51, 55, 56, 60, 275 e 326. A revista aparece como *Prometeus* e como *Prometheus* nas fontes.]

1. MOURA [prenome a completar]. "Diálogo interior nas *Cartas a Lucílio*". *Ágora*, v. 17, 2015, pp. 263–297. [Intermediário: índice e trechos lidos. A *Carta* 83, 2 como exame (p. 267), a 41 (p. 272), a 83, 1 (p. 273), a 9 (pp. 280–282).]

1. BUENO [prenome a completar]. [Título a completar]. *Prometeus*, v. 14, n. 40, 2022, p. 11 em diante. [Intermediário: *clementia* e *De ira*; traz o português de *Da clemência*, II, 4, 4 e II, 7, 1–2 (pp. 12–13) e cita Griffin (n.º 91), 1992, p. 156. Tradutor não declarado; a bibliografia lista Braren (n.º 25).]

1. JOLY [prenome a confirmar]. "Estoicismo e escravidão no pensamento de Sêneca". *Phoînix*, v. 13, 2007, pp. 98–114. [Intermediário: resumo do artigo; leitura integral a confirmar. O escravo como instrumento e parte do corpo do senhor, mesmo com a igualdade de natureza (*Carta* 47). Cita Griffin.]

1. PETERLINI [prenome a completar]. "Uma visão senequiana da amizade". *Letras Clássicas*, n. 3, 1999, pp. 95–108. [Intermediário: resumo do artigo; leitura integral a confirmar. A dificuldade de conciliar a autarquia do

sábio com a amizade (*Carta* 9).]

1. COSTA JR.; FRIGHETTO [prenomes a completar]. "A concepção de Deus no *De providentia*". *Hélade*, v. 2, n. 3, dez. 2016, p. 51 em diante. [Nomeada: só o título e a primeira página foram conferidos [tese a confirmar].]

1. WATANABE, A. [prenome e título a completar]. *Exemplaria Classica*, n. 10, 2006, pp. 345–346. [Intermediário de Thom (n.º 93): os vv. 18–21 do *Hino a Zeus* e a leitura heraclítica de Long (n.º 90). O estudo abrevia a revista como *ExClass* [nome a confirmar].]

1. PINTO DE BRITO, Rodrigo. Resenha de GOURINAT (org.), *L'éthique du stoïcien Hiéroclès* (n.º 99). *Bryn Mawr Classical Review* 2016.11.05. [Intermediário: os círculos concêntricos como "expansão da apropriação" (Veillard) e as localizações em Estobeu.]

1. GAZOLLA, Rachel. *O ofício do filósofo estóico: o duplo registro do discurso da Stoa*. São Paulo: Loyola [ano a confirmar]. Resenha de BARBALHO, Thiago de Oliveira, *Princípios* (UFRN), v. 11, n. 15–16, pp. 111–114 [ano a confirmar]. [Nomeada: só o título; nenhuma tese afirmada.]

1. ALMEIDA; PEREIRA [prenomes a completar]. [Título a completar]. *Perspectiva Filosófica*, v. 47, n. 1, 2020. [Intermediário de Inwood (n.º 86) e de Nussbaum (n.º 84) sobre Sêneca.]

1. HASEGAWA, Alexandre; FERNANDES, Marcos Sinésio Pereira; BUTTI DE LIMA, Paulo; ROCHA PEREIRA, Maria Helena da. [Obras, anos e editoras a completar]. [Nomeados pelo plano da pesquisa; obra e página não localizadas; nenhuma tese afirmada. De Rocha Pereira consta *Estudos de história da cultura clássica* (Gulbenkian) [ano a completar].]

A TRADIÇÃO: AUTORES ESTRANGEIROS

1. HADOT, Pierre. *La Citadelle intérieure: introduction aux Pensées de Marc Aurèle*. Paris: Fayard, 1992 (ed. de 1997 e de 2018 citadas por Lima, com o índice das citações de Marco Aurélio nas pp. 361–366 da de 2018). Versão inglesa: *The Inner Citadel*, trad. Michael Chase, Harvard University Press, 1998 [página a confirmar]. [Nomeada, não aberta. Sem edição portuguesa achada: *A cidadela interior* é versão do estudo. A tríade das disciplinas (desejo, impulso, assentimento) e o título, de *Meditações*, VIII, 48: [paráfrase; página a confirmar].]

1. HADOT, Pierre. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Tradução de Flavio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014. [Nomeada, não aberta; todas as páginas chegam por intermediário: Lima (n.º 68). Inclui "Um diálogo interrompido com Michel Foucault" (p. 275).]

1. HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 1999; 5.ª ed., 2011. [Nomeada, não aberta; ficha de livraria conferida; tese e páginas a confirmar.]

1. FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 3.ª ed. [ano a confirmar; outra fonte dá 2004/2006]. [Nomeada, não aberta. A aula de 24/03/1982 (o exame de Sêneca como balanço, não como tribunal) é [tese a confirmar; página a confirmar]; "tribunal" e "contabilidade" não foram conferidas e ficam sem aspas. O p. 163 de 2007 chega por Aggio (n.º 67).]

1. FOUCAULT, Michel. "About the Beginning of the Hermeneutics of the Self". Dartmouth, 1980; Chicago, 2015, tradução de Burchell. [Intermediário: o exame do *De ira* como "administrativo" e não judicial, Sêneca

como *speculator sui*; a fonte secundária que o trouxe não ficou nomeada [a confirmar]. A aula de 1982 não foi aberta.]

1. NUSSBAUM, Martha C. *The Therapy of Desire: Theory and Practice in Hellenistic Ethics*. Princeton: Princeton University Press, 1994. [Nomeada, não aberta. Caps. 9–12; as pp. 374–377, 407 e 421–422, sobre Sêneca e as paixões, por Almeida e Pereira (n.º 77); teses a confirmar.]

1. GRAVER, Margaret. *Stoicism and Emotion*. Chicago: University of Chicago Press, 2007. [Nomeada, não aberta. Títulos de capítulo conferidos (2, "The pathetic syllogism"; 4, "Feelings without assent"; 8, "City of friends and lovers"; 9, "The tears of Alcibiades"); páginas desconhecidas; teses a confirmar.]

1. INWOOD, Brad. *Reading Seneca*. Oxford, 2005; reed. 2008 [editora a completar]. [Intermediário: pp. 43, 47 e a crítica à "descoberta do eu" (cap. 12), por Almeida e Pereira (n.º 77) e pela *Stanford Encyclopedia of Philosophy*.]

1. INWOOD, Brad (ed.). *The Cambridge Companion to the Stoics*. Cambridge, 2003 [editora a completar]. [Nomeada, não aberta; nenhum capítulo aberto.]

1. INWOOD, Brad. *Ethics and Human Action in Early Stoicism*. Oxford, 1985 [editora a completar]. [Nomeada, não aberta.]

1. LONG, A. A. *Epictetus: A Stoic and Socratic Guide to Life*. Oxford: Clarendon, 2002, xiv + 310 p. [Intermediário: resenha de William Stephens, *Bryn Mawr Classical Review* 2002.11.03 (liberdade, juízo, volição e integridade; liberdade "inteiramente psicológica e atitudinal"); páginas de Long a confirmar.]

1. LONG, A. A. *Stoic Studies*. Cambridge, 1996 [editora a completar], com "Heraclitus and Stoicism", *Philosophia* 5/6, 1975–76, pp. 133–156 (= pp. 35–57 do livro). [Intermediário: Watanabe (n.º 74). O cap. 11, sobre Hiérocles, é só localização.]

1. GRIFFIN, Miriam. *Seneca: A Philosopher in Politics*. Oxford, 1976; reed. 1992 [editora a completar]. [Nomeada, não aberta. A biografia política padrão, por intermediário: *Stanford Encyclopedia of Philosophy* e *Internet Encyclopedia of Philosophy*; p. 156 (a *misericordia* como paixão) por Bueno (n.º 70).]

1. VEYNE, Paul. *Seneca: The Life of a Stoic*. Tradução de David Sullivan. Routledge, 2003 [cidade a completar], pp. ix–x. [Intermediário: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. «a philosophy of the active turning in on itself of the I»; o contrapeso de Veyne a Hadot e a Foucault.]

1. THOM, J. C. *Cleanthes' Hymn to Zeus: Text, Translation, and Commentary*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005, 207 p. [Intermediário: Watanabe (n.º 74), pp. 345–346: os vv. 18–21 como restauração da ordem, contra a teodiceia em sentido estrito.]

1. BOBZIEN, Susanne. *Determinism and Freedom in Stoic Philosophy*. Oxford: Clarendon, 1998. E "Freedom and That Which Depends on Us: Epictetus and Early Stoics" (existência conferida em catálogo) [dados a completar]. [Nomeada, não aberta; Crisipo compatibilista [tese a confirmar; página a confirmar].]

1. GILL, Christopher. *The Structured Self in Hellenistic and Roman Thought*. Oxford, 2006 [editora a completar]. [Nomeada, não aberta [tese a confirmar].]

1. SELLARS, John. *The Art of Living: The Stoics on the Nature and Function of Philosophy*. Ashgate, 2003; *Stoicism*. Acumen, 2006 [editoras e anos de memória da pesquisa; a confirmar]. Artigo sobre *Diatribes* I, 18, 10,

Classical Quarterly, v. 66, 2016, pp. 410–413 [conferido na bibliografia de Dinucci (n.º 35)]. [Nomeada, não aberta. A crítica ao estoicismo sem física e sem deus [tese a confirmar].]

1. ANNAS, Julia. *The Morality of Happiness*. Oxford, 1993 [editora a completar]. [Nomeada, não aberta [tese a confirmar].]

1. BRENNAN, Tad. *The Stoic Life: Emotions, Duties, and Fate*. Oxford, 2005 [editora a completar]. [Nomeada, não aberta [tese a confirmar].]

1. GOURINAT, Jean-Baptiste (org.). *L'éthique du stoïcien Hiéroclès*. [Cidade a completar]: Septentrion, 2016. Com Christelle Veillard, Christopher Gill, Francesca Alesse, Marcelo Boeri, David Konstan, Ilaria Ramelli e Thomas Bénatouïl. [Intermediário: resenha de Pinto de Brito (n.º 75); páginas a confirmar. Gourinat (1998), citado por Dinucci (n.º 35), p. 25, nota 71, sobre "dois modelos" na recepção de Epicteto: obra não identificada.]

1. AGOSTINHO. *De civitate Dei* (*A cidade de Deus*), IX, 4–5; XIV, 8–9. Latim, em The Latin Library (sem subseções numeradas; Dombart–Kalb provável [a confirmar]). [Edição de consulta, com [V-la]. As subseções (IX, 4, 2–3; XIV, 9, 4) seguem o Estudo XII; a fórmula *initium ut esset* é XII, 20, 4 = XII, 21. *A cidade de Deus*, V, 8–9 (destino e providência estoicos), só apontada.]

1. AGOSTINHO. *The City of God*. Tradução de Marcus Dods. In: SCHAFF, Philip (ed.). *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 1.ª série, v. 2 [ano a completar] (newadvent.org/fathers/120109.htm e 120114.htm). [Edição de consulta; numera só capítulos. Traduz *misericordia* por "compassion".]

1. AGOSTINHO. *A cidade de Deus*. Tradução de Oscar Paes Leme. Vozes / Federação Agostiniana Brasileira [cidade e ano: dados a completar]. [Nomeada, não aberta: a letra portuguesa de IX, 4–5 e XIV, 8–9 é do estudo, sobre o latim e sobre Dods.]

1. AGOSTINHO. *A cidade de Deus*. Tradução de J. Dias Pereira. [Cidade a completar]: Fundação Calouste Gulbenkian [ano a completar]. [Nomeada, não aberta. O Estudo XII a cita em XIV, 9 [V-pt, segundo o Estudo XII]; reconferir no volume.]

1. GÉLIO, Aulo. *Noctes Atticae* (*Noites áticas*), VII, 2 e XIX, 1. Latim: The Latin Library (VII, 2) e LacusCurtius (XIX, 1; penelope.uchicago.edu/Thayer/L/Roman/Texts/Gellius); edição-base não indicada. [Edição de consulta: XIX, 1, 1; 14; 17 (o ânimo do sábio "se move, se contrai e empalidece") e 20. O quinto livro das *Diatribes*, que Gélio leu, não está no corpus conservado; o lugar da doutrina nele é [a confirmar].]

1. TERTULIANO. *De anima* (*Sobre a alma*), XX, 1. Latim, em The Latin Library; inglês de HOLMES [prenome a completar], *Ante-Nicene Fathers* 3. [Edição de consulta: "Seneca saepe noster". O passo senequiano que Tertuliano usa não foi localizado.]

1. JERÔNIMO. *De viris illustribus* (*Sobre os homens ilustres*), 12. Inglês na coleção *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2.ª série, v. 3 (newadvent.org/fathers/2708.htm) [tradutor a confirmar]. [Edição de consulta, em inglês; o latim não foi aberto, nem as cartas apócrifas entre Paulo e Sêneca.]

1. MONTAIGNE, Michel de. *Essais* (*Ensaios*), I, 14. Francês da edição de 1595, Gutenberg 48529 (onde o capítulo é o "XL" do livro I); inglês de Florio, 1603. [Edição de consulta. A "sentença grega antiga" é *Encheirídion*, 5, que Montaigne não nomeia; Posidônio e Pompeu em *Tusculanas*, II, 61 [localização a confirmar].]

1. PASCAL, Blaise. *Entretien avec M. de Saci* (*Conversa com o senhor de Saci*). Inglês de Wight, 1909 (monadnock.net/pascal/conversation.html). [Edição de consulta, em inglês; o francês não foi aberto, nem os fragmentos dos *Pensées* sobre os estoicos.]

1. DESCARTES, René. *Discours de la méthode*, 3.ª parte. Francês (Gutenberg 13846); inglês de Veitch (Gutenberg 59). [Edição de consulta. As cartas a Elisabeth de 1645 (AT IV 251–253; Shapiro, 2007) chegam por intermediário: Brandon Watson, *Siris*, 11/05/2015; a letra das cartas não foi aberta.]

1. SPINOZA, Baruch. *Ética*, V, Prefácio. Inglês de Elwes (Gutenberg 3800). [Edição de consulta, em inglês; o latim não foi aberto.]

1. HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*, "Freedom of Self-Consciousness: Stoicism". Inglês de Baillie (marxists.org/reference/archive/hegel/works/ph/phbb.htm). [Edição de consulta, em inglês: *contentless thought* e "on the throne as well as in fetters". A numeração §§197–201 é da edição de Miller, que não foi aberta; Baillie não numera. O alemão não foi aberto.]

1. HEGEL, G. W. F. *Lectures on the History of Philosophy*, "The Philosophy of the Stoics", 3, Ethics. Tradução de Haldane e Simson (marxists.org/reference/archive/hegel/works/hp/hpstoics.htm) [página a confirmar]. [Edição de consulta, em inglês.]

1. HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. Tradução de Paulo Meneses. Vozes [cidade e ano: dados a completar]. [Nomeada, não aberta.]

1. NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*, IV, §276 (*amor fati*) e §306 ("Estoico e epicurista"). Inglês de Common (Gutenberg 52881). [Edição de consulta, em inglês; o alemão não foi aberto.]

1. NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*, §9. Inglês de Zimmern (Gutenberg 4363). [Edição de consulta, em inglês: "Ó nobres estoicos, que fraude de palavras!".]

1. NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*, "Warum ich so klug bin" ("Por que sou tão inteligente", título vertido pelo estudo). Inglês de Cohn (Gutenberg 52190). [Edição de consulta, em inglês; a edição de Cohn não numera as seções; o §10, que o plano dá, e a seção de "*Amor fati* is the core of my nature" ficam [a confirmar].]

1. NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 (Companhia de Bolso, 344 p.). [Nomeada, não aberta; ficha conferida. *Além do bem e do mal* e *Ecce Homo* na tradução de Souza: ficha não aberta, ano a confirmar.]

1. ARENDT, Hannah. *The Life of the Mind*, v. II, *Willing* (*A vida do espírito*, II, *O querer*). New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1978. [Nomeada, não aberta (empréstimo digital bloqueado). Epicteto e a vontade como poder do eu [paráfrase; tese a confirmar; localização e páginas a confirmar].]

1. PIGLIUCCI, Massimo. *How to Be a Stoic: Using Ancient Philosophy to Live a Modern Life*. New York: Basic Books, 2017. [Nomeada, não aberta; título e editora do plano da pesquisa [tese a confirmar].]

1. HOLIDAY, Ryan. *The Obstacle Is the Way*. New York: Portfolio, 2014. Edição brasileira: *O obstáculo é o caminho* (Intrínseca), ficha não aberta. [Nomeada, não aberta. A frase do título é paráfrase de *Meditações*, V, 20 [atribuição a confirmar].]

1. IRVINE, William B. *A Guide to the Good Life: The Ancient Art of Stoic Joy*. Oxford: Oxford University Press, 2009. [Nomeada, não aberta; título e editora do plano da pesquisa [tese a confirmar].]

1. BECKER, Lawrence C. *A New Stoicism*. Princeton: Princeton University Press, 1998. [Nomeada, não aberta; título e editora do plano da pesquisa [tese a confirmar].]

1. McEVILLEY, Thomas. *The Shape of Ancient Thought: Comparative Studies in Greek and Indian Philosophies*. New York: Allworth Press, 2002. [Nomeada, não aberta; a comparação com o budismo é do Estudo I.]

1. KUZMINSKI, Adrian. *Pyrrhonism: How the Ancient Greeks Reinvented Buddhism*. Lanham: Lexington, 2008. [Nomeada, não aberta; trata do pirronismo, não da Stoa, e o estudo o diz.]

AS CASAS VISITADAS, POR INTERMÉDIO DOS ESTUDOS ANTERIORES

1. LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*, pp. 154, 221 e 226 [edição, tradutor e ano: dados a completar]. [Intermediário: Estudo VIII, 4.5. O "epicuristas" nas pp. 154, 221 e 226; "nenhum rosto pode ser abordado de mãos vazias e com a casa fechada", p. 154.]

1. RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*, edição espanhola, pp. 171 e 292–293 [edição e tradutor: dados a completar]. [Intermediário: Estudo IX, 4.4. "O orgulho estoico da inflexível constância a si".]

1. RICOEUR, Paul. *Finitude e culpabilidade*, edição espanhola, p. 461 [edição e tradutor: dados a completar]. [Intermediário: Estudo IX, 4.4. A explicação "de tipo estoico" e o sofrimento dos inocentes.]

1. RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*, III, edição portuguesa, pp. 115 e 436 [edição e tradutor: dados a completar]. [Intermediário: Estudo IX, 4.2. "Uma configuração ética, muito marcada por certo estoicismo".]

1. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, II, 6, 1106b36–1107a2. [Grego conferido; o português chega por intermediário: Estudo XI, 4.1. "Relativa a nós".]

1. SÓCRATES, como modelo da Stoa: SÊNECA, *Carta* 6, 6 e *Carta* 104, 27–28; EPICTETO, *Diatribes*, I, 9, 1, todos em inglês. [Intermediário: Estudo X, 4.1; o latim da *Carta* 104 não foi aberto.]

1. SÊNECA. *Sobre a ira*, I, 9, em tradução inglesa. [Intermediário: Estudo XI, 4.1; localização a confirmar.]

1. EPICTETO. *Diatribes*, III, 13 (a *erēmia*, o ermo, e o estar só). [Nomeada, original não aberto. Intermediário: Arendt (n.º 133), por meio do Estudo XIII, 4.3.]

1. ARENDT, Hannah. *The Origins of Totalitarianism*, cap. 13, p. 476. New York: Harcourt, 1973. [Intermediário: Estudo XIII, 4.3. *Erēmos* e *monos*; "precisa dos outros"; localização a confirmar.]

1. ARENDT, Hannah. *The Human Condition*, p. 325. Chicago: University of Chicago Press, 1958. [Intermediário: Estudo XIII, 4.3. Catão, em Cícero, e o paradoxo do ativo que nada faz; seção a confirmar.]

1. AGOSTINHO. *A cidade de Deus*, IX, 4, 2–3; XIV, 9, 4; XIX, 5. [Intermediário: Estudo XII, 4.2 [V-la; localização a confirmar]. A leitura de Agostinho aberta pelo estudo está no n.º 100.]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. LUMEN FLUENS. *Cânon v1.2*. [Autoridade final; só o fundador o altera. Citado por parte e título: "Origem", "Os Quatro Pilares", "Regra de Vida", "O Abrigo", "A Vigília", "As Águas Comuns", "A Regra da Misericórdia", "A Bússola", "Independência confessional".]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Luz Interior*.

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Vigília*.

1. LUMEN FLUENS. *Tratado das Águas Comuns*.

1. LUMEN FLUENS. *Disputatio da Luz Interior e do Mal*.

1. LUMEN FLUENS. *Catecismo*.

1. LUMEN FLUENS. *Meditações Práticas*. [No estudo, "Meditações" sem mais é sempre o livro de Marco Aurélio.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 17/10/2026* (n.º 1–7, numeradas como no Prólogo do Estudo VII).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 19/10/2026* (n.º 1–12, como no Prólogo do Estudo VIII).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10/2026 sobre o Estudo IX* (n.º 1–13).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10/2026 sobre o Estudo X* (n.º 1–10).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XI* (n.º 1–11).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XII* (n.º 1–11).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII* (n.º 1–12). [As listas de 23/10 e de 31/10 são sempre citadas com o nome do estudo.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VII* (Hegel). [Leitura anterior; seções 2.2, 3.4 e 4.2.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VIII* (Levinas). [Seção 4.5.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado IX* (Ricoeur). [Seções 4.2 e 4.4.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado X* (Platão). [Seções 2.3 e 4.1.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XI* (Aristóteles). [Seções 4.1 e 4.7.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XII* (Agostinho). [Seções 4.2 e 5.1.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XIII* (Arendt). [Seções 1.8 e 4.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Ficha do Estudo II* (outubro de 2026). [Apontamento do fundador, não cânon: as sete frases, quatro toques e três fronteiras.]

1. LUMEN FLUENS. *Fichas dos Estudos I–VII*. [Apontamentos, não cânon; a Ficha do Estudo I é citada no cap. 4, seção 4.8.]

Conferências pendentes

Conferências pendentes

Este estudo traz 51 passagens marcadas para conferir e 688 marcas de verificação ao todo. Nada abaixo é doutrina: são dados de fonte, página e edição que a leitura cuidadosa de um exemplar em mãos pode fechar. Os itens estão numerados entre parênteses dentro de cada célula. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

TIPO	O QUE FALTA
Edições não abertas	(1) Sêneca em português: *Cartas a Lucílio*, Segurado e Campos (Gulbenkian; ano, volumes e introdução a confirmar); os quatro volumes de Lohner na Penguin-Companhia (2014, 2017, 2021, 2026), de que só se conhece o que Franco (2022) cita de *Sobre a ira*; *Da clemência*, Braren (Vozes de Bolso, 2013), cujo português chega por Bueno (2022). (2) Epicteto: a edição impressa de Dinucci–Julien (EdiUFS, 2012; o estudo abriu a versão digital da *Prometeus*), a de Coimbra (2014), os *Testemunhos e fragmentos* e o *Manual* de Silveira Mendonça. (3) Marco Aurélio em português: Dinucci (Penguin-Companhia, 2024; só a ficha da editora), Maia, Botelho, Lúcia Miguel Pereira, António Sérgio, Sousa, Fonseca, Li e Bini; todo o português de Marco Aurélio é do estudo. (4) Diógenes Laércio, Gama Kury (UnB); as traduções brasileiras e portuguesas de Cícero (*Dos deveres*, *Dos fins*), que a pesquisa de fontes não identificou. (5) Originais e aparatos: o OCT de Reynolds para Sêneca; Dalfen e Farquharson para Marco Aurélio; Musônio em Hense; Estobeu (Cleantes e Hiérocles) e as localizações de Wachsmuth–Hense; SVF; Long–Sedley; Loeb de Basore, Oldfather e Haines; Hard; a Budé, que não foi usada. (6) Intérpretes: *Exercícios espirituais* e *La Citadelle intérieure* (Hadot), a aula de Foucault de 24/03/1982, Nussbaum, Graver, Inwood, Long, Griffin, Veyne, Bobzien, Gill, Sellars, Annas, Brennan, Gourinat: nenhum foi aberto. (7) A tradição: Agostinho em Paes Leme e em Dias Pereira (a letra portuguesa é do estudo, sobre o latim e sobre Dods); o latim de Jerônimo; o francês de Pascal e os *Pensées*; o latim de Spinoza; o alemão de Hegel e de Nietzsche; Hegel na tradução de Meneses e a numeração §§197–201 de Miller; Nietzsche em Souza; as cartas de Descartes a Elisabeth; *A vida do espírito* II, de Arendt. (8) O que chega só por intermediário dos Estudos anteriores: o latim da *Carta* 104, 27–28 e o inglês da *Carta* 6, 6 (Estudo X); *Sobre a ira*, I, 9 (Estudo XI); *Diatribes*, III, 13, e Arendt, *Origens*, cap. 13, p. 476, e *A condição humana*, p. 325 (Estudo XIII).
Passagens com [página a confirmar], [localização a confirmar] ou [tese a confirmar], por capítulo e seção	**Prólogo**: (1) "Como ler este estudo" define as marcas e não traz passagem própria; nas Fontes do Prólogo, Foucault, aula de 24/03/1982 [tese a confirmar], e Nietzsche, *Ecce Homo* [seção a confirmar]. **Cap. 1**: (2) 1.1, a ética da Stoa antiga apoiada na natureza do todo [paráfrase; localização a confirmar]; Epicteto, escravo e depois liberto [localização a confirmar]. (3) 1.2, "não é o que te acontece, mas como reages" [atribuição a confirmar]. (4) 1.5, Bobzien, Crisipo compatibilista [tese a confirmar; página a confirmar]; Nietzsche, *Ecce Homo*, seção. (5) 1.7, Hadot, *La Citadelle intérieure*, página [paráfrase; página a confirmar]; Arendt, *Origens*, cap. 13, p. 476, e Epicteto, *Diatribes*, III, 13 [localização a confirmar]. (6) 1.8, Foucault, aula de 24/03/1982 [tese a confirmar]. (7) 1.9, Lohner, *Sobre a ira*, III, 36, 3–4, via Franco 2022 [grafia a conferir]. **Cap. 2**: (8) 2.2, Foucault, aula de 24/03/1982 [tese a confirmar; página a confirmar]. (9) 2.5, Sêneca, *Sobre o ócio*, 4, 1, "duas repúblicas" [localização a confirmar]. (10) 2.6, Hadot, *La Citadelle intérieure*, página [paráfrase; página a confirmar]. (11) 2.9, a *praemeditatio malorum* [paráfrase; localização a confirmar]; "de cima",

TIPO	O QUE FALTA
	cuja ocorrência única nas Meditações Práticas o texto marca como a conferir. **Cap. 3**: (12) 3.3, Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 111, "por quem sofre indignamente", em Hicks [conferência a fazer]; (13) 3.3, Foucault, aula de 24/03/1982 [tese a confirmar]; Lohner, via Franco 2022. (14) 3.4, Graver, as *eupatheiai* como emoções do sábio [paráfrase; tese a confirmar]. **Cap. 4**: (15) 4.1, Hegel, Baillie, e a numeração §§197–201 de Miller [página a confirmar]. (16) 4.5, Gélio: o lugar da doutrina no corpus conservado de Epicteto [localização a confirmar]; Jerônimo, *Sobre os homens ilustres*, 12 [tradutor a confirmar]. (17) 4.6, Arendt, *A vida do espírito* II, Epicteto e a vontade [paráfrase; tese a confirmar]. (18) 4.7, Agostinho, *A cidade de Deus*, V, 8–9 [localização a confirmar]; se *Encheirídion*, 8, já ama o destino [tese a confirmar]; Nietzsche, *A gaia ciência*, §276 [página a confirmar] e *Ecce Homo* [seção a confirmar]. (19) 4.8, McEvilley e Kuzminski; Pigliucci, Holiday, Irvine e Becker; Sellars [tese a confirmar]; "o obstáculo é o caminho" [atribuição a confirmar]. **Cap. 5**: (20) 5.2, Agostinho, IX, 4, 3 e XIV, 9 (duas passagens), via Estudo XII [localização a confirmar]. (21) 5.3, *Sobre a ira*, I, 9, em inglês, via Estudo XI [localização a confirmar]. **Cap. 6**: (22) nenhuma marca no corpo; as Fontes remetem às seções 1.2, 1.5, 1.9, 3.2 e 4.3, onde as marcas estão.
Passagens traduzidas pelo estudo	(1) Do latim, entre outras: de Sêneca, "por agora te perdoo", "vigia de si e censor secreto", "vivi, e cumpri o curso", "a verdadeira alegria é coisa séria", "o destino conduz quem lhe obedece", "não sirvo a deus, assinto", "uma doença do ânimo", "nada de mau pode acontecer", "só o tempo é nosso"; de Cícero, "acende uma luz a partir da própria luz"; de Gélio, Agostinho e Tácito. A cotejar com Segurado e Campos (*Cartas*), Lohner (*Ira*, *Providência*, *Ócio*, *Vida feliz*) e Braren (*Clemência*); as *Cartas* 9, 41, 47, 58 e 107 já têm português aberto (Dinucci, Miotti, Murachco, Furlan). (2) Do grego, entre outras: todo Marco Aurélio, a cotejar com Dinucci (2024) e com Maia, Botelho e Lúcia Miguel Pereira; as *Diatribes* de Epicteto fora do livro I (Dinucci só traduziu I, 24–25 e 29–30 além do livro I); Diógenes Laércio, a cotejar com Gama Kury; o *Hino a Zeus*, vv. 18–21, via Thom e Watanabe. (3) Do inglês, entre outras: Hegel (Baillie), Nietzsche (Common, Cohn, Zimmern), Pascal (Wight), Montaigne (Florio), Descartes (Veitch), Spinoza (Elwes), Jerônimo, Agostinho (Dods), Veyne (via *SEP*); a cotejar com Souza (Nietzsche), Meneses (Hegel), Paes Leme e Dias Pereira (Agostinho). (4) Do espanhol: as passagens de Ricoeur (*O si-mesmo como um outro*, pp. 171 e 292–293; *Finitude e culpabilidade*, p. 461) que vêm pelos Estudos VIII e IX. (5) Cada tradução deve ser cotejada com a edição brasileira ou portuguesa correspondente antes de qualquer publicação.
A convenção "coisa séria" / "alegria severa" e as traduções fixadas	(1) *Verum gaudium res severa est* (*Cartas a Lucílio*, 23, 3–4) vai "a verdadeira alegria é coisa séria"; Gummere traz *stern*; "alegria severa" é o nome que o estudo dá à fronteira de 3.4, a partir do latim, e não é letra de tradução alguma. Falta o cotejo com Segurado e Campos. (2) *Eupatheiai* vão "afetos bons"; *chara*, "elevação racional"; Graver, que dá a tese das *eupatheiai* como emoções do sábio, não foi aberto. (3) *Stuporem* (*A cidade de Deus*, XIV, 9) vai "torpor" no texto e "estupor" nas Fontes do cap. 5: uniformizar. (4) *On the throne as well as in fetters* (Baillie) vai "no trono e nas cadeias" (caps. 1 e 5) e "tanto no trono quanto nas cadeias" (cap. 4): uniformizar. (5) *Vixi et quem dederat cursum fortuna peregi* (*Carta* 12, 8–9) vai "vivi, e cumpri o curso que a fortuna me deu". (6) *Ta eph' hēmin* vai "encargos nossos" (Dinucci, contra "sob nosso controle", Hard e White), e *prohairesis*, "escolha" ou "capacidade de escolha" (Dinucci, contra *volition*, Long). (7) *Apospasmata* vai "partes e pedaços" no estudo e "partes e fragmentos" em Dinucci (nota 470). (8) *Ho aiōn* (*Meditações*, IV, 43) vai "a era, o tempo inteiro" no Prólogo e em 1.5 e "eternidade" nas Fontes do cap. 5: uniformizar. (9) *Kosmios* vai "do mundo, ordenado".

TIPO	O QUE FALTA
Divergências de localização resolvidas	(1) *Meditações*, IV, 43: o sujeito é *ho aiōn*, e o predicado, *potamos tis*; a fórmula "o tempo é um rio dos acontecimentos" é tradução, e não letra. VI, 15 tem *potamos*, mas não *toñ ginomenoñ*; Heráclito vem por nome em IV, 46 e VI, 42; o "tudo flui" não consta com essa letra em nenhuma dessas seções. Falta abrir Dinucci (2024) para dizê-lo em português. (2) *Diatribes*, I, 9, 1 e 6 diz *kosmios*; "cidadão do mundo" (*politēs tou kosmou*) é II, 10, 3. O Estudo X, 4.1, deu o outro lugar, e o estudo o corrige em uma oração (4.3), sem reabri-lo. (3) O *daimon* está em I, 14, 12–14, e o *apospasma*, em I, 14, 6 e II, 8, 11 (o plano dava outro lugar). (4) *Carta* 41: não tem *lux*; a Stoa não chama a alma "luz" ali (41, 1: "deus está perto"; 41, 2: *spiritus*; 41, 5: os raios do sol; 41, 6: *nullo bono nisi suo nitet*). (5) *Carta* 92, 17–18: *lumen* e *igniculus*. (6) *Carta* 94, 29: *scintilla*. (7) Confirmadas pela letra: a *akropolis* é VIII, 48; "os que erram", II, 1; "viver com os deuses", V, 27.
Intérpretes conhecidos só por intermediário ou só nomeados	(1) Por intermediário: Hadot (via Lima, 2021); Foucault (o texto de 1980, e Aggio para a p. 163); Lohner (via Franco 2022); Segurado e Campos (via Medino da Rocha 2016); Braren (via Bueno 2022); Inwood e Nussbaum (via Almeida e Pereira 2020); Long (via Stephens, BMCR 2002.11.03); Thom (via Watanabe); Hiérocles e Gourinat (via Pinto de Brito, BMCR 2016.11.05); Griffin e Veyne (via *SEP* e *IEP*); Joly e Peterlini (resumos dos artigos); Descartes e Elisabeth (via Watson, *Siris*); Levinas, Ricoeur, Aristóteles e Arendt (via os Estudos VIII, IX, XI e XIII). (2) Só nomeados: Graver (só títulos de capítulo), Annas, Brennan, Gill, Bobzien, Sellars, Gazolla, Hasegawa, Sinésio, Butti de Lima, Rocha Pereira, Costa Jr. e Frighetto (só o título), Pigliucci, Holiday, Irvine, Becker, McEvilley e Kuzminski. (3) Nomes da pesquisa de fontes que o estudo não usa e que ficam fora da bibliografia: Striker, Rist, Bréhier, Pohlenz, Frede, DeBrabander, James, Lipsius, Siderits, Whiting.
As frases virais e o que se achou	(1) "*Amor fati*": não aparece em nenhuma passagem estoica aberta; é de Nietzsche (*A gaia ciência*, §276, Common; *Ecce Homo*, "Warum ich so klug bin", Cohn, seção a confirmar). (2) "Não é o que te acontece, mas como reages": [atribuição a confirmar]; *Encheirídion*, 5, diz outra coisa ("as coisas não inquietam os homens, mas as opiniões"). (3) "Temos duas orelhas e uma boca": achada em Diógenes Laércio, VII, 23, dita de Zenão [V-gr]; o estudo não a usa. (4) "O obstáculo é o caminho": título de Holiday; *Meditações*, V, 20, diz a conversão do impedimento pela mente; é paráfrase, não frase da Stoa [atribuição a confirmar]. (5) "Sofremos mais na imaginação do que na realidade": *Carta* 13, 4, «saepius opinione quam re laboramus» [V-la]; "imaginação" é do inglês de Gummere, e o latim diz *opinio*; o estudo não a usa. (6) "A vida é longa, se soubermos usá-la": não foi achada nas fontes abertas; *Sobre a brevidade da vida* só foi visto na ficha da editora (Lohner, 2017); localização e letra [a confirmar]; o estudo não a usa.
Datas duvidosas	(1) Sêneca: nasce c. 4 a.C. (IEP, Wikipédia) ou c. 1 (SEP), uma diferença de até três anos; morre em 65 d.C. (2) Cleantes: c. 330–c. 230 a.C. (Wikipédia) ou c. 331–232 (plano). (3) Crisipo: c. 279–c. 206 a.C. (Wikipédia) ou c. 280–206 (plano). (4) Posidônio: "séculos II–I a.C.", sem datas conferidas em fonte aberta. (5) Musônio Rufo: "século I d.C.", sem datas conferidas. (6) Hiérocles: "século II d.C.", sem datas conferidas. (7) Epicteto: c. 50–c. 135; escravo de Epafrodito [a confirmar em fonte primária]; a expulsão dos filósofos por Domiciano, que a pesquisa de fontes registra e o capítulo 1 não usa, fica sem data e sem circunstância [a confirmar]. (8) Zenão, Panécio, Cícero e Marco Aurélio: datas das mesmas fontes, sem divergência marcada.

TIPO	O QUE FALTA
Divergências de edição e dados	(1) Dinucci—Julien, *Encheirídion*: EdiUFS, 2012, e Coimbra, 2014 (bibliografia de Dinucci, 2020), e não "Coimbra/EDUFS, 2012" como no plano; os *Testemunhos e fragmentos* trazem 2008 e 2009 na mesma bibliografia. (2) Lohner, *Sobre a ira*, III, 36, 3—4, em duas grafias: "Trata de não fazer mais isso; por agora te perdoo" (p. 183, via Franco 2022) e "cuida de não fazer mais isso" (cap. 1.9 e Fontes) [grafia a conferir]; o mesmo vale para III, 26, 4 (p. 175). (3) Hicks, *Vidas*, VII, 111: [conferência a fazer]. (4) *Ecce Homo*: a edição de Cohn não numera as seções; o §10 vem do plano. (5) Foucault: o texto de 1980 chega por intermediário não nomeado; a aula de 24/03/1982 não foi aberta, e "tribunal" e "contabilidade" não foram conferidas em aspas. (6) *ExClass* = *Exemplaria Classica*, n. 10, 2006, a confirmar. (7) Braren: Vozes de Bolso, 2013 (ficha de livraria), ou Vozes, 1990 (bibliografia de Bueno). (8) Segurado e Campos: 1991, com reedições que a fonte dá como 2004 e 2009. (9) O Prólogo diz que o latim de Cícero foi conferido na The Latin Library e que Hard foi visto em trechos; a pesquisa de fontes usou o Perseus para *Dos fins*, *Sobre o destino* e *Dos deveres*, e registra Hard como não aberto: corrigir o Prólogo ou a bibliografia. (10) *Prometeus* e *Prometheus* (n. 36, 2021) nas fontes. (11) Dinucci, *Meditações*: Penguin-Companhia, 2024, e não "Companhia das Letras", como numa das fichas da pesquisa de fontes. (12) A edição-base das *Diatribes* no Perseus, e as de Marco Aurélio e de Diógenes Laércio, não foram conferidas; a The Latin Library não numera as subseções de Agostinho (o Estudo XII usou IX, 4, 2—3, do CCSL).
A questão (i)	A questão (i) do Estudo VII consta como aberta em 19/10 e em 23/10 (sobre o Estudo IX) e já não consta da lista de 23/10 sobre o Estudo X; a pesquisa de fontes não identificou a decisão que a fechou [a confirmar]. O estudo não a menciona nem a reabre. Nada a conferir no texto; falta saber, nos registros do fundador, qual decisão a retirou.
O que a decisão do fundador pode resolver	Nada nas conferências é doutrina. À decisão do fundador cabem: (1) as perguntas abertas (bo) a (bx), mais as herdadas (g), (j) e (k); (2) a fórmula (6.2): "aceita da Stoa o exame e recusa a providência", ou "aceita da Stoa o portar e recusa a centelha nomeada", ou emenda; (3) a Ficha reescrita (5.4, pergunta (bx)): cinco toques e quatro fronteiras, sem "tribunal", sem "*amor fati*", sem "participação num princípio que nos excede" e sem "cidadela, não"; (4) os registros de procedimento: "cidadão do mundo" em *Diatribes*, I, 9 × II, 10, 3 (corrige o Estudo X sem reabri-lo); a Origem, "não resistir à mudança nem ser arrastado por ela", ouvida como eco de "conduz quem lhe obedece" sem ser afirmada como toque; e "encargos nossos" (Dinucci) por *ta eph' hēmin*. O que as conferências fecham é só o dado de fonte.

Painel de verificação

Contagem, feita sobre o texto final, das marcas entre colchetes que acompanham citações e leituras. “Corpo” é o texto do Prólogo e dos capítulos; “Aparato” são as fontes por capítulo. Neste estudo as passagens da Stoa foram conferidas, quando possível, no latim e no grego dos originais (The Latin Library; Perseus), com as traduções brasileiras e portuguesas à vista por intermediário (ver o Prólogo, “Como ler este estudo”); o que não foi conferido em edição brasileira ou portuguesa vai como [V-la], [V-gr], [V-en] ou tradução do estudo (ver o Apêndice B).

MARCA	TOTAL	CORPO	APARATO
[V-gr; tradução do estudo]	146	70	76
[V-la; tradução do estudo]	129	62	67
[leitura do estudo]	96	75	21
[V-gr]	73	34	39
[V-la]	58	28	30
[V-pt]	34	17	17
[V-en]	33	17	16
[V-en; tradução do estudo]	19	9	10
[V via secundária]	18	9	9
[paráfrase]	16	7	9
[hipótese do estudo]	14	14	0
[tese a confirmar]	12	8	4
[paráfrase; … a confirmar]	11	6	5
[… a confirmar]	10	7	3
[inferência do estudo]	7	7	0
[V-es]	6	3	3
[V-fr; tradução do estudo]	4	2	2
[V-fr]	1	1	0
[tradução do estudo]	1	1	0

Citações entre aspas e palavras, por capítulo:

CAPÍTULO	CITAÇÕES	PALAVRAS
Prólogo — O estado da questão e o método	71	4414
1. O estoicismo em sua melhor forma	134	5465
2. Onde nos tocamos	128	3860

CAPÍTULO	CITAÇÕES	PALAVRAS
3. Onde nos separamos	151	5421
4. O estoicismo diante das casas da série	101	3955
5. A Ficha e as prévias: o que a série já disse do estoicismo	101	2881
6. Síntese, fórmula e questões abertas	82	4148
Total	768	30144

Toda citação do corpo foi conferida, fragmento a fragmento, contra a pesquisa de fontes do estudo e contra o Cânon v1.2, os três Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações, as decisões do fundador e os Estudos VII a XIII; nenhuma foi inventada. As que não puderam ser conferidas numa edição levam marca. Dentro das aspas fica a grafia da edição citada.